

ABRAÃO

As experiências de nosso pai na fé

ELIENAI CABRAL

RAÃO ABRAÃO

As experiências de nosso pai na fé

ILIENA CABRAL



CB©

Todos os direitos reservados. Copyright <D 2002 pari a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa e projeto grafico: Flamir Ambrósio Fditoração: Hduardo Souza e Rodrigo Fernandes

CDD 221 92 ■ Lliogral'ias do .AntigoTestamento ISHN: HS - 263 - 0404 ■ x

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Res ista e Corrigida, edição de I99S da Soeiedade Híblica do llrasil, salvo indicação em contrario

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site http://w\v\v cpad.com br

Casa Publicadora das Assembleias de Deus Caixa Postal 3.31

20001-9T), Rio de Janeiro, RJ, Hrasil

I Clin, ao/ 21102 2' iàlição 2002

Um Teólogo Comprometido Com o Reino de Deus

Conheço o pastor Elienai Cabral há mais de trinta anos. E posso garantir que ele é um homem profundamente comprometido com o Reino de Deus. O tempo, apesar dos tributos que nos cobra e dos impostos que nos retém na fonte cie nossas energias, não lhe arrefeceu os ideais; tornou-os mais fortes e provados. É por isto que Elienai, como é carinhosamente tratado pelos amigos, assoma o púlpito com o mesmo entusiasmo da juventude: o ministério vem-lhe remoçando o compromisso ante as urgências da Igreja de Cristo.

Além de pregador. Elienai Cabral é um de nossos mais confiáveis e excelentes teólogos. Jamais se deixou embair pelos modismos; seu compromisso com a Bíblia Sagrada é inegociável. Sua teologia não se perde nos escaninhos da especulação, nem nos compartimentos da filosofia. É uma teologia que. embora profunda, é marcada pela devoção e prática dos grandes avivamentos. Nisto, assemelha-se Elienai a I.utero que. ao discorrer sobre a

importância da teologia, foi mui categórico e claro: A teologia consiste, principalmente, no seu uso e prática, e não na sua especulação"

Elienai Cabral é também um homem de igreja. Ao contrário dos que desprezam ministérios e convenções, vem ele contribuindo ativamente para que estas e aqueles jamais percam suas características de Reino de Deus. É um homem de igreja: não um homem do povo. Fala o que este precisa ouvir, não o que as pessoas querem escutar.

Escritor habilidoso e ético, jamais se ocupou dessas novidades que envelhecem antes mesmo de chegarem à adolescên-

cia. Todavia, sempre brindou a igreja com coisas novas e ver-dades renovadas por uma vida de oração e jejuns. Nos livros que já escreveu; nas lições que já comentou; nas pesquisas que vem empreendendo desde os tempos de seminário, podemos descortinar alguém que, à semelhança do salmista, consagra todo o seu talento ao Senhor Jesus Cristo (SI 45.1,2).

Sim, um talento santificado a Deus!

É o que constatamos ao ler esta obra. Conquanto seja a história de Abraão bastante conhecida, temos aqui, neste livro, aplicações relevantes, práticas e contextualizadas. É como se o pai da nação hebréia deixasse as páginas das Sagradas Escrituras, e viesse morar numa de nossas metrópoles, ou nalgum interior destes longes do Brasil. Elienai Cabral mostra-nos que, assim como Abraão fez-se um herói da fé. apesar de suas limitações, também podemos nos agigantar em nossa crença em Deus, e expandir as fronteiras de seu Reino até

aos confins da terra. E que nesta caminhada pela fé. venhamos a comprometer-nos, de fato. com o Senhor Jesus Cristo. Aleluia!

No serviço cristão, há muitos envolvidos; poucos, entretanto. comprometidos. Elienai Cabral pertence a este segundo e seletíssimo grupo; jamais deixou de lado o seu compromisso com o Cristo de Deus. Brota exatamente daí a sua extraordinária força moral e espiritual. Este livro, por conseguinte, não foi escrito por alguém que, meramente, domina a arte de escrever; foi escrito por alguém que vive o que escreve, revivendo o que fala.

Em Cristo,

Fr Claudionor de Andrade

'***Prefácio***

Dentre os personagens bíblicos, Abraão foi indiscutivelmente o homem que o Deus eterno escolheu para a execução de um plano espiritual de resgate da raça humana. A partir da sua semente, um povo especial seria formado para representar os interesses divinos perante todos os homens. Abraão era oriundo de uma terra pagã, na qual vivia juntamente com sua família. Quando foi chamado por Deus para servi-lo, Abraão identificou que este era o Deus eterno, inv isível e poderoso. Por isso, creu, e a Bíblia diz que "isto lhe foi imputado como justiça” (Rm 4.3). Abraão, antes habituado aos deuses palpáveis e neutros da Mesopotâmia, demonstrou fé num Deus desconhecido e invisível, desenvolvendo um relacionamento especial com Ele, que era um Deus pessoal, com quem podia comunicar-se. Os deuses de sua família, por outro lado, eram incomunicáveis e mortos. Abraão descobriu pela fé

que era possível falar com este Deus como se falam duas pessoas comuns. De fato, foi uma amizade pessoal, em que havia comunhão, informação, conhecimento e cordialidade. Uma relação de confiança era construída entre ambos. Antes mesmo que Abraão existisse, um projeto divino fora estabelecido com um plano que abrangeria toda a sua vida e

também li sua posteridade. Nessa relação divino-humana, toda a \'ida de Abraão foi pautada por valores morais e espirituais como fé. benevolência, coragem e desprendimento. Dentre os homens especiais do livro de Gênesis, Abraão foi uma figura extraordinária. Depois de Adão, poderíamos nos lembrar de homens como Abel, Enoque. Noé, Isaque. Jacó e José. Mas com Abraão temos a história de uma família da qual se iniciou uma nova civilização na terra. Eoi a partir dele que a história tomou o curso de um projeto especial de Deus. Da semente de Abraão brotariam outras sementes que se espalhariam na terra; a história seria escrita e a soberania divina, estabelecida. Abraão se tornou, portanto, o personagem principal da história de um povo que representaria os interesses de Deus entre outros povos da terra.

Uma relação de inteira confiança mútua

A amizade entre Deus e Abraão nasceu de uma relação de inteira confiança mútua. Algumas passagens bíblic as declaram e testemunham que Deus tratou a Abraão como um amigo especial: "Ocultarei eu a Abraão o que faço?" <Gn 18.17); "Forque eu o tenho conhecido... (Gn 18.19). Em Isaías 41.8. o profeta declara que Israel foi eleito pelo Senhor para representar o seu "nome" na terra por causa cie Abraão, a quem Ele chama de "meu amigo"

Fosteriormen-te, a semente de Abraão multiplicou-se, especialmente através do neto Jacó, que mais tarde teve seu nome mudado para "Israel" Os 12 filhos de Jacó formaram uma grande nação, que desfrutou então o cuidado protetor de Deus em razão das promessas feitas ao seu pai Abraão. Lemos, em 2 Crônicas *20.*[7]*.* que o rei Josafá. quando atemorizado por causa dos seus inimigos, orou a Deus pedindo ajuda. Fm

sua oração o rei tinha consciência da relação entre Deus e o povo, por isso apelou ao sentimento divino quando declarou estas palavras: “Porventura, ó nosso Deus, não lançaste fora todos os moradores desta terra de diante do teu povo de Israel e não a deste para sempre à posteridade de Abraão, teu amigo? "

A fé era o elo dessa amizade

O elemento-chave do relacionamento entre Deus e Abraão era a fé. Abraão aprendeu a viver por fé devido a sua capacidade de obedecer à Palavra de Deus. São muitos os exemplos de fé descritos na Bíblia, mas destaca-se especialmente a fé de Abraão, chamado “pai da fé” A palavra "fé" do ponto de vista bíblico, tem o significado de "fidelidade” (Dt 32.4: Sl 36.5; 37.3). Na verdade, o estudo da vida de Abraão é de grande valor por ser ele o pai da nação eleita e o pai da fé de todos os que creem em Deus. Sua chamada reveste-se de um caráter especial, pois foi o ponto de partida para a formação do povo que serviria a Deus. como único, invisível e verdadeiro Deus.

Sumário

Capítulo 8	89

O Pacto Abraâmico	
Capítulo 9 Vacilando na Fé	99
Capítulo 10 Mudança de Caráter	109
Capítulo 11 Abraão, o Amigo de Deus	119
Capítulo 12 O Poder da Oração Intercessória	127
Capítulo 13 A Destruição que Abraão não Conseguiu Evitar	137
Capítulo 14 O Pecado da Mentira	**1 t9**
Capítulo 15 O Conflito dos Séculos	159

Capítulo 16

Experiências Marcantes de um Homem de Fé



Capítulo 1

- As Origens de Abrão
- A Chamada Divina de Abrão
- A Fragilidade de um Homem de Fé
- O Preço da Contenda
- A Bondade que Supera a Maldade
- A Melhor Escolha
- Estresse e Fé
- O Pacto Abraâmico
- Vacilando na Fé
- O Pacto da Circuncisão
- Abraão,
- O Poder da Oração Intercessória
- A Destruição que Abraão não Conseguiu Evitar
- O Pecado da Mentira
- O Conflito dos Séculos
- Experiências Marcantes de um Homem de Fé

As Origens de Abrão

Gênesis 11.24 - 12.1

O primeiro livro cia Bíblia é o livro dos grandes começos, cujo título é indicado pelas duas primeiras palavras: "no princípio” que é a tradução da palavra hebraica *bereshith* A partir desta palavra temos o título mais tradicional. “Gênesis’’ que traduzido do grego significa "origem, começo, fonte, criação” Os primeiros onze capítulos registram o fracasso da raça humana, a partir da desobediência de Adão e Eva, que resultou na perda da comunhão com o Criador. Tragédia e confusão marcaram a história humana até o capítulo 11. O juízo divino veio com o Dilúvio na terra e a confusão das línguas em Babel. Deus resolveu interferir na história e restaurar a comunhão com o homem, escolhendo a linhagem de Sem, filho de Noé. para desta formar um povo especial. A questão da escolha de Sem tem a ver. em primeiro lugar, com a soberania de Deus sobre toda a criação e, em segundo lugar, com a sua presciência. Só Fie conhece todas as coisas, antes e depois, para escolher um dos filhos de Noé e fazer dele a semente de uma nova relação com o homem na terra.

A Fidelidade do Relato do Gênesis

Deus tratou os dois outros filhos de Noé, Cão (= Cam) e Jafé, de modo distinto, mas não discriminatório. Gênesis 9 19 diz que após a inundação purificadora da terra (dilúvio), os filhos de Noé a repovoaram. Pesquisas dos arqueólogos e historiadores atestam que Sem, Cão e Jafé multiplicaram-se e se espalharam por todas as partes da terra: Ásia, África e Europa. Segundo citação de Nelson Beecher Keys

em História Ilustrada do Mundo Bíblico da Seleções do Readers Digest, Ed. 1962, "o décimo capítulo do Gênesis é, com efeito, um documento único. Sustenta-se que nenhuma compilação igual se encontrou jamais na literatura de qualquer outro povo antigo. Seu sentido fundamental ainda está sendo verificado através do mundo inteiro atualmente. Procura provar que esse capítulo do Gênesis teve uma origem comum e que todos os homens são irmãos, com uma unidade humana que tem sua raiz em Deus" Prossegue, ainda, o relato: “fora seus valores religiosos e morais, o décimo capítulo do Gênesis está-se revelando um quadro extremamente fidedigno de nações, povos e lugares do tempo antigo"

Os Descendentes de Noé

Os descendentes de Cão e Jafé receberam menos atenção na Bíblia que a descendência de Sem. o filho mais velho de Noé. A razão primordial desta diferenciação
está relacionada ao interesse histórico da nação israelita. A organização do relato do Gênesis visava destacar essencial-

>

mente os fatos da criação e, espedalmente, a formação do povo de Israel, cuja origem se encontrava no
patriarca Abraão. É interessante notar que a narrativa sobre a família dos filhos de Noé prioriza Sem e Jafé, deixando por último os filhos de Cão.

Os filhos dejafé fGn 10.2). Estes constituíram os povos "indo-europeus” que habitavam na Ásia ocidental nos primeiros tempos do Antigo Testamento. O primeiro filho de Jafé é *Gômer,* indicado como o pai do povo cimério, conhecido pelos *kimmeirioi* de Homero, uma tribo

obscura que vivia na Península da Criméia. O segundo é *Magogue*; os historiadores identificam-no como um povo que vivia no Norte, o que pode ser uma referência aos antigos citas ou tártaros, povos ocupantes de parte da Rússia. Podemos identificar a terra de Gogue e Magogue, citada em Ez 38.2; ;39.6; Ap 20.8, como a terra “dos inimigos de Israel, vindos do norte", na Capadócia e Armênia. O terceiro filho, *Madai,* firmou os povos dos antigos medos, a leste da Síria e a sudoeste do mar Cáspio. Nessa área geográfica destacam-se, nos tempos modernos, o Irã e o Iraque. Há certa liga-r.;ào desses povos com a Índia. Do quarto filho, *Javà,* procederam os povos que habitam na Grécia, Síria, os povos às margens do mar Negro. hem como os habitantes da Ásia Menor e as terras em redor do mar Jônico, induindo o sul da Itália. *Tubal,* o quinto filho, habitou a região ao sul do mar Negro. Sua descendência cresceu e espalhou-se para o norte e para o sul. Atribui-se o nome “Tubal" a Tobolsk", uma cidade da Rússia em que há um rio chamado “Tobol" O sexto filho Meseque parece* ter habitado as mesmas regiões geográficas de seu irmão Tubal. O povo armeniano é o povo que melhor reflete as características de Meseque. E,

por último. Tirns, o filho que formou os povos que habitavam no norte do Irã, na Turquia e no sul da H.ussia. Essa descendência espalhou-se por várias regiões como a Macedônia, Iugoslávia e partes da Itália. Na verdade. todas essas informações. mesmo lendo o respaldo dos arqueólogos l‘ historiadores da geografia e história antiga. carecem em algumas partes de estudos ainda mais precisos.

Osfi/hos de Câo (Gn /0.6) O nome Cão. no hebraico . *liam*. e significa "quente" Seus filhos *Ciixe*..Hi:::mim. /’ide e Cdnrtâ

habitaram as terras quentes. especialmenle ao norte da África, na Etiópia (At 8.27). e também no alto e baixo Egito. Destacam-se nessa geografia :i Arábia. o Sudão e a Líbia. Cuxe foi pai de Ninrode. o pai da civilização babilónica e assíria. Mizraim. o segundo filho, 0- o nome hebraico para o Egito. Seus filhos firam os ascendentes dos filisteus. inimigos de Israel posteriormcmc (Am 9.7: Dt 2.23; 1 Cr 1.12; Jr 47.4). Pule, o terceiro filho de Cio, povoou especialmente a Líbia. um país situado na parte ocidental do haixo Egito. Canaâ era o filho menor. c teve sua descendência amaldiçoada por causa do pecado de Cão, que não respeitou a nudez de seu pai, Noc. quando esteve embriagado (Gn 9. 22-25). A terra de Canaã veio a ser a terra prometida à descendência de Sem (Gn 9.26), da qual descende Abraão. e. sucessivamente, passou a ser a terra de Israel.

Osfilhos de Sem (Gn 1U.21.22). Segundo a informação de Nelson Heecher Keys, "os nomes dos descendentes de* Sem podem ser facilmente relacionados com certos grupos semíticos orientais. Os filhos de Eliw são indubitavelmente os e/ewitrt.v que viveram ao norte do Golfo Pérsico. l>e

4

Asstir são, sem dúvida, os assírios, De *Arf^ade* vem os caldeus. De *Lude,* os *lídios* da Ásia Menor e de *Arà.* os povos arameus da Síria. e da Mesopotâmia. os sírios'' A partir da lista genealógica de Sem (Gn 11.24-31), aparece o nome *Terá* (vv 24,26,27). pai de Abràо, Naor e Harà,

A Vida de Abraão antes da Chamada de Deus

Local e data de nascimento de Ahrão. A cronologia bíblica localiza o nascimento de Abràо em 2166 a.C., quando a cidade de l Tr esteve nas mãos de Guti, um bárbaro e montanhês que dominou aproximadamente entre 2240 e 211,:; a.C. Com grande movimentação turística e comercial. a cidade de Ur constituía-se num importante complexo de atividades na Suméria. A família de Abràо não era da etnia suméria, mas de etnia semítica. Como havia mui-ia cultura entre aqueles povos, todo o lastro cultural dos sumérios toi adquirido pela família de Abràо. A despeito da cultura pagà de Abràо, Eloíms-Adonai resolveu revelar-se a ele e. de modo seletivo, torná-lo a raiz de um novo povo que o servisse,

Seupnw/lfeo *nome.* O nome original *Ahràо* (Gn 11,26) significava “pai elevado” ou "pai das alturas" Posterior-menie, depois de uma aliança feita com o Deus altíssimo, seu nome passou a ser *Abraão,* que significa “pai fecundo" ou “pai de uma multidão" (Gn 17 5). Seu nome "Abràо" tinha relação com o paganismo ele seu pai Terá. mas quando Deus mudou o seu nome para “Abraão" a relação religiosa também mudou e ele passou então a servir ao Deus invisível e eterno. luhireb (Ac.lonaD. (Gn 17. l).

Seus descendenfes. Ahràо descendia de Sem, através de Terá (Gn 10.10,26), o décimo na linhagem genealógica

depois de Sem. A cidade de Ur. onde nasceu e viveu Abràо e sua família, ficava na antiga Sinar ou Suméria, a 160 km a sudeste de Babilônia, perlo do rio Eufrates. Ur era uma cidade altamente cosmopolita e desenvolvia uma cultura que se destacava entre os povos existentes na região. Havia uma miscigenação étnica entre os povos sumerianos e semíticos. O local daquela cidade (não mais

existente) fica hoje na região do Iraque O antigo nome Sinar vem de "Sin" o "deus-lua" adorado na cidade. Abràо e sua família eram devotos de "Sin[1]’ bem como de outras divindades associadas a esse deus (ver Js 24.2). O nome "Terá” pai de Abràо. é identificado como uma forma hebraica da palavra "yareah“ ("lua”), o que é uma indicação de que a religiosidade dessa família era voltada para o "deus-lua"; portanto, os antecedentes de Abràо eram idólatras (Js 24.2,14.15).

Sua esposa Sarai (Gn 11.29-31; 12.5). Quando Deus ordenou a Abràо que saísse de sua terra e do meio de sua parentela, naturalmente incluía a esposa Sarai. No plano de Deus, essa mulher tornar-se-ia a mãe de uma nação especial. O nome original "Sarai” foi mudado para *Sara,* e ambos são duas formas com o mesmo significado: "princesa” Esta mudança, a supressão da letra “i” tinha por objetivo simbolizar a nova situação após a promessa de Deus (Gn 17.5) de que ela teria um filho, uma vez que o primeiro nome, “Sarai" a identificava como mulher estéril. Outro detalhe curioso é o fato de Abràо falar de Sara como "sua irmã" Na verdade, ambos eram filhos de um mesmo pai, mas não de màe (Gn 20.12). Naquele tempo, era aceito o casamento de parentes próximos. Mais tarde, Moisés condenou o casamento entre irmãos, considerando-o pecado incestuoso (Lv 18.9). Sara sempre fez parte da chamada

especial de Ahràо. Um homem podia, naquela época, deixar sua mulher se ela não pudesse lhe gerar filhos, porém, Ahràо manteve o seu casamento porque muito amava a Sara. Na verdade. a manutenção do casamento com uma mulher estéril estava dentro do contexto presciente de

Deus. Sara, sem dúvida, fazia parte de um plano especial de Deus, mesmo sem entendê-lo.

Um Projeto da Presciência Divina

Existem fatos na história da humanidade que os historiadores e pesquisadores encontram dificuldades de explicar. Eles existem e os elementos materiais de prova desafiam a curiosidade. São fatos espirituais, relacionados com os mistérios da Divindade, e não compreendidos pelos “naturais” nome pelo qual a Bíblia chama aqueles que não conhecem tais fatos (1 Cu 2.14,15). Os eventos ela história humana desde Adão foram, e são. partes do conhecimento presciente de Deus. Nada do que acontece é surpresa para Deus, o Criador. Todas as coisas, passadas, presentes e futuras lhe são patentes. Nada o surpreende porque Ele é "antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele" (Cl 1.17). Entendemos, então, que a história de Abràо não é alguma coisa do acaso. Ela faz parte de um projeto de, assim como a igreja, “antes da fundação do mundo" (Ef 1.4). O projeto da salvação foi idealizado na eternidade, e Abraão foi o homem escolhido para ser aquele que entraria na história da salvação como o protótipo humano desse projeto. De Abràо sairia uma família, que se tornaria, depois, um povo, uma raça, uma etnia especial. Desse povo nasceu Jesus Cristo, e dEle, a igreja, que é constituída de um novo povo, multirracial e multi-étnico. A igreja é o povo de Deus que não tem diferenças raciais, nem étnicas, nem linguísticas. a qual congre-

ga homens e mulheres cie ioda tribo, língua e nacao, comprados pelo sangue de Cristo (Ap 5.9). Portanto, é com Abraão que se inicia o grande projeto divino disposto em sua presciência, antes de todas as coisas. O estudo da vida

de Abràò reflete-se sobre LI história da existência da igreja, porque todos os fatos relacionados com Abràò e seu povo revelam as nossas origens (Gl 3 6,7)

Abràò, o cio de continuidade do projeto de Deus A chamada de Abraão representa a continuação de um projeto de salvação desde a queda de Adão e Eva (Gn 3.15), passando por Noé. através de uma aliança especial, sob a qual Deus começou uma nova história da humanidade A aliança noética fragilizou-se diante da corrupção das gerações seguintes, mas Deus não desistiu do projeto original de salvação da raça humana. Da descendência de Sem. um dos filhos de Noé, Deus escolheu a Abraão para ser o ponto de partida para a realização do projeto. Metaforicamente. o apóstolo Paulo entendeu que Abraão é o pai dos crentes " (Gl 3 ^{7}.9). Se a descendência abraâmica rejeitou a Cristo, todos aqueles que o aceitaram, e o aceitam, como Salvador são os verdadeiros descendentes de Abraão (Gl 3-29). A história da salvação começa em Abraão e culmina em Cristo, o autor e consumador de nossa fé (Hb 12 2).

Densse revela a Abràò como Hlobtms-Adonai. O primeiro nome pelo qual o Criador se revelou como Deus a Abràò foi *Hlohíms,* que é o nome pessoal de Deus adotado por Israel, o qual ocorre 2.5^{7}0 vezes no Antigo Testamento. O prefixo *Hl* é o nome mais simples pelo qual Deus é designado no Antigo Testamento, ü *Hl* pode ser derivado de *til.* que tem o sentido de ser primeiro, ser senhor. *Hlobims.* no singular, é *Eloah,* e deriva provavelmente da mesma raiz. O plural de *Elohims* serve para indicar plenitude de poder ou plenitude da divindade. Porém, o segundo nome acrescido a *Elohims* é *Acionai*, que traduzido significa “Senhor" *Acionai* faz a diferença dos deuses pagãos. A forma plural dos nomes é

uma combinação dos nomes divinos e indica a triunidade desse Deus, através da revelação do *Pai, Filho e Espirito Santo.* O prefixo *El,* de *Elohims,* faz parte do vocabulário dos povos semíticos e, segundo os lingüistas, esse prefixo deriva de uma raiz que significa: “forte, poderoso como o mais belo carvalho" Este prefixo era usado, também, pelos povos cananeus, que referiam-se a *El* como o pai de seus deuses. Era, portanto, aplicado o prefixo *El* a toda divindade celeste. A Bíblia, porém, fala do *Elohims* de Abraão e sua descendência, o *povo cie Israel.* Ele é *El,* o *Elohims* de Israel (Gn 33.20), o *El-Bórit* (Gn 17.7,19), que é o El da Aliança (do pacto). Quando Deus fez a promessa a Abraão de uma terra que ele possuiria para sua descendência, a terra de Canaã (Gn 13-13), a promessa tinha um sentido enfático porque o texto declara que a aliança (*berít*) seria eterna. Em Gênesis 17, o Senhor diz que a aliança seria perpétua (*berít ôlam)* Outro título dado a Deus em Gênesis é *ElEUôn,* o Deus Supremo, o Deus Altíssimo (Gn 14.1H-20). O *El Roi*(Gn 16.13,14) é "o Deus que vê" Outra curiosidade importante quanto ao nome *Elohims* é o acréscimo do s” na transcrição de *Elohim,* que fortalece a forma plural do nome. Este acréscimo inicialmente foi feito para fazer diferença do *Elohim* dos povos pagãos. Porém a forma plural *Elobim(s)* designa o Deus de Abrão, o Deus de Israel. Teologicamente, a escolha desse nome divino escondia o segredo da revelação da Trindade celeste. A teologia judaica é essencialmente monoteísta, e jamais entendeu ou aceitou essa questão da Trindade revelada no nome *Elohtms.* Na verdade, a forma plural do nome indica que há um único Deus Triúno, não um triteísmo de três deuses. Nossa teologia é bem definida quanto à Trindade divina, e entende perfeitamente a questão da forma plural do nome *Elobirus.* Em todo o Antigo Testamento, os vários nomes de Deus eram

frequentemente usados para descrever o caráter ou atividade de Deus. Por isso, o nome mais comum de Deus na linguagem bíblica é *El.* que significa "o Forte e Poderoso” O nome que prevaleceu na história do povo de Deus no Antigo Testamento é *Jeová,* de *Yahuvb* no hebraico. Esse foi o nome mais usado a partir do período de Moisés como aquEle que diz: "Eu sou o que sou" (Gn 3-14). Na verdade, o nome *Yahuvb* (ou Javé). aportuguesadamente falando, traduz-se por *Jeová* Esse nome (*Yahuvb*) parece vir de uma forma imperfeita do verbo hebraico *hàyà,* que significa "ser" ou “tornar-se" Pode significar "aquele que causa a existência" e, portanto, “o criador" Esse nome tornou-se o nome especial para o povo de Israel porque revela o Deus que é descrito como "o definível, o distintivo, o indivíduo" Essa idéia acaba com o conceito de um deus abstrato que não tem existência. Por isso, Jeová é o Deus distinto de Abraão e de sua posteridade, porque se define como um Deus real e verdadeiro. O nome *Yahuvb* é um nome pessoal, não abstrato. A forma do verbo "ser" indica que *Jeová* relaciona-se com a idéia de existência: passada, presente e futura. É o nome diretamente ligado aos pais de Israel: Abraão, Isaque e Jacó (Êx 3-15,16). Esse Deus definível escolheu a Abraão para formar um povo e abençoar todas as nações (Êx 7.5; 8.10,22; 9.14; Ez 20.26.38; 24.24,27; 35.9,15; 39.6,28).

Abràо. o pai dos hebreus. Deus escolhe Abrão para ser o elemento-chave de uma raça especial que posteriormente representaria o seu nome em toda a terra. O autor de Gênesis traçou a descendência da raça eleita (Gn 10.21-32), visto que a revelação divina visava destacar, especialmente, a raça que representaria os interesses divinos na terra. Podemos dividir toda a história humana, de Adão até Abraão, em duas partes. De Adão até Noé

temos dez gerações, e de Noé até Abraão temos mais dez gerações. É interessante que há entre essas gerações 365 anos (os dias de um ano solar), que envolvem desde o nascimento de Arfaxade, filho de Sem (Gn 11.10), até o período da chamada de Abraão (Gn 12.1). Arfaxade era avô de Eber, e este, naturalmente, bisneto de Sem (Gn 10.21). O nome “Eber” deu origem à palavra “hebreu” que significa “vindo do outro lado” ou “que pertence a Eber” Na verdade, Eber é um epônimo da palavra hebraica “Ibrims" ou seja, os “hebreus” Este nome tem em sua raiz hebraica “abar” o significado de “passar" "passar para o outro lado do rio” A terra onde habitou a família de Abraão ficava ao sul da Mesopotâmia. A cidade de Ur dos caldeus era uma das mais antigas cidades daquela região geográfica, bem próxima à desembocadura do rio Eufrates, no Golfo Pérsico. Abrão é chamado “hebreu" porque fazia parte da linhagem de Eber e viveu sob o domínio dos caldeus por muitos anos. Abraão é identificado como o “pai da raça hebréia" (Js 24.2; 1 Rs 18.36). Era um povo semita que falava o dialeto aramaico. É possível que Abraão fosse bilíngüe, falando tanto a língua sumeriana quanto a acadiana. Tal possibilidade na Mesopotâmia tinha a ver com a miscigenação étnica entre os sumerianos e os semitas.



Capítulo 2

A Chamada Divina de Abrão

Gênesis 12.1-3

Os primeiros onze capítulos de Gênesis tratam dos eventos que envolveram a raça adâmica. Não havia qualquer distinção entre judeus e gentios, porque todos eram um só em Adão. Porém, a partir do capítulo doze, o registro bíblico toma um curso distinto. Deus chamou a Abrão e o escolheu do meio de um povo idólatra. Diz a Escritura que o Senhor apareceu a Abrão estando ele na casa de seus pais (At 7.2-4). Abrão vivia num mundo corrupto e idólatra, e Deus o selecionou e o convocou para ser o pai de muitas nações, e entre estas, uma seria especialmente designada pela presciência divina para ser a representante dos interesses de Deus na terra.

A dispensaçào da promessa. Algumas linhas de entendimento passaram a ser discutidas pelos teólogos acerca da divisão dos tempos na história humana. Alguns dividem esses tempos pelos pactos referidos na Bíblia. Outros vão além e dividem esses tempos em períodos históricos, tais como fez Pierre Poiret (Knb-PlS))

1. Da Criação ao Dilúvio: Infância

2. Do Dilúvio a Moisés: Meninice

3- De Moisés aos Profetas: Adolescência 4. Dos Profetas a Cristo: Juventude

3. Dispensação da Graça Idade adulta e velhice

.). N. Darby (1800-1882) sugeriu.

I Paraíso ao Dilúvio 2. Noé e Abraão

3 Israel sob a Lei, o Sacerdócio e os Reis

1. Gentios na Igreja: Administração do Espírito Santo.

James II. Brookes (1830-1897) sugeriu.

I Éden, antediluviano

2. Patriarcal

3. Mosaico

1. Messiânico

3. Ministério do Espírito

0. Milenial

C. I. Scofield (1843-1921) sugeriu:

1 Inocência

2. Consciência

3. Governo Humano

1. Promessa 3. Lei

(>. Graça ~ Reino

Esta última sugestão tem sido a mais utilizada pelos evangélicos, especialmente, os pentecostais. Entretanto, não devemos dogmatizar nenhuma dessas cronologias como exata, e sim analisá-las com mente aberta. Pessoalmente, prefiro esta última, mesmo entendendo que

há alguns equívocos. Os estudiosos da cronologia histórica bíblica diferem quanto ao número e a extensão das dispensaçòes, mas entendem que a partir do capítulo doze de Gênesis inicia-se uma era especial no calendário divino, a qual denominamos como a “Dispensação da Promessa” ou “Patriarcal" Essa dispensação vai de Abràо até Moisés. É quando se inicia o pacto Abraâmico (Gn 15.18). que é, de fato, o quarto pacto referido na Bíblia.

Um Chamamento Especial

Um pacto entre Deus e Abràо. Esse pacto era baseado na Palavra de Deus. A fé nesse pacto não podia se basear em sentimentos de qualquer espécie, mesmo que as emoções fizessem parte dessa experiência (Hb 11.7). Deus queria que Abràо obedecesse e respeitasse o pacto entre ambos, e confiasse na providência divina para aquele projeto. O pacto de Deus seria a força que precisaria para peregrinar até o lugar designado por Ele. mesmo sem saber onde Abràо teria que acreditar nas promessas de Deus. Aprendemos com esse pensamento que a maneira a qual respondemos às promessas divinas irá determinar o que Deus fará em nossa vida. No pacto, o Senhor deu apenas promessas a Abràо. Nào lhe deu razões e explicações. Abràо creria ou não na promessa, porque quando Deus faz um pacto conosco. Ele se compromete a cumprir aquilo que tem prometido. É um ato da graça divina.

A tríplice exigência elo pacto < (ín 12 l) Três exigências foram feitas a Abràо. Estas exigências continham a essência cio plano divino e deveriam ser obedecidas para que Abràо não sofresse qualquer restrição. Quando aceitamos o chamado de Deus para realizar algum projeto, não podemos deixar de reconhecer a soberania div ina e de

obedecer a Deus sem qualquer pretexto. Por alguns anos da minha vida pessoal tentei fugir do chamado de Deus, ainda na minha infância. Porém, houve um dia inevitável em que Deus me cercou por todos os lados, e então, me rendi ao Senhor para fazer a sua inteira vontade Eu sabia que o sucesso da minha vocação estava em obedecer aos requisitos propostos pelo Senhor Abràò, pela fé aceitou o desafio de seu chamado especial e obedeceu, mesmo nào conhecendo o caminho que deveria seguir.

A primeira exigência foi. "*Sai-te da tua terra* Deus tinha uma outra terra, fértil e abundante. A expressão hebraica *lebk lebka* geralmente aparece com um sentido imperativo na segunda palavra *lebka* traduzida como "Vai. vai então especialmenle na Vulgata Latina e outras traduções modernas. Entretanto, o sentido literal de *lebk lebka* é "Vai por ti" Esta tradução indica que Abràò deveria sair livre de preocupações familiares, lev ando consigo apenas sua mulher Sarai. A partida era indefinida e o lugar para onde ele iria era desconhecido de todos. Ele deveria partir sem saber para onde iria. Na verdade, o que Deus queria era que Abràò partisse sem olhar para trás, ou sem espírito de retorno. Se ele desse ouvido à voz de Deus, iria por si mesmo, isto é. sem se preocupar com o destino. As palavras "tua terra“ indicam que o ponto de partida na vida de Abràò foi em Dr. porém, o lugar onde ele teve a chamada foi

Harà. A citação de Ur em alguns textos bíblicos (Gn 15.7; Ne 9.7 e At 7.2) designam apenas o lugar de origem do plano divino para com Abràò. Esse fato indica que nos desígnios divinos, os planos estabelecidos por Deus não sofrem qualquer mudança, nem diferenças circunstanciais para que a sua vontade seja realizada. A

chamada missionária começa no local ou lugar onde estejamos ("tua terra"). Sair do meio que vivemos e nos arriscar a irmos para um lugar que não conhecemos requer confiança no plano de Deus. A exigência divina para Abrão "sair da sua própria terra" significava deixar o lugar da sua própria confiança e dispor-se a confiar apenas em Deus. Essa atitude tem relação com um propósito missionário, porque a partir de Abràò a história tomaria um rumo distinto na humanidade Por ele e sua descendência, o propósito de Deus alcançaria o mundo todo com o conhecimento do plano redentor para a humanidade. Ao chamar Abràò, Deus concentrou sua atenção na preparação desse homem, por meio de quem constituiria uma família, uma nação, cuja influência atingiria todos os povos do mundo: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Ele tornou-se o grande missionário do plano divino; por isso. a ordem de Deus foi para que saísse da terra onde habitava e fosse para uma outra terra que o Senhor lhe mostraria. Há um sentido missionário transcultural nesta ordem divina. Ou-trossim, Abràò tinha 75 anos de idade quando Deus o chamou. Naturalmente, a questão da idade não era nem devia ser um obstáculo à sua fé. Abrão não tinha filhos com Sarai, por isso nada os impediria de obedecer a voz de Deus. A terra onde habitava Abràò seria um tropeço para os planos divinos. Nada daquela terra deveria prendê-lo. Sua partida deveria ser um desprendimento material, social e espiritual. Na verdade, a exegese bíblica faz entender que. em uma partida comum, deixa-se sua casa. depois sua cidade e. finalmente seu país. Isto significava uma ruptura espiritual, porque uma partida completa implicaria um sacrifício de tal medida que, obedecer a voz do chamado de *Hloitns-Adonai* sem saber para onde deveria ir, significava dar um salto no

escuro, respaldado apenas pela convicção, pela fé naquEle que o chamou.

A segunda exigência era. "*Sai-te do meio da lua parentela*'' Com exceção da sua esposa Sarai, ninguém mais da família deveria acompanhá-lo naquela peregrinação á terra que Deus havia designado. Mas Abrão, constrangido pela idade do velho pai Terá, decidiu levar o pai consigo. Porém, um sobrinho muito ligado á família, chamado Lo, resolve unir-se a Abrão na viagem. Esses laços familiares teriam que ser cortados para que Abrão e sua esposa Sarai não tivessem nenhum impedimento no caminho preparado por Deus. Aqueles que são chamados por Deus não podem prender-se por laços sociais de família e de amizades. É necessário haver total desprendimento sentimental, acreditando apenas que o Senhor suprirá todas as necessidades. Abrão não conseguiu desprender-se totalmente Quando saiu daquela terra, saiu carregado de preocupações e respeitos humanos. Incrivelmente, andaram quase 1.000 quilômetros até chegarem a Harà, mas o velho pai Terá não pôde mais prosseguir viagem. Custou caro a Abrão não ter cortado esses laços familiares. Ele deveria ter ol>e-decido a Deus sem reservas para que sua jornada de fé tivesse maior êxito. Quantas vezes atrasamos o plano de Deus em nossa vida. Naturalmente. os deterministas discordam dessa linha de pensamento. Entretanto, a história

da experiência humana comprova esse fato. Deus estabelece sua vontade e mostra o caminho da obediência. Se nós desobedecemos ao plano divino, também, teremos de arcar com as conseqüências de nossa desobediência.

A terceira exigência divina era: “Vai para a terra que eu te mostrarei" Segundo a geografia do mundo antigo, a terra prometida estava muito além de Harà (Gn 17.8,9). Esse

é um aspecto material da ordem divina. Entretanto, aprendemos uma lição preciosa neste ponto. Quando Deus nos chama nada deve nos prender neste mundo, porque Ele cuida de tudo. Sair da terra onde habitava e tinha seus próprios negócios, para ir para uma terra desconhecida e sem endereço certo, significava um risco enorme para qualquer família. A ordem divina tinha um sentido missionário. Abrão iria para essa terra desconhecida sob a promessa divina. O autor de Hebreus 11.8 declara que Abrão saiu sem saber para onde ia. A vontade divina devia prevalecer para o completo sucesso do projeto na vida de Abrão. Circunstâncias adversas aconteceram no caminho da obediência dessa chamada. Obstáculos sociais e materiais surgiram para impedir que a vontade soberana de Deus se concretizasse. É típico dos homens perverterem a vontade divina por outros interesses, lima das histórias mais interessantes da Bíblia que ilustram essa questão é a história do profeta Jonas (Jn 1.1-3). Deus lhe ordenou que saísse do lugar onde estava e fosse para a cidade estrangeira de Nínive pregar o juízo divino contra a cidade. Mas Jonas “se levantou para fugir de diante da face do Senhor” Deus lhe mostrara uma terra para a qual ele deveria ir e cumprir o seu papel profético, mas ele, cheio de desculpas, prercurou fugir. O segredo das grandes conquistas na vida pessoal e também, na vida espiritual, está em manter o senso cie que a vontade de Deus é sempre melhor que a minha própria vontade Voltando ao desafio de Abrão. isto significava que sua provação seria total. Ao deixar sua casa. sua cidade, seu povo, Abrão fazia uma ruptura espiritual com sua história passada. Foi um rompimento de todas as amarras sociais, materiais e espirituais que Abrão tinha em l'r e llarà. A expressão "para a terra que eu te mostrarei"(\ 1) e interpretada pelos rabinos judeus como uma distinção

entre “escutar" e "ouvir" Primeiro, Deus se faz ou\ ir por Abrão com o apelo ao mais profundo do seu coração e do seu espírito. Porém, quanto à "terra" que lhe seria mostrada. Canaã, Deus se faz “ver” por Abrão. Segundo o bispo de Lion, esse versículo era entendido por ele com três renúncias: "a todos os bens e riquezas da terra; a lodos os hábitos e sentimentos primeiros da alma e da carne; a todas as lembranças do mundo para contemplar realidades futuras e invisíveis" Na verdade, os desafios da chamada de Abrão ensinam a importância da disposição dele em sair da sua terra, abandonar todos os prazeres da carne que ela lhe proporcionava e obedecer sem resen as a \ oz do Senhor.

Bênçãos e maldições cio pado ((In J2.2..ÍJ Fsses dois versículos resumem as bênçãos e maldições como um contrato feito entre Deus e Abrão. Não se trata de uma mera aliança entre cluas pessoas. Trata-se de algo que firmaria o ato de obediência de Abrão. Primeiramente. Deus dá um sentido especial a palavra "nação em relação a Abrão, fazendo diferença com o sentido de nação em relação ao espírito de Ninrode Conforme Gênesis, nos capítulos 6 e 11, o gênero humano havia se corrompido. No capítulo 11, um espírito de independência tomava conta dos habitantes da terra, e vendo uma planície na terra de Sinar, quiseram construir uma cidade e uma torre que tocasse as nuvens. Por esse motivo, entendeu aquele povo que poderia suplantar os poderes da natureza (por causa do dilúvio) e ostentar o seu nome nas alturas. Deus viu um povo com uma atitude arrogante, qufc desafiava ao Deus dos céus. Sem entrar nos detalhes dessa história de Babel, entendemos que quando Deus resolveu fazer da semente de Abràо um novo povo, uma nova nação, tinha por objetivo honrar um homem que

o honraria, e dar-lhe um nome que também representasse essa honra. A expressão ''engrandecerei o teu nome" (v 2) indicava que, se o povo de Babel buscava ter um grande nome para sua própria glória, Jeová, o Deus que se revelou a Abràо, daria a ele grandeza, benção e perenidade. A relação entre Jeová e Abràо seria marcada pela comunhão entre ambos e pela glória devida ao Senhor. A promessa "abençoar-te-ei" (v 2) e a repetição "abençoarei os que te abençoarem" (v 3) tem na palavra "abençoar" na sua raiz hebraica "barakh" cujo sentido não tem relação etimológica com a idéia de falar ou dizer alguma coisa. "Abençoar" não significa "dizer o bem A palavra tem ligação com o termo hebraico *hérekh*. que significa "joelho" e designa assim uma atitude interior e exterior, do homem ajoelhado diante de Deus e atraindo para si as bênçãos divinas. A benção teria uma dimensão universal com "todas as famílias da terra (v 3)- A lição dessa promessa é que a benção não seria restrita a uma etnia ou família, mas seria extensiva a todos os povos da terra, porque estava implícito na promessa, algo futuro que nem o próprio

Abràо poderia imaginar ou vislumbrar, que era a sua mais importante posteridade: o Senhor Jesus Cristo.

Obediência a "*meio-termo* " Abràо sai de Harà e vai até Siquém (Gn 12.4-8). Na verdade, o que Abràо fez foi um "meio-termo" para a sua obediência, porque nào teve forças para deixar seus familiares. A história bíblica conta de homens e mulheres que tiveram dificuldades para uma obediência plena ao chamado de Deus. Interferências materiais e sociais foram o "meio-termo" para uma obediência plena. Abràо nào foi diferente! Ele nào teve força moral suficiente para desimpedir-se de sentimentos

familiares e sair livremente para a obediência plena a Deus. Ele nào foi abandonado por Deus no projeto, mas sofreu as conseqüências do seu “arranjo" O lugar onde Deus chamou diretamente a Abràо não foi Ur dos caldeus, a terra do seu nascimento. A escritura de Gênesis 11.31 diz que: “E tomou Terá a Abràо, seu filho, e a Ló, filho de Harà, filho de seu filho, e a Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abràо, e saiu com eles de Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaà; e vieram até Harà e habitaram ali" Entendemos que o ponto de partida de obediência à chamada de Deus foi Harà, lugar onde toda a família de Abràо habitara. O texto de Gênesis 12. t diz. Assim partiu Abràо, como o Senhor lhe tinha dito” Alguns daqueles familiares que saíram de Ur dos caldeus com o velho Terá, resolveram seguir Abràо em sua nova jornada. Porém. Abràо nào conseguiu detê-los. Ele acumulou riquezas em Harà, mas o seu coração nào estava naquele lugar. Ele sabia que a ordem divina o levaria para bem mais longe, bem mais além daquelas terras. Nào se sabe com exatidão por quanto tempo Abràо habitou em Harà. Sua viagem tinha que continuar, pois as promessas de Deus eram reais e indubitáveis. Diz a Bíblia que Abràо partiu "assim como o Senhor lhe tinha dito... (Gn 12.4). A essência de todo o sucesso na obra de Deus está em fazer exatamente como o Senhor orienta que se faça. A verdade dessa experiência é que Abràо partiu de Harã de acordo com o que o Senhor tinha dito, mas não teve força moral suficiente para obedecer totalmente desimpedido. Ele nào conseguiu desvencilhar-se totalmente dos familiares que queriam acompanhá-lo. Ele. Sarai, Ló e grupos de serviçais, homens e mulheres, totalizavam um número de trezentos e dezoito pessoas (Gn 14.14).

Abràо entra na tetra de Canaà (Gn 12.6). A despeito desse embaraço ele estava decidido a obedecer a Deus e partiu

de Harà em direção a um lugar chamado Siquém, a quase 1.300 quilômetros de Harà. Seu pai Tera já havia falecido e nada mais o deteria em Harà. Sua fé no plano de Deus lhe deu forças para prosseguir. Em Siquém. Deus voltou a falar com Abràо, reafirmou as promessas anteriormente feitas e lhe mostrou toda a terra dos cananeus, a Canaà prometida. *Siquém* é identificado inicialmente como o nome de um homem e, posieriormente, como uma cidade antiga dos cananeus, nas colinas de Efraim (Js 20.7). Foi naquele lugar que habitaram por algum tempo Abràо e seu povo, vindos de Harà. O nome *Siquém* significava *ombro*, porque fazia alusão a um lugar entre os montes Ebal e Gerizim. No versículo 7, Abràо edificou um altar ao Senhor que lhe aparecera naquele lugar, também, chamado "carvalho de More” A escritura diz literalmente que "estavam, então, os cananeus na terra" (Gn 12.6). A fama dos cananeus era conhecida pela índole ímpia que dominava aquela gente, mas era exatamente esse lugar que Deus havia prometido a Abràо e sua posteridade. Naquele lugar de oposição espiritual. Abràо não ficou só. Deus lhe apareceu, falou com ele e lhe fez promessas (Gn 12.^). Essa forma de aparecimento de *Yaveb* (Deus) foi por uma teofania. pela qual Deus toma uma forma visível para comunicar-se com o seu servo. Naquela experiência especial, o Senhor reafirma suas promessas com Abràо e lhe diz: A tua semente darei esta terra" (Gn 12.7). Não importa que o inimigo tenha a posse inicial. Se o Senhor prometeu que daria aquela posse, indubitavelmente Ele o faria. Depois daquela experiência renovadora para sua fé. Abràо resohe andar mais um pouco e vai para Betei.

Abràо cresce no desafio da fé (Gn ÍJ.fi J Ao mudar de Siquém para Betei, Abràо demonstrou que nada mais o prenderia. Ele foi para a montanha à banda do oriente

de Betei e. mais uma vez. edificou um altar ao Senhor. Agora, naquelas terras, Abfcio sabia que no tempo próprio as possuiria como cumprimento das promessas divinas. Betei, daqui em diante, sempre trará a lembrança como um lugar de oraçào, de encontro com Deus e de decisões importantes para a vida. Todo cristão autêntico precisa levantar seu altar e fazer do lugar que habita o seu Betei de oraçao, de tomada de decisões importantes para a vida. Posteriormenle, o povo de Israel fez daquele mesmo local o símbolo do lugar cie encontro com Deus. E impossível viver uma vida plena de comunhão com Deus sem um Betei, para se encontrar com Deus. A Bíblia declara que Abràò invocou o nome do Senhor em Betei, porque entendia que nenhum outro deus jamais faria o que *Yareb* já havia feito na sua vida. Betei foi o símbolo de renovação da fé em Deus para a conquista total daquela terra.

O Caráter da Chamada de Abrão

A chamada de Abràò possui algumas características que devem merecer a nossa apreciação, visto que o Deus que chamou é o mesmo que continua chamando e convocando homens e mulheres para o cumprimento de seus desígnios.

A Questão da Soberania de Deus

Não devemos interpretar a questão da soberania divina por uma ótica determinista, como preferem alguns teólogos. A soberania divina se manifesta na vida de Abràò porque Deus via nele o homem certo para cumprir a sua vontade. Entretanto, essa soberania divina respeitou o livre-arbítrio de Abrão, deixando-o livre para decidir se aceitaria ou não a convocação de Deus. Naturalmente. Deus pode escolher

uma pessoa desde o ventre de sua mãe e investir nela o conhecimento de sua soberana vontade, mas entendemos que essa pessoa pode fugir ou desobedecer a vontade divina. No caso de Abràо. a escritura de Neemias 9.7,8 deixa implícito o caráter moral de Abrão como requisito para a chamada divina.

A Questão Eletiva e Seletiva de Deus

Essa questão deve-se iniciar com um princípio divino de que Deus não faz acepção de pessoas. Portanto, todos os seres humanos possuem os mesmos direitos à vida e à felicidade. A questão seletiva e eletiva não tem, portanto, um sentido discriminativo, mas visa alcançar aquelas pessoas que, moralmenle livres, demonstrem acesso e disposição para servirem a Deus, Com Abrão Deus iniciou uma dispensaçàо especial, a da promessa e. dentro dessa dispensaçàо. Deus seleciona e escolhe pessoas para cumprirem missões especiais. Abràо foi escolhido por Deus

para sor pai tle unia nação c|iie adoraria a Deus e representaria seus interesses na terra perante todas as nações. Primeiro Deus escolhe um homem, Abràо; depois, da sua semente, escolhe uma tribo, Judá. e dessa tribo escolhe um rei, Davi; e por essa descendência de Davi, Deus traz ao mundo o seu Filho Jesus, como o Verbo encarnado, para ser o Salvador do mundo.

Conclusão

A chamada divina feita a Abràо coloca-o entre aqueles que Deus. em sua presciência, escolheu para ser o homem que cumpriria os seus desígnios. Aprendemos aqui que o homem, a despeito da revelação volitiva de Deus. pode obedecer ou não a essa vontade Entretanto, Abràо foi

obediente à chamada divina e pautou toda sua \ida por fazer a vontade de Deus.

2b



Capítulo ,*?

A Fragilidade de um Homem de Fé

Gênesis 12.9-20

A fé nas promessas de Deus é o estímulo para as conquistas dos nossos sonhos, especialmente, quando esses sonhos estão de acordo com a vontade de Deus. Abrão jã havia dado passos gigantescos na direção da vontade de Deus. Ele havia aprendido a importância do caminho da obediência para a verdadeira felicidade, mas não pôde evitar as circunstâncias desse caminho. Grandes provações teriam de ser vencidas para que Abrão reconhecesse a sua soberania divina a dependência a Ele. Fragilidade e fé são termos opostos na nossa peregrinação espiritual. Por natureza somos frágeis e suscetíveis às intempéries da vida. A fé é o elemento espiritual que nos capacita a reagir nos momentos de fraquezas. Abrão já havia vencido grandes reveses e, agora, depois de haver chegado à Terra Prometi-

da de leite e mel não poderia deixar-se ofuscar pelo desânimo. Porém, se depara com uma terra seca e vazia, onde a fome espalhava-se entre os seus habitantes. Esse caos na terra de Canaà ia de encontro à promessa de uma terra de "leite e mel” um tempo de provações que expôs toda a fragilidade emocional de Abràо.

As Provações Imprevisíveis (Gn 12.10)

As provações são inevitáveis na vida cias pessoas pelo fato de que esse mundo em que vivemos é conturbado pelo estigma do pecado. Não devemos imaginar que sofremos e passamos por certas circunstâncias por uma

questão fatalista ou determinista. Nào! As provações resultam de situações nào programadas para tal. Na vida cristã quando empreendemos andar no caminho da fé nào imaginamos encontrar as dificuldades e adversidades desse caminho.

Os *habitantes daquela tetra.* A primeira grande pro\a-çào com a qual deparou-se Abràо foi o fato de que "naquela terra, estavam os cananeus” (Gn 12.6). Eram esses cananeus os senhores daquela terra porque estavam lá antes de Abràо chegar. A terra da promessa nào era virgem e era habitada por povos inóspitos. Eles nào facilitariam a vida de Abràо e sua gente Por outro lado, como Abràо viveria naquele lugar com costumes e adoração diferentes? Atualmente, a palavra *contextualizaçào* é utilizada de modo equivocado, como uma forma de acomodação ao estilo de vida do mundo. Entretanto, a Bíblia vê nisso um modo equivocado de viver que anula a fé e os bons costumes e o chama de "conformação" Diz, literalmente, a Palavra de Deus: “E nào vos conformeis com este mundo... (Rm 12.2)

Abràо poderia adaptar-se ao sistema mundano da época, para tirar algum proveito material e satisfazer apenas sua “carne e sangue" (Ef 6.12; G1 2.20). Ele poderia deixar-se atrair pelas coisas da vida dos cananeus, mas a revelação do Senhor em Siquém e Betei (Gn 12.6,7) lhe deram força moral para não se deixar dominar pelos ímpetos de sua carne. Naquela terra, os cananeus representavam o poder de oposição ao plano de Deus, mas Abràо não teria de se preocupar muito com os cananeus, deveria tão-somente descansar na promessa de que aquela terra seria a herança do Senhor a ele e a sua posteridade. A palavra *cananeu* no hebraico significa “terra baixa" e, metaforicamente, esse

povo representa *fraqueza carnal, degradação morai falsa sensibilidade.* Essas características indicam que viver entre aquele povo era incorrer no risco de gostar de viver em “terras baixas" da natureza pecaminosa. Porém, ao chegar a Betei, Abràо teve o cuidado de armar a sua tenda e edificar um altar ao Senhor (Gn 12.8).

A fome A segunda provação imediata encontrada por Abràо naquela terra foi “a fome" (Gn 12.10). A terra da promissão, a Canaà rica e abundante, era uma região inóspita, de terras pedregosas e de pouca vegetação, que não correspondia ao sonho. Não havia quase nada para a subsistência do seu povo nem para os animais. O texto declara que “havia fome naquela terra" Como subsistir naquele lugar sem alimento e sem água? Ficar privado desses elementos terminaria, sem dúvida, em fraqueza e morte. A triste realidade para Abràо era que estava na Terra Prometida, mas ela estava empobrecida. Imaginemos que a “terra onde mana leite e mel“ nada tem a oferecer ao homem que deixou tudo para chegar até ela e usufruir das suas riquezas (Lv 20.24; Nm 13-27; 16.1.3; Dt 6.3; 11.9). Porém. Deus permitiu a Abrão esta experiência para que ele soubesse administrá-la e descobrisse o que estava reservado para ele e sua posteridade naquela terra, ainda que sua primeira experiência ali não tenha sido animadora.

A realidade e o sonho parecem chocar-se com a lógica. Parece um contra-senso. No entanto, o caminho da fé tem provas, bem como respostas. A fé de Abrão o levou a sair do lugar onde estava e peregrinar por tempo e distância enormes em busca da terra prometida pelo seu Deus. E, ao encontrá-la, tem a confirmação do próprio Deus (Gn 12.7), mas o que vê é uma terra devastada, seca e pobre. Naturalmente, conto homem, Abrão deve ter ficado

frustrado. Sua fé se deparou com a decepção e a frustração, e ele não conseguiu evitar um certo esmorecimento. Era uma provação à sua fé. irias ele teria de aprender que o caminho da fé é cheio de obstáculos e que um servo de Deus não está livre de provações (Tg 1.3). Aprendemos que podemos ser contristados por provações (1 Pe 1.6). mas aprendemos, também, que o Senhor livra os piedosos da provação (2 Pe 2.9). Como Abrão, somos peregrinos e forasteiros neste mundo e nessa peregrinação passamos por muitas provações (1 Pe 2.11). Por isso, não podemos julgar negativamente um cristão que passa por provações.

Na verdade, o caminho da obediência pode ser por vezes muito difícil para a nossa estrutura de "carne e sangue" Não devemos julgar que uma pessoa esteja mal espiritualmente porque ela esteja passando por provações. Esse falso conceito de espiritualidade é próprio dos adeptos da equivocada teologia da prosperidade, que não admite sofrimentos e provações na vida do cristão, porque entende que um crente vitorioso não passa por aflições, angústias e sofrimentos físicos e materiais. A Bíblia declara que o justo passa por aflições, mas o Senhor o livra de todas (SI 34.19). Jesus disse aos seus discípulos que eles teriam aflições, mas que tivessem bom ânimo, porque F.le havia vencido o mundo (Jo 16.33). Precisamos estar preparados para as provações neste mundo, mesmo que não saibamos de onde elas procedem.

Na história de Abraão percebemos que ele havia chegado à terra que Deus escolhera para ele, mas não contava com a fome daquela terra. A “fome” tipifica a escassez dos recursos humanos. A *fome* daquela terra contrastava com a abundância que existia no Egito. Esse fato era um

desafio à fé de Abràо, pois não estava tão longe o Egito que poderia oferecer-lhe alívio imediato. Às vezes, precisamos permanecer um pouco na terra da fome para que aprendamos a ser fiéis a Deus em quaisquer circunstâncias.

Uma Experiência Pessoal

Na década de 1940. a evangelização no Estado de Santa Catarina requeria muito amor e desprendimento das pessoas que se arriscavam a evangelizar. A igreja era pequena no estado e não havia recursos para o envio e sustento dos evangelistas. Meu pai, pastor Osmar Cabral, de saudosa memória, fora um dos primeiros a enfrentar os desafios daquela obra. Ele fora enviado à cidade de Mafra. uma cidade serrana coberta de araucárias. Lá chegando, encontrou duas ou três famílias convertidas e com elas, numa pequena casa de madeira, com quarto, sala e cozinha, e com alguns bancos de madeira na sala, improvisou uma pequena congregação.

Os cultos eram dirigidos com muita oração, cânticos e pregação, mesmo para poucas pessoas. Porém, fora um período de muita escassez de empregos e de recursos. Não havia proventos, até chegar ao ponto cie não ter nenhum alimento na despensa. Eu tinha uns dois anos de idade Meus pais já começavam a passar necessidade de alimentos. Certa noite, enquanto oraram, como em outras vezes, pediram que Deus providenciasse algum emprego, do qual meu pai pudesse tirar algum dinheiro para comprar alimentos. Meu pai estava frustrado e abatido, sem saber o que fazer para continuar a obra de Deus. Em seu íntimo, ele lutava para não entregar-se de vez ao desânimo, e tinha uma importante decisão a tomar. Ele havia recebido uma carta de outra cidade. em que um parente seu oferecia-lhe

um emprego com um bom salário. Foi tentado a aceitar o conc ite, mas minha mãe foi firme e decisiva ao lhe dizer: "Eu me casei com você por causa da obra de Deus e não será agora, nesta crise, que iremos desanimar. lX*us vai nos mandar alimentos" Choraram muito e oraram ao Senhor pedindo-lhe graça para suportar aquela provação.

Naquela mesma noite aconteceu um milagre O Senhor falou em sonho a uma mulher evangélica de outra igreja que tinha recursos e ordenou-a que st* levantasse pela manhã e juntasse alimentos para matar a fome de um servo seu, o qual ela nem sabia quem era. Obedecendo a voz do Senhor, pela manhã ela foi à horta de sua casa e colheu várias hortaliças. Depois, preparou uma carroça puxada por cavalos e passou no armazém da cidade e comprou muitos alimentos e carnes. Pôs-se a caminho da cidade, sem salter qual o endereço do servo de Deus que precisava ajudar e deixou que o Espírito do Senhor a dirigisse. Ao chegar próximo da cidade, esta senhora teve a direção de descer por uma rua que saía da avenida principal e deparou-se com a pequena congregação da Assembléia de Deus. Parou a carroça e bateu palmas em frente à casa. encontrando apenas minha mão. Informou-se de que naquela casa havia um pastor e sua família que passavam necessidades. Minha mãe confirmou com alegria e lágrimas, e toda a despensa da casa ficou repleta de alimentos. À tarde, meu pai chegava desanimado por nào encontrar nenhum trabalho na cidade, mas percebeu que minha màe cantava ao Senhor. Constatou o milagre de Deus na hora da provação.

Não Devemos Fugir das Circunstâncias

Temos a tendência de fugir das circunstâncias, porque desejamos que em nossa vida as coisas sejam fáceis e simples. Lamentavelmente, Abràо não soube usar a força de sua fé. Deixou-se dominar pelas razões das circunstâncias e perdeu a oportunidade de aprofundar ainda mais a sua comunhão com Deus. Ele, pelo contrário, preferiu buscar soluções próprias e pagou um alto preço por essa atitude. Na experiência cristã, nos deparamos com circunstâncias tanto favoráveis como desfavoráveis. As favoráveis são aquelas que podem nos Levar a confundir a paz momentânea com a paz de Deus. Nem sempre quando tudo parece bem. quando nào nos falta nada materialmente, isto significa bênção ou cumprimento da vontade de Deus.

Quando todas as coisas correm agradavelmente, os nossos bens materiais estão seguros, os negócios prósperos, os filhos estão saudáveis, nosso cônjuge está bem, e gozamos de boa saúde, e tudo mais, na medida dos nossos desejos. Essas circunstâncias favoráveis nos fazem confundir a paz que repousa sobre a transitoriedade do momento com aquela paz que emana da vontade plena de Deus. Quantos cristãos confiam e descansam na prosperidade material, e nào na fidelidade de Deus. Por outro lado, quando enfrentamos circunstâncias desfavoráveis, nos parecen-do que nada dá certo no plano material e. que as privações se tornam uma constante em nossa vida cotidiana, imaginamos que Deus nos abandonou ou que devemos fugir do lugar onde Deus nos colocou. Deus havia colocado Abràо naquele lugar em Canaã e ele deveria ficar ali até que Deus suprisse suas necessidades, mas o velho Abràо não teve paciência e precipitou-se numa decisão errada, indo para o Egito. É difícil entender, senão pela fé, que

Abràо de\eria ter ficado no lugar onde Deus o colocara, apesar da dureza dos cananeus e da fome da terra.

O Perigo da Escolha dos nossos Próprios Caminhos

O texto diz que por haver fome naquela terra, Abràо desceu ao Egito" (v 10). Às vezes tomamos decisões erradas quando pressionados pelas adversidades. Nossa capacidade de equilíbrio emocional e de escolher o caminho certo é provada quando enfrentamos adversidades. Abràо vivia um difícil drama. Seus problemas incluíam uma esposa estéril (Gn 11.30), a separação de seus parentes (Gn 12.1), e ainda uma terra seca que não produzia nada. Iodos esses problemas acrescidos de privações materiais e crises espirituais o fizeram tomar uma decisão que lhe parecia certa. Salomão disse em um dos seus provérbios que “Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte" (Pv la.12). Abràо precisava manter-se fiel à direção divina e tudo daria certo. Ora, precisamos entender que obedecer a vontade de Deus não significa que tenhamos de nos tornar marionetes de Deus, sem direito a pensar e a decidir. Mas significa aceitar o falo de que Deus conhece melhor do que nós os caminhos que decidimos tomar por nossa própria conta. O mesmo sábio Salomão declarou que “todos os caminhos do homem sào limpos aos seus olhos, mas o Senhor pesa os espíritos [do homem]. Confia ao Senhor as tuas obras, e teus pensamentos serão estabelecidos" (Pv 16.2,3). É sempre perigoso sair da direção divina e tomar caminho próprio. O caminho do Egito foi ilusório e terminou em frustração.

As Conseqüências das Soluções Precipitadas (Gn 12.11-20)

Quando saímos da direção divina e tomamos nosso próprio caminho, tornamo-nos responsáveis pelas conseqüências das nossas decisões. Abràò pagou caro por sua atitude precipitada. Devemos aprender que as soluções fáceis, meramente humanas e imediatistas, conduzem à frustrações e enganos irreparáveis. Ao longo dos nossos próprios caminhos percorridos temos de enfrentar suas dificuldades e obstáculos. A lei da semeadura indica que da semente que plantamos, devemos colher seus frutos, bons ou maus. A despeito das atitudes erradas de Abràò, o Senhor não o abandonou. Pelo contrário, o protegeu da morte, para que Abràò entendesse que melhor é o caminho traçado por Ele (SI 105.5).

Abràò Fraqueja na sua Fé (Gn 12.11)

Ao descer ao Egito, atraído por uma civilização mais adiantada, Abràò imaginou em sua mente que o caminho seria mais fácil e produtivo. Não contava com as dificuldades que encontraria naquele lugar fora dos planos de Deus. No Egito, Abràò e Sarai, estavam por conta de suas próprias idéias. A decadência da fé desse casal iniciou-se quando, fora do controle de Deus, começaram a tecer seus próprios planos, como diz a Bíblia: E aconteceu que, chegando ele para entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher” (Gn 12.11). A partir desse momento, Abràò e Sarai passaram a depender de suas próprias decisões. E mesmo que Deus tenha sido colocado de lado, ainda assim l-'le não os abandonou.

Dependentes de Si Mesmos (Gn 12.11 13)

Quando abandonamos o caminho da fé e a direção divina em nossa vida. temos de tomar decisões próprias e arcar

com os possíveis erros dessas decisões. Abrão e Sarai sabiam que estavam fora do plano de Deus e, por isso, teceram um plano próprio, para poderem sobreviver. Havia alguns riscos em terra estrangeira e eles, para poderem ir em frente, teriam de evitar a violação das leis daquela terra estranha. Abrão queria continuar vivo e manter viva sua mulher, mas como dependiam deles mesmos e não da fé no Deus que os havia chamado e dirigido até então, cometeram alguns deslizes morais que se constituíram em pecados contra si mesmos e contra Deus. Quando tomamos o nosso próprio caminho e temos consciência disso, nos isolamos e nos fechamos em nós mesmos. No caso de Abrão e Sarai, era uma forma de neutralizar a voz de suas consciências. Eles não quiseram ouvir a Deus sobre sua saída de Canaà, porque, cenamente temiam a resposta de Deus. Essa autodependência indicava não apenas um ato de rebeldia à voz de Deus. mas uma forma de dizer-Lhe que não se preocupasse com eles, pois eles sabiam cuidar de si mesmos. A despeito de tudo isto, Deus não desistiu de seu plano para com Abrão e Sarai. Ele esperou que eles aprendessem por experiência própria sobre os riscos de estar fora da sua vontade

Os Tropeços no Caminho Decadente do Egito (Gn 12.11-13)

A fraqueza da nossa fé nos torna vulneráveis às vicissitudes da vida. De repente, os planos caem por terra. Instabilidado emocional nas decisões nos fazem cometer erros irreparáveis. A comunhão com Deus parece deparar-se com uma muralha intransponível e as orações encontram um céu de chumbo. Nesse caminho decadente de espiritualidade, tornamo-nos vítimas de atitudes que não conseguimos evitar. Três atitudes pecaminosas foram

praticadas por Abrão e Sarai, quando deixaram a confiança em Deus e passaram a viver segundo suas próprias idéias. O casal tramou uma situação em que parecem ter perdido completamente o bom senso. As três atitudes tomadas por Abrão e Sarai foram *dissimulação. duplicidade de caráter e mentira.*

Dissimulação, um modo de tentar "tapar o sol com uma peneira ” (vv. 11,12). Esse ditado popular cabe perfeitamente no comportamento desesperado, e ao mesmo tempo ambicioso, do velho Abrão. O que ele fez? Propôs a sua mulher fingir ser sua irmã. e negar ser sua esposa, porque sendo Sarai mulher muito bonita, entendeu que os egípcios não o matariam por causa dela. A confiança em Deus fora abandonada, e Abrão só confiava nas suas próprias idéias. Ele estava em crise com sua fé, porque não sabia mais o que fazer para viver naquela terra sem ser expulso dali. A dissimulação é uma forma de engano, de disfarce e de fingimento.

O caminho fora da vontade de Deus induz aos caminhos tortuosos e pecaminosos. Tiago escreveu em sua epístola: "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte" (Tg 1.14,15). Abrão se deixou levar por um julgamento errado da situação porque linha a impressão que Deus o abandonara, por isso teria de decidir e assumir as consequências de seu erro. Preferiu tomar a via da dissimulação e. para tal atitude. Sarai teria de fingir. Ela deveria passar uma imagem fantasiosa de que era a irmà de Abrão, e não sua mulher.

A Bíblia condena a dissimulação e o fingimento (1 Pe 2.1; Pv 25.23). Temos algumas histórias na Bíblia que ilustram o problema da dissimulação, como fizeram os reis Saul e Davi. O rei Saul disfarçou-se de homem comum e entrou na casa de uma feiticeira em En-Dor para buscar alguma mensagem de Samuel, já morto U Sm 28.8-11). Era um contra-senso aquela atitude do rei Saul. pois. anterior-mente, ele havia mandado matar todos os feiticeiros c encantadores do seu reino. Uma história dolorosa de dissimulação foi a do rei Davi. Para esconder o seu pecado de adultério, ele trouxe o marido de Bate-Seba e. sem que o mesmo soubesse, ordenou-lhe, em plena guerra, que fosse para casa. para ficar com sua esposa. Dessa forma, a gravidez existente, fruto do adultério de Davi, pareceria ser de llrias. Davi pagou caro pelo pecado de dissimulação, além da mentira, do adultério e do homicídio (2 Sm 11 1-17). A dissimulação é um desvio de caráter e um pecado praticado em nossos dias. Proceder com fingimento c com hipocrisia tem sido uma atitude constante de homens e mulheres, muitas vezes para esconderem graves pecados.

Essa atitude equivale ao palhaço que se esconde atrás de uma máscara. Tentativa de mostrar exteriormente o que não é interiormente. Conta-se de um evangelista e um famoso palhaço, os quais realizavam trabalhos na mesma cidade. O evangelista promovia uma grande cruzada evangelística e, para o evento, convidou toda a cidade para ouvir a pregação do Evangelho. No mesmo período, promoveu-se na cidade um grande *show* com o famoso palhaço. O palhaço atraiu grande multidão para assistir as suas brincadeiras e fazer com que todas as pessoas rissem e se alegrassem. A cruzada evangelística não atraiu tanta gente quanto o *sbow* do famoso palhaço.

Ao final do *sbow* daquele artista, a imprensa local entrevistou o famoso palhaço e lhe perguntou a causa do seu sucesso e da atração das multidões ao seu *sbow,* quando havia na cidade um pregador que falava a verdade ao povo. e ele, tão-somente, mentiras. O palhaço respondeu aos jornalistas: “A diferença entre eu e o evangelista é que eu dissimulo a mentira como se fosse verdade, e o pregador fala a verdade como se fosse mentira. A despeito de eu provocar tantas alegrias, sou uma pessoa triste e amarga” Esse episódio fez com que o palhaço procurasse o pregador, para o qual abriu seu coração e confessou-lhe viver de mentiras e dissimulações nos *sbows* que apresentava, mas sua alma era triste. Sua vida era inversa à alegria que provocava. O pregador falou-lhe de Jesus Cristo e mostrou-lhe que ele poderia ser um palhaço diferente, a partir de então. O famoso artista aceitou a Cristo e nunca mais precisou dissimular a verdade do seu coração.

Duplicidade de Caráter (Gn 12.13)

Abràо induziu sua mulher à duplicidade de caráter, levando-a a dissimular, mentir e agir com duas atitudes. Sair da presença de Deus significa expor-se aos mais absurdos pecados. O casal teria de fingir para sobreviver, o que indica uma duplicidade de caráter. Sua fé em Deus estava em farrapos. Eles imaginavam que, a partir dessa escolha. Deus não os perdoaria mais e teriam que depender de seus próprios esforços. O salmista diz: “Aborreço a duplicidade, mas amo a tua lei" (Sl 119.113). A duplicidade de caráter indica a falia de constância nas atitudes ou o uso de má fé para obter algum tipo de lucro. Tiago escreveu que "o homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos" (Tg 1.8). O homem sem a presença de Deus em seu coração torna-se dúbio e inconstante em sua mente.

A Mentira (Gn 12.13)

"Dize, peço-te, que és minha irmã para que me vá bem por tua causa" Abrão induziu sua mulher ao pecado da mentira, não apenas para salvar sua vida, mas também, para tirar algum proveito material através dessa mentira. Sua confiança em Deus parece ter desaparecido, por isso, dissimulação, duplicidade e mentira não fariam muita diferença em seu caminho fora dos planos de Deus. Abrão expôs a sua honra e a de sua mulher e foi censurado pelos egípcios. E se não fosse a intervenção de Deus naquele episódio vergonhoso, Abrão teria sido morto e sua mulher não escaparia ao vexame de tornar-se mulher do Faraó. Na verdade, nos parece que Abrão comeria o pão da mentira. Diz a Bíblia que "suave é ao homem o pão da mentira, mas, depois, a sua boca se encherá de pedrinhas de areia" CPv 20.17).

Deus Interfere na Vida de Abrão e Sarai

O critério de justiça divina. Apesar dos erros do casal. Deus não os julgou pelo critério dos homens. A justiça divina, mesmo que ofendida, tem sua base na misericórdia de Deus. Eles não foram abandonados pelo Senhor, mas o Senhor os deixou, por um tempo, à mercê das conseqüências de seus erros, para que eles aprendessem a confiar unicamente em Deus. Maravilhosamente, Deus não permitiu que Faraó tocasse em Sarai. A inteligência de Faraó o fez perceber que havia alguma coisa anormal em sua casa real, pois toda sua casa foi ferida com pragas. O Espírito de Deus, que não se limita a agir somente com aqueles que o conhecem, tocou no coração do rei pagão. Havia uma interferência espiritual em seu palácio, e era preciso descobrir onde e como. Era o juízo de um Deus

mais poderoso que os deuses do Egito (Gn 12.17). Faraó entendeu que a causa daquelas doenças era a presença daquela mulher em seu palácio. Entendeu também que havia alguma coisa errada com o homem com o qual negociou Sarai. E, por fim. descobriu que ela não era livre, mas era casada com Abràò (Gn 12.17-19). Imediatamente, Faraó procurou liberar e devolver Sarai a Abràò, ordenando-lhes que saíssem do Egito.

Interferência misericordiosa de Deus. A Bíblia declara pelo profeta Jeremias que “as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos” (Lm 3.22). A despeito da interferência misericordiosa de Deus, Abràò e Sarai tiveram de amargar a vergonha do seu pecado de mentira e fingimento naquela terra. Abràò aprendeu a lição, arrependeu-se, e “subiu" (Gn 13.1) do Egito. Quando desobedecemos a vontade de Deus. nos perdemos no caminho torto, mas o único modo correto de começar tudo de novo é voltar de onde caímos (1 Jo 1.9). Na escola da fé, o fracasso nào é permanente, mas por essa experiência descobrimos o quanto somos frágeis e o quanto Deus é justo e misericordioso.

Os Prejuízos dos que Fraquejam na Fé

Abràò e Sarai foram humilhados naquela terra. Foram salvos, graças à intervenção divina. Se nào tiveram prejuízos materiais, tiveram prejuízos morais e espirituais que marcaram fortemente suas vidas.

Enfraquecidos na fé, Abrão e Sarai distanciaram-se da comunhão com Deus. Eles não foram abandonados por Deus, mas ficaram à mercê das consequências dos erros que cometeram. Na verdade, o pecado é imundícia diante de Deus, e não há a menor possibilidade de comunhão com

Ele nesse estado. A perda da comunhão com Deus significa a perda daquela intimidade que só duas pessoas amigas possuem. Enquanto Abrão esteve fora da vontade de Deus, não conseguiu construir nenhum altar ao Senhor, pois Deus até então, naquela terra estranha, não havia se revelado a ele. O último altar erguido por Abrão foi em Betei, o último lugar onde estivera antes de ir para o Egito (Gn 12.8). Somente levantou outro altar ao Senhor quando voltou à terra de Canaà (Gn 13-18). A Bíblia declara que o "mistério da fé é guardado em uma pura consciência" (1 Tm 3.9). Perder a comunhão com Deus, no plano espiritual é como perder o oxigênio que respiramos. Um crente não pode subsistir espiritualmente sem a comunhão com Deus.

Enfraquecidos na fé, Abrão e Sarai expuseram-se à desmoralização perante os egípcios. Deus teve misericórdia do casal e o preservou, mas não impediu que eles experimentassem as consequências de suas decisões erradas. Quando Faraó adoeceu, e também as pessoas do seu palácio, entendeu que o problema estava com aquela mulher que não podia ser sua porque pertencia a outro homem. Descobriu que houve dissimulação e mentira por parte de Abrão e Sarai e, então, entregou Sarai de volta a Abrão e ordenou-lhe que saísse do Egito. Saíram completamente desmoralizados. Abrão não pode dar testemunho do seu Deus e ainda foi repreendido pela sua atitude por um rei pagão.

Quando o crente utiliza os artifícios da mentira e do engano, expõe-se ao ridículo moral e social. É um preço caro que se paga pela mentira, e o pagamento com a "perda da moral" é mais grave ainda. O mundo procura oportunidade para zombar da nossa fé, porque o estilo de vida do cristão é diferente do mundo. Quando fracassamos na fé, quando nos deixamos sucumbir diante das

circunstâncias, somos alvos do escárnio do mundo. Abràо e Sarai expuseram -se no Egito e o Egito não era o lugar da presença de Deus. Quando queremos aliviar a “fome” da terra onde Deus nos colocou (Gn 12.10), e buscamos o Egito, corremos o risco de experimentar as maravilhas da providência divina. O Egito é típico do lugar fora do plano de Deus, e é melhor sofrer fome no caminho da vontade de Deus do que aliviar a fome nos celeiros fictícios de Satanás. F melhor ser pobre com Cristo do que ser rico sem Ele. Abràо teve “ovelhas, vacas e jumentos, e servos e servas, e jumentas e camelos”, mas teve a tristeza de parecer o mais pobre de todos os homens ao ser humilhado pelos egípcios. Nada pode compensar a perda da comunhão com Deus. Devemos aprender que Deus é o único que governa as circunstâncias. É muito mais seguro, ainda que “na fome", obedecer a vontade de Deus. do que estar “no Egito” fora da vontade de Deus.

Enfraquecidos na fé, Abràо e Sarai cauterizaram suas consciências. O apóstolo Paulo escreveu aos romanos que existe uma lei escrita no coração de cada criatura, tendo a consciência como testemunha juntamente com os pensamentos, para acusar ou defender mediante os seus atos (Rm 2.15). Quando Abràо deixou-se subornar pelos presentes de Faraó, por causa da paixão que dominou o coração de Faraó por Sarai, ele havia perdido a sensibilidade de sua consciência. Abràо se dispôs a negociar até mesmo o amor que tinha por sua mulher, desde que pudesse aumentar sua fazenda com mais “ovelhas, vacas e jumentos, servos e servas, jumentas e camelos" (Gn 12.16). Sua fé desceu ao mais baixo grau de relação com Deus.

O sistema mundano dirigido por Satanás é um oponente poderoso do exercício da fé em Deus. Mundo e fé em Cristo

são antagônicos. Abrão estava fraco na fé e à mercê do “sistema mundano" por isso, fora da vontade de Deus não sabia como exercitar sua fé para vencer aquele momento de fraqueza. Ele anulou o exercício da fé e cauterizou sua consciência, por isso fraquejou. Para cauterizarmos nossa consciência basta descuidarmos de nossa fé e darmos ouvidos a “espíritos enganadores” (1 Tm 4.1.2). Abrão saiu do plano original de Deus em sua vida e preferiu obedecer a voz de sua própria carne a ouvir a Deus (Gl 5.16,17). O pecado de Abrão e Sarai não foi casual. Eles não foram vítimas de uma circunstância, porque conheciam ao Senhor. O seu pecado foi premeditado, porque ambos teceram toda a trama. Abrão instruiu a Sarai sobre o que deveria fazer e dizer aos egípcios (Gn 12.11-13).
Na realidade, a trama revela que Abrão estava cheio de medos. Como a decisão de sair de Canaâ significava assumir todos os riscos, ele procurou formas racionais de defesa para quaisquer obstáculos que enfrentasse no Egito. Ele temia ser assassinado pelos egípcios por causa de sua mulher. Por isso, tramou formas defensivas e de subsistência, uma vez que ele colocara de lado a dependência ao cuidado de Deus.

Uma curiosidade dentro dessa história de Abrão no Egito. Ele recebeu muitos presentes de Faraó, inclusive servos e servas. Não se pode comprovar com exatidão, mas é possível que, entre os servos e servas que lhe foram dados por Faraó, estivesse a egípcia Agar, a qual pouco depois Ihè traria tantos problemas. Precisamos cuidar da nossa fé para não sofrermos o que sofreram Abrão e Sarai, quando expuseram suas vidas e todo o plano divino ao risco de perdê-los. Abrão e Sarai aprenderam com duríssima penalidade que sair da tutela de Deus e querer viver independente, tomando caminhos próprios, sempre resulta

em terríveis prejuízos, não só materiais, mas também morais e espirituais.

Enfraquecido na fé, Abrão perdeu o bom senso como homem e como marido. Todas aquelas qualidades morais e espirituais de fidelidade, generosidade, justiça, sensibilidade e responsabilidade parecem ter se confinado num baú de quinquilharias na vida de Abrão. De repente, diante do problema encontrado em Canaà, Abrão esquece-se da promessa de Deus e dá lugar á mentira, ao seu ego, à dissolução de valores, anteriormente tão importantes em sua vida. Diante da crise da privação material, Abrão faz concessão ao espírito do Egito e se submete a satisfazer as exigências desse espírito mundano, porque o Egito é símbolo do sistema satânico deste mundo. Deixando de lado sua fé em Deus, Abrão teceu um plano material para tirar proveito no Egito. Sua ambição material parece ter-se aguçado e, preferiu negociar a beleza física de sua mulher Sarai em troca de ovelhas, camelos, bois, jumentos e jumentas, escravos e escravas, além de riquezas minerais (Gn 12.11,14-16). Para ter êxito nesse plano, mentiu e induziu Sarai a mentir para os egípcios em prejuízo do seu próprio casamento. Na verdade, ele não confiou na capacidade de Deus para suprir as necessidades de sua gente. Ele expôs Sarai à pressões emocionais e morais desnecessárias, ao permitir que ela se

tornasse mais uma das princesas e concubinas de Faraó (Gn 12.14,15).

Abràо falhou como homem e como marido em relação à sua mulher, mas Deus a guardou no palácio de Faraó, não lhe permitindo nenhum mal. O rei foi ferido com pragas, e então, Deus o fez entender que não podia tocar naquela mulher (Gn 12.15-19). Apesar da fraqueza de Abràо. Deus

não o abandonou. O Senhor protegeu a Sarai e ela foi devolvida a Abràо, mas tiveram de sair do Egito e voltar ao lugar onde Deus os havia colocado anteriormente, em Betei (Gn 13-1-3). Abràо não teve outra alternativa ou saída, mas resolveu voltar a Betei e restaurar sua fé e seu culto ao Senhor (Gn 12.4).



Capítulo 4

O Preço da Contenda

Gênesis 13.1-18

A contenda é uni espinho que afasta as pessoas umas das outras e suscita a ira e a inimizade.

(Elienai Cabral)

O fruto da desobediência é sempre amargo, e Abrão sofreu essa experiência por ter se deixado dominar por um sentimentalismo familiar que lhe trouxe muitos problemas. Desde que saiu de Ur dos caldeus para ir à terra de Canaâ, os parentes que o acompanharam, durante a peregrinação, só lhe trouxeram aborrecimentos e dificuldades para a realização do plano original de Deus para a sua vida. Agora. Abrão enfrentava problemas de ordem social dentro da própria família. Seu sobrinho I.ó viera com tudo o que possuía, gados e pessoas para servi-lo. Onde chegavam, Ló e seus pastores procuravam as melhores pastagens, ficando em prejuízo seu tio Abrão. Os interesses se chocam e o sobrinho Ló não teve o menor respeito pelo tio Abrão, ao contrário, permitia que seus pastores de gado contendessem com os de Abrào. O espaço geográfico era pequeno para os dois e para os seus gados. Ao deparar-se com o problema, Abrào entendeu a gravidade e procurou da melhor forma possível, confiando na provisão e promessa do Senhor. solucionar esses desentendimentos. Então, propôs a seu sobrinho a separação entre eles.

Interferências no Plano de Deus (Gn 13.1-6)

Quando Abràо e Sarai saíram de Ur dos caldeus, rejeitando os deuses pagãos de sua terra, estavam convictos de que o Deus a quem serviam tinha um projeto para suas vidas. Porém, sempre foi típico da raça humana a vulnerabilidade moral para obedecer e seguir um propósito. Com Abràо e Sarai não era diferente. Eles, a despeito da boa vontade e sinceridade em servir a Deus, eram vulneráveis às circunstâncias. Interferências emocionais, materiais e físicas retardaram a promessa de Deus para as suas vidas. Não somos diferentes em nossa geração. Somos vulneráveis a fraquezas, por mais boa vontade que tenhamos para executar um plano de vida, especialmente, aqueles que vêm de Deus.

Primeiro, houve interferência cie sentimentalismos. Quando Deus chamou a Abràо. ordenou-lhe: "Sai-te da tua terra, e da tua parentela e da casa de teu pai. para a terra que eu te mostrarei" (Gn 12.1). Abràо obedeceu a primeira parte da chamada, mas não conseguiu desvencilhar-se de seus parentes. Além da família de seu pai, ainda levou consigo seu sobrinho Ló, que "tinha rebanhos, e vacas, e tendas" (Gn 13.5), e era um homem muito ambicioso. Ló permitiu que seus trabalhadores contendessem com os de Abràо devido o espaço geográfico não ser suficiente para ambos.

Ora. a lição que podemos extrair dessa história bíblica é que se permitimos que os nossos sentimentos interfiram no plano de Deus para a nossa vida, teremos de sofrer as consequências dessa atitude.

Segundo, hom>e interferência no espaço que Deus lhes deu. Hm Gênesis 13.6 está escrito: "E não tinha capacidade a terra para *poderem* habitar juntos” Há uma lei na física que diz que dois corpos não podem ocupar o

mesmo espaço. Imaginem, metaforicamente, que Deus estabeleceu um espaço dentro do seu plano unicamente para Abràо. Logo, de acordo com a vontade divina, aqueles familiares eram excedentes e não faziam parte do plano divino, senão Sarai, sua esposa. Na realidade, toda aquela situação consiituiu-se numa intromissão aceita por Abràо, a qual lhe trouxe péssimos resultados. Não se tratava apenas do espaço geográfico compartilhado pelas pessoas da família de seu sobrinho, mas significava intromissão no espaço destinado por Deus somente a Abràо e sua mulher. E esse foi o ponto nevrálgico da contenda, pois as duas famílias não puderam conviver. Tanto Abràо como Ló possuíam rebanhos, vacas e tendas. Essa contenda fez com que Abràо tomasse a decisão de evitar maiores danos para a família, propondo a separação a seu sobrinho. Às vezes, situações semelhantes acontecem em nossos dias até mesmo no seio da Igreja, quando algumas lideranças estão em desacordo e não conseguem viver em paz no mesmo ambiente. Naturalmente, se não houver uma solução cristã capaz de neutralizar a contenda, a solução mais inteligente, com alto preço, é a separação. As consequências negativas da contenda na história do povo de Deus estão registradas na bíblia (Êx l-'.?: Nm 26.9).

Terceiro, houve interferência de ambição material fora do plano original de Deus. Deus havia abençoado materialmente a Abrão desde quando saiu de sua terra. Apesar de ter entrado no Egito fora do plano de Deus, Abrão prosperou muito. No entanto, deve merecer a nossa atenção o fato de que a prosperidade de Abrão enquanto permaneceu no plano original de Deus tinha a bênção dEle, porém, quando esteve no Egito sua situação próspera lhe trouxe posteriores problemas. Abrão cresceu e prosperou no Egito, mesmo tendo usado de artifícios enganosos para

permanecer nesse país. Provavelmente, esta ascensão não aconteceu sob o mesmo princípio do tempo em que Abrão obedeceu a Deus. Fora do plano de Deus, Abrão mentiu, dissimulou e ainda expôs a sua esposa, quando enganou o rei do Egito dizendo que Sarai era sua irmã. Por esse motivo, sobrevieram doenças à casa de Faraó, que deduziu haver alguma coisa errada com Abrão e Sarai. Faraó entendeu que o Deus de Abrão tinha maiores poderes que os seus deuses e devolveu Sarai a Abrão, exigindo que saíssem da terra do Egito. Nesse tempo, ele acumulou riquezas e as levou consigo para fora do Egito (Gn 13-1,2). Essa prosperidade provocou o problema entre ele e Ló. As riquezas acumuladas da impiedade não podem constituir-se em liên-çãos para os que servem a Deus (Ec 5.13,14).

Rupturas Provocadas pela Contenda (Gn 13*7-13)

Após a frustrada experiência que sofreu no Egito, Abrão subiu e seguiu na direção do Neguebe, ao sul da Palestina. Entre os parentes próximos, o acompanhava o sobrinho Ló, a sua família e todos os servos de sua casa, inclusive, o seu gado. Mais uma vez Abrão foi a Betei, onde havia anteriormente levantado um altar ao Senhor (Gn 12.8). Ali ele

invocou o nome do Senhor e teve a sua fé fortalecida em Jeová. A caminhada da fé, anteriormente paralisada por causa da experiência no Egito, é agora reiniciada. Entretanto, ainda havia alguns obstáculos que precisavam ser vencidos para que Abrão pudesse cumprir plenamente o plano original de Deus (Gn 12.1-4).

Primeira ruptura: Separação (Gn 13-5-7). A primeira aiptura gerada pela contenda entre os pastores de Ló e de Abrão foi social. A separação entre Abrão e Ló foi

inevitável. Quando os interesses pessoais e egoístas tornam-se maiores que os valores éticos e morais é possível acontecer essas rupturas. Isso ocorre muitas vezes dentro da família, quando perde-se o respeito ao pai, à mãe, aos irmãos e amigos. A contenda age como um vírus que contagia a rodos quantos estão próximos. Por outro lado, Abrão entendeu que seria impossível conviver pacificamente quando os interesses ficam acima do respeito familiar e do temor a Deus.

Segunda ruptura: Concessão (Gn 13-8.9). Abrão fez uma proposta a Ló. Diante do conflito entre os seus trabalhadores e os de Ló, Abrão soube que precisaria fazer uma certa concessão ao sobrinho para evitar maiores problemas. Saindo do Egito, Abrão retornou a Betei, até o lugar do altar, para renovar seu pacto de fé e obediência ao Senhor (Gn 13 4). Tendo voltado à realidade e renovado seu pacto com o Senhor, Abrão estava preparado para tomar as decisões cabíveis que não mais restringiriam sua obediência completa ao plano original feito por Deus. Nada mais o deteria; seria conduzido ao lugar que Deus havia designado para ele e sua posteridade. Se o seu sobrinho Ló estava criando constrangimento naquela terra, então, os dois deveriam separar-se. Disse Abrão a Ló, de modo solene e firme: “Ora, não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque irmãos somos. Não está toda a terra diante de ti? Eia, pois, aparta-te de mim-, se escolheres a esquerda, irei para a direita; e, se a direita escolheres, eu irei para a esquerda" (Gn 13.8,9). Uma vez que Abrão estava com a sua fé renovada, não temia mais qualquer ameaça. Às vezes, o ceder a quem nos prejudica, fortalece a nossa fé e nos torna aptos para fazer a obra de Deus. Abrão deu a Ló o direito de escolha, mesmo que este fosse mais novo, e pela ordem normal da

vida. o direito era de Abrão. Mas ele era homem de fé e a fé opera por amor (G1 5.6) e o amor não busca o seu próprio interesse.

Terceira ruptura: Cobiça (Gn 13-10). A cobiça foi o outro motivo da contenda entre Abrão e Ló. Parece-nos que à sombra da prosperidade de Abrão, o seu sobrinho Ló ia tirando proveito. Cresceu em número de familiares, servos e servas, gado e tendas e, desse modo, também constituía-se num tropeço no caminho de fé para o qual somente Abrão fora chamado. Segundo o texto do capítulo 13. sabemos que os dois haviam chegado a uma terra em que não havia espaço geográfico para ambos. Como já foi mencionado, isso tornou-se um problema. Na verdade, Ló, sua família e seus trabalhadores queriam muito mais do que haviam conquistado até então. A contenda tinha sua raiz na ambição e cobiça de Ló. Abrão percebeu que esta discórdia fora motivada por razões erradas e egoístas. A palavra “cobiça" pode ter vários sentidos correlatos — especialmente na língua do Novo Testamento, o grego — tais como: *pleonexia,* que significa “cobiça", e aparece em várias passagens da Bíblia (Mc 7.22; Lc 12.15; Rm 1.29; 2 Co 9.5; Ef 4.19; 1 Ts 2.5; 2 Pe 2.3,14). Em algumas traduções da Bíblia a palavra “cobiça” aparece como “avareza" “avidez" Elucidando melhor o termo, “cobiça" pode significar "o espírito que procura tirar proveito do seu próximo" Ló, tão logo lhe foi proposto escolher entre a banda norte e a banda sul, escolheu a "melhor parte", pois diz a Bíblia que ele “levantou os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada" (Gn 13-10). Sua cobiça neutralizou todo respeito que ainda pudesse ter pelo seu tio Abrào, que o trouxera em sua peregrinação. Esse desejo o tornou ardiloso e insensível. Ele viu na proposta de seu tio a oportunidade de expor, sem perceber, a “avareza"

que dominava seu coração. Em todos os tempos a cobiça e suas atenuantes sempre foram condenadas pela Palavra de Deus. Jesus condenou, entre outras coisas, a cobiça (Mc 7.22.23). Ela produz muitos estragos na convivência humana, como, por exemplo, a contenda, que sempre ocasiona espinhos que ferem e maltratam; se não for contida. infecciona todo um ambiente de paz (Pv 17.14; Fp 2.3,4). Abrão era homem de paz, por isso, usou o bom senso para evitar prejuízos ainda maiores.

Quarta ruptura: Amhiçãu carnal (Gn 13-10-13)- A escolha de Ló é típica do crente carnal, cuja concupiscência o envolve. Até então, Ló e sua comitiva tinham experimentado uma vida de forasteiros em companhia de Abràо. Seus olhos contemplaram as campinas úmidas e bem regadas do Jordão, e desceu para aquelas campinas próximas às cidades de Sodoma e Gomorra. A escolha materialista e egoísta converteu-se em morte e destruição. É sempre triste o exemplo do homem que só busca os interesses do mundo. Ló "armou as suas tendas até Sodoma" e passou a habitar naquela cidade (Gn 13-12); mais tarde, passou a assentar-se à porta da cidade, onde se assentavam as autoridades (Gn 19-1). Porém, a despeito de existir na mente e no coração de Ló um princípio de justiça adquirido na formação de sua família e no tempo em que habitou com Abràо, Ló deixou-se envolver pela ambição e, com isto, perdeu o domínio de sua própria família. Perdeu a autoridade sobre sua mulher e suas filhas que se corromperam, porque o estilo de vida de Sodoma era depravado (Gn 19-14,16,17). Jesus fez uma séria advertência aos seus discípulos, lembrando a história triste e decadente de Ló e sua família em meio a uma geração corrompida, como foi a de Sodoma e Gomorra (Lc 17.28-30). Muitos cristãos, por serem ambiciosos, têm se deixado

levar pelo espírito do mundo, e outra vez Jesus adverte-nos, dizendo: "E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia" (Lc 21.34).

Como Conter e Vencer o Espírito de Contenda (Gn 13-1418)

A expressão “espírito de contenda” tem um sentido qualitativo. A palavra “espírito” não deve ser interpretada como referindo-se a um “demônio” mas representa uma força negativa da natureza pecaminosa, e neste caso da contenda entre Abràо e Ló, surge como uma atitude carnal provocada por interesses egoístas. A tradução E.R.A traduz Provérbios 28.25: “O cobiçoso levanta contendas, mas o que confia no Senhor prosperará” Ló esteve à sombra de Abràо e foi muito abençoado materialmente. A cobiça de Ló o cegou e o fez esquecer-se de alguns princípios divinos. O bom senso de Abràо o fez decidir pela separação entre ambos. Diz a Bíblia que após essa decisão, o Senhor voltou a falar com Abrão (Gn 1314). Os obstáculos materiais e familiares que o impediram de manter-se naquele caminho indicado pelo Senhor foram vencidos. Agora, Abrão está livre! O caminho da obediência não poderia ser obstruído pelos mesmos obstáculos. A obediência integral estava canalizada e desobstruída para que Abrão pudesse cumprir a ordem de Deus e restaurar sua comunhão com Ele. A contenda entre a sua família e a de I.ó tornou possível a restauração de sua comunhão com Deus. Alguns pontos importantes se destacam nesta dura experiência de Abrão, os quais servem de lição para aqueles que amam a Deus.

Corrigindo atitudes de caráter A despeito de algumas situações de fraqueza a que se rendeu Abrão desde que saiu de Ur dos caldeus, em nenhum instante deixou de temer a Deus. 1 [ma pessoa pode ter momentos de oscilação e descuidos, mas isto não pode significar a deterioração do seu caráter. O caráter de uma pessoa nunca eleve sofrer os danos de ações temperamentais. Abrão sabia que Deus tinha um plano para a sua vida e, por isso, nada o deteria agora. Kle retomou o caminho cia fé, deixado de lado anteriormente quando foi para o Egito. Porém, ao sair do Egito, a primeira ação de Abrão foi a de restaurar sua comunhão com Deus reconstruindo um altar ao Senhor (Gn 13-4).

A retomada do caminho da fé Quando se dispôs a peregrinar para uma terra C|ue não conhecia, sem mapa nem roteiro, apenas um destino desconhecido, Abrão demonstrou uma grande fé. Deus lhe fez de modo especial a promessa de urna terra maravilhosa que mana leite e mel. Depois que Ló se apartou dele, Deus lhe mostrou o outro lado onde estava de fato a terra prometida, e disse-lhe: “Levanta, agora, os teus olhos e olha desde o lugar onde estás, para a banda do norte, e do sul, e do oriente, e do ocidente; porque toda esta terra que vês te hei de dar a ti e à tua semente, para sempre” (Gn 13.14,15). Aquilo que parecia derrota constituiu-se numa estupenda vitória. A contenda e a separação provocadas por Ló e sua gente não prejudicaram o estado espiritual de Abrão. Pelo contrário, Abràо pôde vislumbrar uma riqueza maior do que aquela das campinas do Jordão. Ele experimentou a bênção da prosperidade em tudo quanto colocava as mãos e os pés. Por outro lado, aprendemos que quando decisões erradas nos afastam da fé e nos impedem cie continuar o caminho traçado por Deus, devemos ter a confiança de que

Ele não desiste facilmente de nós, nem abandona o plano original para as nossas vidas. Há sempre possibilidade de retomar o caminho da fé traçado por Deus.

A obediência antes de tudo. Ao longo de sua vida. Abrão aprendeu a obedecer a Deus. Mesmo quando seus familiares se tornaram obstáculos em seu caminho de fé. Abràо não desistiu. O ponto destacado da sua obediência era que Abràо não questionava coisa alguma, pois estava seguro de que a palavra vinha do seu Deus. O segredo da fé está na visão do invisível, e Abràо podia ver o invisível. Quem possui esse tipo de fé sabe obedecer.

A restauração da comunhão com Deus. Em toda a vida de Abràо a comunhão com o Senhor era mantida e alimentada pelas orações feitas nos altares que levantava a Ele em todo lugar que habitava. Em um período de estio espiritual por causa dos erros cometidos anteriormente. Abrão teve momentos em que nào confiou plenainente em Deus. Mas aquele estado nào perdurou por muito tempo. Abràо aprendeu duramente que é impossível viver sem a presença de Deus em sua vida, em seus negócios, em suas decisões. Por isso, quando voltou do Egito ao lugar onde Deus o havia colocado, restaurou o altar ao Senhor. Frequentemente, a Bíblia registra as vezes que Deus apareceu a Abràо e ambos dialogaram sobre a vida e o futuro da sua família (Gn 12.1-3.7; 13-14; 15.1-21; 17.1-27). Ele sabia que a perda da comunhão com Deus seria um desastre para a sua vida. Que lhe adiantaria toda a riqueza acumulada sem poder falar com o Senhor? Precisamos levantar nosso altar ao Senhor em nossa vida e mantê-lo ativo para nào perdermos a comunhào com Ele.

Na verdade, a vida de Abràо foi sempre um exemplo de generosidade (Gn 13 9); fidelidade (Gn 14.14: 23.2);

hospitalidade (Gn 18.2-8); compaixão (Gn 18.23) e coragem (Gn 14.14-16). A lição sobre contenda nos ensina que ela produz separações, controvérsias, questões inconvenientes que nào edificam. O cristão autêntico evita as contendas e constrói uma vida de mansidão e pacificação.

Um Estilo de Vida a Ser Imitado (Gn 13.18)

"E Abràò armou as suas tendas, e veio, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor"

A cidade de Hebrom se destaca como uma das mais antigas cidades do mundo antigo, inclusive, uma cidade anterior a Mênfis do Egito. Hebrom ficava a uns 30 quilômetros de distância de Belém da Judéia. e naquele lugar, junto aos carvalhais de Manre, Abràò estabeleceu-se e edificou um altar ao Senhor.

Abrão deixou que Deus escolhesse por ele. A contenda produziu separação entre as famílias de Abrão e Ló, e este partiu para o lugar que havia escolhido. Ele levantou os olhos e viu o que o mundo podia lhe oferecer, mas Deus convidou Abrão para mostrar-lhe algo muito mais amplo e surpreendente que tudo quanto Ló havia visto (Gn 13-14-17). Aquilo que parecia ser o pior, era, de fato, o melhor, porque ao depender de Deus, o prejuízo foi transformado em lucro. Enquanto Abrão experimentou no Egito viver “por vista" e não “por fé", passou por todos aqueles dissabores morais e espirituais. Mas agora, havia aprendido a conhecer e respeitar os limites, por isso o Senhor podia confiar-lhe novos horizontes para a sua vida. Por direito, Abrão podia apenas indicar o lado que queria para si, mas como era homem de paz não impôs seu direito. Isto nos ensina que devemos honrar uns aos outros com

amor fraternal (Rm 12.10). Hã uma curiosidade que nas ensina como lidar com as decisões da nossa vida. Ló escolheu uma terra nas campinas do Jordão, a qual pasteriormente perdeu; mas o Senhor deu a Abrão uma terra, inclusive a que Ló escolhera, que tinha uma abrangência enorme (Gn 13-14-17). Deus disse a Abrão: "eu te darei” (Gn 13.15). Ló perdeu sua família, porém, Abrão recebeu a promessa de uma família que encherí a terra. Ló estava vivendo para o possível, mas Abrão confiava em Deus para o impossível.

Abrão aprendeu a viver porfé, não por vista. Abrão, ao se apartar de Ló, entendeu que seu sobrinho andava por vista, por isso escolheu as campinas do Jordão. Mas Abrão era homem de fé, por isso sua visão não se limitava àquilo que via materialmente. Ló não foi chamado por Deus, e as que correm sem ser enviados caem, de um modo ou de outro, e regressam àquilo de outrora. Entretanto, aqueles que são chamados por Deus e se apoiam nEle são pela sua graça mantidos. O caminho desses torna-se “como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4.18). Ao edificar um altar ao Senhor, Abràò colocava Deus em primeiro lugar e sabia que tudo estava sob o seu domínio. Quando Deus é o primeiro em nossa vida não importa quem é o segundo ou último. Por isso aquilo que parecia perda para Abrão com a escolha gananciosa de Ló, na verdade, era lucro para o patriarca.

Outra diferença entre ambos era que Ló tinha tendas, mas não tinha um altar (Gn 13 5), por isso ele não invocou o nome do Senhor para ser sábio ao tomar decisões (Tg 1.5). Ao invés de elevar seus olhos para os céus, dirigiu-os para a "campina do Jordão” (Gn 13.10). Porém, os olhos de Abràò se elevaram para o invisível (Hb 11.13-16). Ló

teve oportunidade de experimentar as bênçãos que seu tio Abràò experimentava andando com ele, mas ao invés de edificar um aliar ao Senhor, preferiu descer às cidades do pecado, Sodoma e Gomorra. e terminou em fracasso espiritual e um final vergonhoso.

Abràò creu tio invisível e foi abençoado. Abrão não só levantou seus olhos aos céus (Gn 13-14), mas levantou-se e caminhou para o lugar que Deus queria que ele fosse, e, acima de tudo, elevou seu coração e adorou a Deus, rendendo-lhe graças. Abrão nunca deixou de erguer um altar ao Senhor em todo lugar que chegava, sempre adorava ao Senhor. A parte da terra que Abràò ficou era inóspita e pedregosa. Não parecia produzir qualquer tipo de riqueza. Entretanto, Abràò estava debaixo da graça de Deus e, por isso, a sua maior riqueza era espiritual. Naquele lugar inós-

pito Deus o fez prosperar. Abràò falhou nas primeiras provas porque se deixou dominar por sentimentalismos familiares e por confiar na sabedoria humana, ao invés de colocar sua fé na Palavra de Deus. Mas esta última prova foi vencida porque permitiu que Deus fosse o dirigente máximo de sua vida.



Capítulo 5

A Bondade que Supera a Maldade

Gênesis 14.1-17

"*A bondade é uma qualidade moraI do caráter que se manifesta em nossas atitudes quando a circunstância é adversa.*

Neste capítulo, aprendemos com Abràо como superar divergências exercendo plena confiança em Deus e com atitude generosa para com as pessoas que nos prejudicam. Nesta escritura, destacam-se episódios distintos e relevantes que reafirmam o cuidado de Deus com aqueles que. mesmo tendo pecado contra Ele, recebem pronta ajuda para se levantar da queda. A história bíblica relata uma guerra entre nove cidades-reino e a captura de Ló e de seus bens. Abràо soube da captura de seu sobrinho e, com uma atitude corajosa, reuniu seus homens libertando-o e restaurando-lhe os bens. A despeito de Ló ter tido uma atitude egoísta com seu tio Abràо anteriormente (Gn 13.10,11), este foi generoso com ele e sua família. Para que possamos compreender esta história devemos considerar alguns aspectos.

O Perigo da Avareza (Gn 13.10,11)

Fizemos uma digressão ao texto do capítulo 13.10,11 de Gênesis para que possamos avaliar a atitude de bondade demonstrada por Abrão, mesmo depois da atitude egoísta de Ló e sua família. O texto diz: "E levantou Ló os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes de o Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do

Egito, quando se entra em Zoar. Então, Ló escolheu para si toda a campina do Jordão e partiu Ló para o Oriente; e apartaram-se um do outro”(Gn 13.10,11). Segundo o costume da época, Ló deveria deixar o privilégio da escolha da terra como direito de seu tio, que era mais velho, mas sua ambição e avareza pesaram mais que o peso moral do respeito e da consideração por seu tio. Ló, ambicioso, escolheu as campinas do Jordão que faziam lembrar as terras férteis de Zoar, no Egito. O espírito pacífico e bondoso de Abrão deu preferência a seu sobrinho Ló. Ele tinha consciência de que tinha errado no passado quando permitiu que Ló o acompanhasse. Por isso, a solução mais viável e pacifica era o de promover a separação sem contenda. Abrão preferiu confiar na providência de Deus, que esteve presente em sua vida em todo o tempo, desde que saiu de Harà. Ló, a despeito de ter conhecido o Deus de Abrão não o servia com uma atitude de fé. Ele entendia diferentemente. Sua escolha, à primeira vista, parecia a melhor de sua vida porque não podia contar com as conseqüências de sua atitude injusta para com Abrão.
Na verdade, esta foi sua pior escolha. Sua ambição pessoal por riqueza material o fez burlar princípios vitais de relações sociais. A cobiça de Ló parece ter neutralizado todos os valores morais e sentimentais da sua vida, por isso, ele não soube avaliar as conseqüências desta cobiça.

Colhendo os frutos da avareza. A escolha de Ló foi egoísta porque só levou em conta vantagens materiais. Enquanto esteve com Abrão. Ló prosperou abundantemente. A bênção sobre a casa de Abrão alcançava a todos da família. Porém, ao sair de debaixo da bênção do tio, sua avareza o fez perder tudo. Até então Ló havia vivido em tendas como peregrino na terra, mas, ao ver as “campinas do Jordão , seus olhos encheram-se de cobiça. Em nossos dias, a Igreja

de Cristo enfrenta o monstro do materialismo em suas atividades diárias. Vivemos numa sociedade materialista e a cobica é o vírus poderoso que está roubando a fé e a confiança em Deus. Ló deixou-se dominar por ela e pela avareza sem avaliar as conseqüências espirituais de sua escolha. Foi viver numa cidade-reino onde “eram maus os varões de Sodoma e grandes pecadores contra o Senhor[1]' (Gn 13.13). Ora, certamente Ló conhecia estas características más de Sodoma, mas as vantagens materiais lhe eram irresistíveis (Gn 13 12). Quando alguém é dominado pela avareza e cobiça, é capaz de neutralizar os mais puros sentimentos de amor, temor de Deus e de bondade para satisfazer sua ambição. Jesus declarou: “Acautelai-vos c guardai-vos da avareza porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui" (Lc 12.15).

A avareza anula a bondade. Quando a avareza domina o coração de uma pessoa, esta perde a capacidade da autocrítica. Torna-se insensível ao respeito, à ética, ao amor fraternal. Ló escolheu aquelas terras e, agora, corria o risco de perder tudo. E se não perdeu tudo de imediato, não conseguiu salvar suas riquezas posteriormente com a destruição de Sodoma e Gomorra. Além de Ló ter anulado qualquer senso de bondade e de respeito por seu tio, ele entendeu que, uma vez que seu tio Abrão lhe dera o direito de escolha, poderia fazer o que bem entendesse. A bondade de Abrão foi demonstrada duas vezes: primeiro, quando propôs a separação entre ambos para manter e preservar a paz; segundo, quando decidiu salvar Ló e sua família dos reis que o prenderam. Por outro lado, Ló preferiu tirar vantagem da situação do conflito sem levar em conta a bondade de Abrão. Adan Clark, teólogo e

escritor, escreveu que “nenhuma vantagem secular pode contrabalançar a perda da paz”

A avareza produz consequências amargas. A terra que atraiu Ló foi o Vale do Jordão, com muita água e muitas pastagens (Gn 13.10-13). Ele armou suas tendas com todas as famílias de servos e servas que possuía nas “cidades da campina até Sodoma” Mais tarde, passou a assentar-se à porta da cidade, lugar das autoridades (Gn 19.1). A despeito de viver em cidades de grande maldade, Ló parecia não preocupar-se com este problema. Sua cobiça por riquezas o fazia sacrificar outros valores. As conseqü-ências foram graves para Ló. Sua mulher passou a amar a vida mundana de Sodoma e por isso, mais tarde, na destruição da cidade, Ló a perdeu, suas filhas se corromperam e suas riquezas desvaneceram-se completamente (Gn 19.16,26; Lc 17.32). Entretanto, antes da fatídica destruição de Sodoma e Gomorra, a bondade de Abrão salvou Ló e sua família da morte.

A Bondade que Supera a Maldade (Gn 14.1-17)

O capítulo 14 tem um caráter excepcional porque relata uma história de amor e de bondade, só possível a um coracão que tem comunhão com Deus. A despeito da personalidade forte que tinha Abrão em várias circunstâncias, ele sabia perdoar àqueles que lhe faziam mal. A bondade era uma qualidade de caráter de Abrão. No episódio do socorro prestado a Ló. Abrão dá-nos uma lição de imprescindível valor. Ele sabia usar de bondade com inteligência e sensibilidade, acima de qualquer maldade feita contra ele. Por sua bondade, Abrão sabia que o caminho da cobiça é curto e acaba em decepção e frustração. Esse foi o caminho escolhido pelo sobrinho Ló.

Sua fraqueza moral foi capaz de induzi-lo pelos meandros da cobiça e da avareza e terminar em desastre material com-pletamente. De repente, Ló e sua família estavam envolvidos num conflito político, do qual não tinham condições de sair ilesos. A bondade do velho Abrão foi além da medida comum da raça humana e ele se dispôs a salvar Ló e sua família.

Primeiro, para fazer o hem. Abrão entrou numa guerra que não era sua (Gn 14.1-12). Nos primeiros doze versículos, fala-se de uma guerra de poder econômico e geográfico entre nove cidades-reino. Quatro reis da Mesopotâmia se juntaram com outros cinco reis de pequenos territórios próximos daquelas planícies do Jordão para fazer guerra contra os reis de Sodoma e Gomorra. Habitava em Sodoma, o rico Ló com sua mulher e suas duas filhas. Abrão tivera informações de que Ló havia sido capturado pelos reis que invadiram e atacaram Sodoma. Então, com uma atitude altruísta, Abrão reuniu sua gente para salvar o sobrinho Ló e sua família. Arregimentou 318 homens das suas fazendas e uniu-se a três grupos chefiados por Aner, Escol e Manre (Gn 14.24) e, formando um exército forte, surpreenderam seus inimigos e os venceram. A batalha se deu no vale de Sidim, uma região cheia de betume e outros elementos minerais, onde posteriormente, se deu a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra no capítulo 19, submersas sob as águas do Mar Morto. Porém, esse fato ainda não havia acontecido. Abràо e seus homens venceram as inimigos, pondo-os em retirada e matando os que resistiam.

Segundo, Abràо superou a mágoa pela bondade do seu coração (Gn 14.14). Abràо salvou a família de Ló e também o povo de Sodoma ficou livre de seus inimigos. De fato. o que mais chama a atenção neste episódio não é a

guerra vencida, mas, sim, a generosidade de Abràо com seu sobrinho que não teve a mesma consideração anteriormente. A grande lição aprendida aqui é que Deus abençoa copiosamente os que confiam nEle (SI 37.5). Abràо não deixou que seu coração se enchesse de mágoas contra Ló, mas foi capaz de superar toda negatividade com um ‘espírito manso e bondoso" O ganancioso Ló, por outro lado, começava a colher os frutos de sua deslealdade e ambição desmedida. Abràо tinha um espírito nobre e perdoador, por isso, não levou em conta os erros de seu sobrinho Ló, mas o livrou da morte e da destruição. Devemos aprender com Abrão a não revidarmos as ofensas que nos fazem, nem nos. regozijarmos com a desgraça alheia. Jesus deixou um princípio de relações sociais quando disse: “Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai vos perdoará as vassas ofensas" (Mt 6.14,15). Nào se trata cie um tipo de perdão que conduz à salvação, mas sim, de um perdão que afeta nossa comunhão com Deus e com os homens. O crente fiel não pode conviver com ressentimentos pessoais. Nossas atitudes devem corresponder à expectativa de Deus.

Um Exemplo a Ser Vivido pelo Cristão

A Bíblia não esconde os problemas de seus heróis. Pelo contrário, todos eles deixaram suas histórias de vida com total transparência. Derrotas e vitórias; alegrias e tristezas; frustrações e conquistas, tudo isto é retratado de modo exemplar. Abrão é uma das personagens mais extraordinárias da Bíblia e, como homem, teve falhas em sua vida, mas, foi capaz de superar suas falhas desenvolvendo atitudes morais com as quais constituem

para nós, cristãos, um modelo de homem temente a Deus. Ele soube tirar proveito dos erros praticados para reparar os danos porque era um homem de virtudes como perseverança e paciência. A vida cristã é marcada por perseverança e longanimidade com alegria (Cl 1.11), ou seja, um cristão autêntico nào desiste facilmente da fé, mesmo quando comete falhas. Abrão soube tirar proveito das várias situações vividas ao longo de sua vida.

A bondade deve ser cultivada pelo cristão. O apóstolo Paulo escreveu aos gaiatas que a bondade faz parte do fruto do Espírito (Gl 5.22). Abrão possuía essa qualidade marcadamente pela experiência que tinha com Deus. Como parte do fruto do Espírito, a *bondade* é o resultado do labor do Espírito Santo na vida do crente. Paulo via a bondade como uma qualidade que devia ser exercida em quaisquer circunstâncias, quando escreveu aos Gálatas 6.9: "E nào nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos" No vocabulário humano usa-se uma expressão para identificar uma pessoa bondosa que é: uma pessoa de bem” É uma forma de descrever pessoas que conhecemos.

A bondade é um tesouro de caráter cristão. Homens e mulheres da Bíblia são excelentes exemplos de bondade, tais como Abel, Noé, Moisés, Davi, Joquebede, Rute, Dorcas e. tantas outras personagens históricas. No Novo Testamento podemos destacar Barnabé, companheiro de Paulo em algumas viagens missionárias, o qual demonstrava bondade em suas atitudes, aconselhando, orando, exortando, e a Bíblia diz acerca dele que “era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé’’(At 11.24). Na verdade, percebe-se que não se tratava de uma mera qualidade moral, mas a bondade de Barnabé tinha

sua fonte no Espírito Santo. Estava implícito no caráter de Abrão a qualidade da bondade e ele a usava em todas as circunstâncias, boas e ruins. Seu sobrinho Ló, humanamente falando, nào merecia a bondade de seu tio Abrão porque não soube corresponder a essa bondade. Mas a bondade de Abrão estava acima da maldade de Ló. Diz a Bíblia, nas palavras de Jesus, que "o homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau tira coisas más”(Mt 12.35). Portanto, o cultivo da bondade deve ser constante na vida do cristão para torná-lo capaz de superar as maldades do mundo. Esse cultivo está em semearmos a bondade em nossas relações sociais na igreja, no emprego, na sociedade em geral.

Abrão não teve perda alguma. Os saqueadores dos quatro reis foram surpreendidos pelas milícias de Abrão e foram derrotados. Por isso, nào levaram nada. Abrão e seus homens derrotaram os inimigos e Ló, que além de ter sido liberto, também nào perdeu seus bens. Dessa feita, Deus ainda preservou seus bens de tal forma que, diz a Bíblia, Abràò salvou a todos (Gn 14.16). A despeito de toda esta experiência, Ló ainda ficou com o coração preso a Sodoma, pois logo ele regressou para, posteriormente, perder tudo de uma só vez. O apóstolo Paulo nos ensina que certos valores como bondade, benignidade e paciência devem nos levar ao arrependimento (Rm 2.4). Entretanto, parece-nos que Ló nào percebeu o ato de bondade de seu tio Abràò, por isso, acabou perdendo tudo.



Capítulo 6

A Melhor Escolha

Gênesis 14.17-24

"*Dois reinos sugerem dois senhores e duas formas de vida e. inevitavelmente, induzem a duas escolhas.*

A melhor escolha é aquela que vê o reino invisível e eterno, porque o reino material é transitório e temporal.

Na jornada histórica de Abràо, percebemos o Senhor dirigindo os passo.s do patriarca que, não obstante as fraquezas e limitações, realizou proezas sempre convicto da soberania do Todo-Poderoso.

Terminado o resgate de Ló, Abràо foi abordado por dois monarcas - de Sodoma e de Salem. É importante observar que ambos distinguiram-se na forma com que o abordaram: o rei de Sodoma querendo tirar proveito próprio; o de Salem, com a missão de abençoar Abraão oferecendo-lhe pão e vinho. Este, Melquisedeque, prefigura Cristo, o Sacerdote Eterno.

Os Reis de Sodoma e o Rei de Salém

O titular de Sodoma prefigura o rei desse mundo. Satanás; enquanto Melquisedeque, o Rei do universo, Jesus. Frente a essa realidade, o homem tem diante de si uma escolha a fazer: optar pelo rei deste mundo, de quem aceita as ofertas, ou. ao contrário, decidir servir a Deus. Jesus alertou da impossibilidade de se agradar dois senhores ao mesmo tempo: "Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou há de odiar a um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Nàо podeis servir a Deus e a

Mamon - as riquezas''(Mt 6.24). O que o rei de Sodoma oferece é passageiro, perecível: ao passo que o "pão'' e o "vinho" nas mãos do Salém dizem respeito ao que é eterno, incorruptível e nos edifica.

O Encontro com o Rei de Sodoma (Gn 14.17)

Tributário de Quedorlaomer, o monarca de Sodoma, Bera, fez-se conhecido por seu caráter arrogante e pernicioso. Os nomes "Bera" e "Birsa" (outro monarca) trazem as marcas de cidades comprometidas com o pecado, Sodoma e Gomorra: significam "mal e crime" Governaram cidades onde a corrupção e a promiscuidade eram comuns na vida dos que lá viviam.

Diante do patriarca, Bera não demonstrou sequer o senso de gratidão. Era sedutor e ambicioso.

Proposta perigosa (Gn 14.17,21). O pedido nào passou de uma proposta perigosa, prontamente recusada por um homem temente a Deus. Abràо recebera a capacidade de discernir as intenções do rei de Sodoma.

Depois da vitória da guerra, Bera saiu ao encontro de Abrão e seus homens. Esse rei, acompanhado de outros governantes tributários de Quedorlaomer, reagiu contra o imperialismo deste, face à obrigação de pagamento de pesados tributos e humilhações - um conflito que se arrastava por longos anos (Gn 14.5-10). Quedorlaomer, fortalecido política e militarmente, posto que fizera aliança com três outros reis, venceu Sodoma. Gomorra, Admá, Zeboim e Belá. saqueando tais reinos, causando morte, fuga e o atolamento no vale de Sidim. reserva natural de lodo e betume.

Ao saber da prisão do sobrinho, Abrão resolveu juntar-se a seus homens para uma empreitada militar com o objetivo de resgatar Ló.

Terminada a batalha, o rei de Sodoma veio ter com Abrão. Fez-lhe uma proposta prontamente recusada (Gn 14.17). O Espírito de Deus o fez entender que alianças firmadas entre o justo e o ímpio resultam em frustração e decepção. Abrão discernira as intenções do rei de Sodoma. e sabia, portanto, que estabelecer aliança com um ímpio seria o mesmo que desrespeitar às determinação do seu Deus. Abrão não poderia deixar-se influenciar por interesses menores, materiais e oportunistas. Sua experiência no Egito, certamente, viera-lhe à mente.

O espólio comprometedor (Gn 14.21). A proposta envolvia o espólio da guerra. Abrão ficaria com os bens recolhidos: Bera com os valorosos combatentes do servo de Deus que. imediantamente discordou do “negócio” porque não ambicionava apropriar-se desse tipo de riqueza, nem que estas fizessem-no refém de Sodoma (Gn 14.22,23). Ainda que usual na antiguidade a apropriação dos despojos materiais de quem perdesse a guerra, Abrão, todavia, abriu mão desse recurso legítimo. Ademais, estimou seus homens de tal forma que os despojos, por mais valiosos que fossem, não excediam em valor os seus abnegados servos. Ainda pulsava em seu coração a aliança com o Senhor Jeová.

Generoso, o patriarca considerou os direitos de seus aliados na campanha militar, Aner, Escol e Manre - senso de justiça (Gn 14.22-24). Ele contava com uma visão transcendental, logo revelada e declarada pelo Senhor: “Não temas Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão" (Gn 15.1).

O perigo da aliança com o mundo (ljo 2.15,16) Sodoma tipifica o mundo e seus valores efêmeros. O vocábulo “mundo'' (gr. *kosmos)* significa o sistema de vida alheio e nocivo à comunhão com o Senhor. Abrão entendeu que o bem legítimo é aquele adquirido com a permissão e sob a vontade de Deus. A Igreja de Cristo precisa espelhar-se no velho patriarca, no sentido de rechaçar quaisquer pactos com o mundo. Nada que ofusque a visão espiritual deve interferir em nossa peregrinação. O Mestre alerta quanto às investidas do “espírito de Sodoma" em nossos dias, que se manifesta com: o materialismo (Lc 17.28; 21.34), a imoralidade (Gn 18.20, a soberba (Ez 16.49; 2 Tm 3-l-5)e o egoísmo (Ez 16.49).

Encontro com o Rei de Salém (Gn 14.18-24)

É curioso o surgimento de uma personagem desconhecida, que não se envolveu com a guerra. Sua participação é resultado da intervenção do Todo-Poderoso visando o fortalecimento do “amigo” Abrão. Este, que obtivera expressiva vitória, disse “não” ao rei de Sodoma; e quando Melqui-sedeque ofereceu-lhe “pão e vinho" elementos sacramentais no Oriente, entendeu que se tratava, então, de um culto ao Deus Altíssimo, o *‘‘El-Elyn ”*

Diferença entre os dois monarcas (Gn 14.18,21). O rei de Salém veio ao encontro de Abrão porque soubera das proezas e peregrinações de um homem com um estilo de vida distinto de seus contemporâneos. Melquisedeque, um monarca extraordinário, santo, pois servia ao Deus de Abrão. Eis aqui a diferença fundamental entre o rei de salém e o de Sodoma.

Abençoado pelo rei de Salém (Gn 14.18-23)- Sacerdote do Deus Altíssimo, a mais nobre função do rei de Salém.

O nome Melquisedeque (hb., *Malqitsedâq)* significa “rei de justiça” “Salém" quer dizer “paz” Daí, o autor da Carta aos Hebreus creditar à personagem as prerrogativas de “rei da justiça” “rei da paz” (Hb 7.2). Gênesis 14.17 cita o vale de Savé, “vale da planície”, situado ao norte da cidade-reino de Salém. Esse vale passou a ser conhecido, no período histórico da monarquia hebraica como o “vale dos reis”; ali ocorriam os exercícios militares. “Deus Altíssimo” (hb., *El Elyôn)* é o Eterno, com quem Abrão falava, não se tratando, é claro, de uma divindade pagã.

Reinos e Significados Opostos

O rei de Sodoma e sua gente portavam as marcas da impiedade e da injustiça (Gn 13.13; Ez 16.49,50). “Bera" figura a representação do império satânico mundano. Significa “dom" mais precisamente as ofertas do pecado (Ef 2.1-3). Melquisedeque e a gloriosa Salém (hb., “paz”) apontam-nos o Novo Testamento que fala de Cristo, nosso “Hei de Paz” e “Rei de justiça" (Hb 5.6-10). Ver Salmos 110.4.

Uma tipologia especial. Melquisedeque exercia as funções real e sacerdotal (Gn 14.18), e o próprio Abrão prestou-lhe honras devidas e ofereceu-lhe os dízimos. F.m Zacarias 6.13 os dois ofícios, rei e sacerdote, seriam atribuições do Messias de Israel. Na Carta aos Hebreus (3.5-10), o sacerdócio de Cristo - segundo a ordem de Melquisedeque - supera o de Arão e todos os da linhagem levítica (Gn 14.18-21; Hb 4.14,15; 51-10).

Cristo, o Rei perfeito. Se Melquisedeque é chamado de “rei de justiça", é porque suas obras primavam pela eqüi-dade e retidão. Jesus é Sol da justiça. O Salmo 110 anuncia,

profeticamente, a força e o poder do cetro do Messias como Rei Eterno.

Cristo, o Sacerdote Eterno. Intercede por nós que vivemos em meio a uma geração corrompida.

As Lições de Melquisedeque

Sem dúvida, Abràо não poderia imaginar tudo o que ocorreria em sua jornada. Vitorioso, Abràо teria que enfrentar as tentações que o sucesso reserva para todos os mortais: aplausos calorosos, elogios fáceis que enaltecem o nosso ego, que furtam a glória exclusiva e o louvor do Senhor. O “amigo de Deus" sabia que os afagos e os presentes do mundo comprometem a fé, debilitam o testemunho pessoal. Disse um pregador que “não podemos ser servos de Deus e ao mesmo tempo celebridades no mundo” Quantos estão à margem do caminho, prejudicaram o ministério recebido, porque cobiçaram "o prêmio de Balaào" (2 Pe 2.15).

A melhor oferta. Quando a presunção e a vaidade alimentadas por nosso ego se manifestam, deixamos de refletir, de pensar com equilíbrio. São tentações típicas após grandes vitórias que podem ofuscar a gloria de Deus em nossa vida. Melquisedeque saiu ao encontro de um guerreiro cansado, e o agraciou com a bênção do Deus Altíssimo. Melquisedeque trouxe pão e vinho, alimentos que propiciam energia e subsistência ao organismo humano, sobretudo depois de uma batalha. O sacerdote do Deus Altíssimo não proveu o patriarca de ouro, jóias e fazendas; ao contrário, de elementos simples, porém, primordiais à sua subsistência - “pão e vinho" que, no plano espiritual, simbolizam o alimento espiritual para o Corpo de Cristo, a Igreja.

Pagar o dízimo (Gn 14.20). É a primeira referência do dízimo nas Escrituras Sagradas. Não se trata de uma instituição mosaica, posto que o “pai da fé" pagou o “dízimo de tudo antes mesmo da Lei, num gesto de gratidão e amor ao Senhor. Dizimar é um ato movido pela fé, e não pela força de um regulamento, nem por dogma religioso ou mesmo por força de uma tradição - seja dinheiro, produtos agrícolas, animais etc. Quando dizimamos, reconhecemos que o Todo-Poderoso é Senhor de todas as coisas; e nós, mordomos seus.

Rei de paz e justiça (Hb 7 1.2). O autor da Epístola aos Hebreus procurou relacionar a história dos israelitas ao projeto salvífico efetuado pelo Messias. Nessa relação histórica. tipificou elementos dos sacrifícios e personagens da liturgia judaica. No capítulo 7 o autor destaca, por revelação exegética, o sacerdócio de Melquisedeque como figura do sacerdócio eterno de Cristo. “Justiça e paz" (v.2) são atributos de Melquisedeque, “rei" e "sacerdote" Primeiramente destaca a “justiça" e depois a “paz"; esta, fruto daquela. Esses atributos qualificam o reinado de Cristo (SI 72.7; Is 9.6,7; Jr 23.5; Rm 5.1; Ef 2.14,15.P).

Sacerdote do Deus Altíssimo (G'u 14.18) O ofício sacerdotal entre os israelitas sistematizar-se-ia séculos depois de Ahràо. Os descendentes de Levi foram escolhidos pelo Senhor para esse mister. Assim, todo sacerdote em Israel tinha que vir da família levítica. Porém, nos primórdios abraâmicos, um sacerdote chamado Melquisedeque - cuja genealogia jamais foi revelada - oficiou entre os filhos de Deus (Hb 14 3)- Melquisedeque foi um sacerdote temporal; Cristo, feito Sacerdote Eterno, que permanece perpetuamente. Nascido da raiz de Judá, e não da família

de Levi, o que garantia-lhe direito sacerdotal e direito de realeza (Hb 7.21-25).



Capítulo 7

Estresse e Fé

Gênesis 15.1-11

Esse título reúne dois elementos opostos no campo das emoções. Estresse (do inglês *stress*) significa “o conjunto de reações do organismo a agressões de ordem físicti, psíquica. infecciosa, e outras, capazes de perturbar-lhe a homeostase; estricçào" (Dic. Aurélio). Depois da batalha. Abràо e seus homens estavam fatigados, e vários pensamentos apreensivos lhe passavam pela mente. Deduzem os historiadores bíblicos que pode ter havido uma certa preocupação com algum tipo de vingança dos povos cujos reis foram vencidos com a ajuda de Abràо e seus homens. For outro lado, Abràо experimentava a vulnerabilidade de sua força como qualquer outro homem. Em sua fragilidade, uma certa exaustão emocional era motivada não só pela fadiga do pós-guerra, mas também por um sentimento de inutilidade. Havendo conquistado tantas riquezas materiais, e tendo à disposição servos e servas e grande quantidade de gado, nào tinha para quem deixar toda esta herança. A despeito da promessa de um filho para a sua posteridade, feita anteriormente, naquele momento, a promessa parecia nula e impossível. Foi neste contexto de emoções negativas que Deus entrou em ação para reafirmar suas promessas e para levantá-lo da prostração emocional. Sua fé foi reativada, quando o Senhor lhe disse: "Não temas, Abràо, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão” (Gn 15.1).

Abrão Experimentou Profunda Exaustão Emocional (Gn 15.1,12)

Toda a experiência vivida numa guerra que não era sua e alguma exaustão emocional foram suficientes para levar Abràо a uma certa introspecçàо. Alguns comentadores do Gênesis vêem esse episódio pós-guerra como "um momento de obscuridade de alma[1] É aquela experiência que acontece conosco depois de uma grande vitória pessoal, ou depois de uma grande alegria. É aquele sentimento de medo, de solidão, de inutilidade que nos toma, fazendo tudo parecer fantasia, irreal. Foi assim com Abrão! Ele expressa sua inquietação, e no versículo 2 chama a Deus de *Atlhunay Iaweh,* reconhecendo o senhorio de Deus sobre sua vida. Mas quando *Adbonay lahuvb* percebe o estado de espírito de Abràо "depois destas coisas" (v 1), aparece a F.le em visão e lhe diz: "Não temas" Uma tradução mais fiel ao original usa a palavra "tremer" ao invés de "temer" porque nàо se trata de simples medo ou temor, mas de um estremecimento interior que tomou conta de Abràо. Quantas vezes estremecemos interiormente diante dos desafios enfrentados. No caso de Abràо, sua mente trazia à tona a lembrança de promessas de um filho para a sua posteridade, e ao lutar por um parente, o sobrinho Ló. teve a sensação de que sua herança seria passada para alguém não gerado por ele e, quem sabe, um estrangeiro, e não um filho. Tinha como fiel servidor e mordomo a Eliezer. o damasceno (v. 2), e lhe parecia ser este um possível herdeiro. Esses pensamentos lhe torturavam a mente e sua alma foi tomada de espanto e obscuridade (v 12).

Depois da Batalha, a Reflexão Interior

O capítulo 15 começa com a expressão "depois destas coisas” Que coisas? Depois das coisas que Abràо rejeitou, as quais eram da parte do rei de Sodoma. numa

demonstração total de confiança na recompensa de Deus (Gn 14.22,23). Nos primeiros versículos (Gn 15.1-6), Deus confirma sua promessa a Abràо de que ele teria uma grande descendência, e tomaria posse de uma terra que seria maravilhosamente abençoada (Gn 12.”[7]). Para serem cumpridas estas promessas, o Senhor fez um pacto especial com Abràо (Ne 9.~\8). Neste mesmo capítulo, duas cenas noturnas indicam o modo de Deus tratar com o seu servo Abràо a fim de que não houvesse dúvidas acerca do cumprimento da promessa. Na primeira cena. Deus faz promessas (Gn 15.2.3,8), e na segunda Deus enfatiza a promessa com a materialização do sacrifício, indicando que “as aves de rapina” que surgem para comer as carnes dos animais partidos representam as nações futuras que quererão destruir essa “descendência prometida" (Gn 15.4,5,9-21). Porém, a fé de Abràо foi imputada como justiça, porque ele creu no Senhor (Gn 15.6). A sua fé tinha como escudo o próprio Deus; por isso Abràо podia descansar e esperar nl-le. Um certo autor cristão declarou que “nenhuma flecha do inimigo pode penetrar o escudo que protege o cristão mais fraco"

Deus Desfaz a Preocupação do Coração de Abrão (Gn 15.1-6)

As promessas divinas sempre são antecipadas por palavras de conforto e de ânimo, tais como: “Não temas" (Gn 15.1). É interessante notar que a ocasião em que Deus faz promessas a Abrão se destaca na frase: “Depois destes acontecimentos" ou "depois destas cousas" para identificar o momento em que Abrão se encontrava. Toda a experiência do capítulo 14 envolvendo uma guerra e a recusa do seu espólio, bem como o encontro com os reis de Salem e o de Sodoma, foram o suficiente para levar o velho

patriarca à meditação e avaliação de sua vida. Foi aí que Deus entrou em ação. Talvez o medí) de não ter agido correta-mente o tenha absorvido num espírito depressivo, perguntando-se: “Para que tudo isto?” “Valeu a pena entrar nesta guerra?”, “Não deveria eu ter ficado com os despojos dessa guerra?”, “Não aumentaria o armazenamento de meus bens?” “Mas de que adianta tudo isto, se não tenho um filho para herdar meus bens?” “Será verdade tudo o que Deus já me disse anteriormente?" Todas estas perguntas poderiam estar pressionando a mente do velho Abrão. Nesse momento Deus entra em ação e lhe aparece numa visão majestosa, dizendo-lhe: “Não temas, Abrão” Como disse certo autor: “O medo é incompatível com a fé. O Deus da Bíblia não quer que seus filhos tenham medo. Ele é o nosso confortador e encorajador” Deus estava respondendo às interrogações do coração de Abrão. O seu galardão seria superior a todos os espólios da guerra e de Sodoma. A preocupação de não ter filhos ainda estava patente em suas atitudes naquela hora, por isso disse a Deus: “Que me haverás de dar, se continuo sem filhos, e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliezer?” (Gn 15.2). Abrão chama a Deus de

Adhomiy Iabweh para indicar sua submissão ao Senhor, pois esse nome tem a ver com o senhorio de Deus sobre todas as coisas.

Deus Reafirma a Promessa de um Filho a Abrão

(Gn 15.4,5)

Mesmo falando com Deus de modo especial, o velho Abrão não conseguia ver pela fé a realização daquele sonho gerado por ele com sua esposa Sarai. Sua fé parece ter ficado estagnada por um instante, e a sua mulher

também não conseguia entender aquela mensagem divina. De fato, eles sabiam que, humanamente, seria impossível uma mulher com 90 anos gerar um filho. Isto lhes parecia um tanto ilógico, porque Sarai era estéril até então. A quem deixaria a herança? A seu fiel mordomo Eliezer? Não! O herdeiro não poderia ser um estranho. Teria de ser gerado por ele, não por outro. Deus lhe mostrou que não era nada do que pensava. Por seu herdeiro sua semente haveria de multiplica r-se na terra.

Abrão Visualiza pela Fé as Promessas de Deus

1 Deus mostrou Abrão o conteúdo da promessa. Deus o levou para fora da tenda e mostrou-lhe as estrelas do céu, e lhe disse: "Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade" (Gn 15.5). A experiência foi tão marcante que nunca antes Abrão pôde contemplar as estrelas do céu com a mesma emoção. Aquela visão real estava vestida de uma realidade futura que exigia dele tão-somente fé nas promessas de Deus. Sua convicção na Palavra de Deus foi tão forte que diz a Bíblia: "E creu Abrão no Senhor, e o Senhor imputou-lhe isso como justiça" (Gn 15.6). Abrão podia contar com a fidelidade de Deus, por isso bastava-lhe apenas confiar e esperar o momento certo.

2. Deus garantiu a Abnão a promessa feita (Gn 15.6-8). Uma forma especial de mostrar o seu amor e a sua fidelidade para com Abràо foi a identificação divina como **YAHWEH"** (Jeová). Ele declara: "Eu sou YAHVEH" (Gn 15.7), e com essa identificação Deus está dizendo a Abrão que as suas promessas têm base no seu caráter perfeito. Quando Abrão perguntou: "Como saberei que hei de possuí-la?" (Gn 15 8), não estava duvidando da Palavra

de Deus, mas estava, de fato, reafirmando sua fé nesse Deus de palavra, e desejava saber mais sobre a promessa. Era uma forma de pedir uma garantia da promessa quanto a sua realização. A Bíblia declara que "Deus não é homem para que minta” (Nm 23.19), e é fiel em sua Palavra (Sl 145.13; 1 Co 1.9).

J. Deus confirmou a promessa com o sacrifício de alguns animais (Gn 15-9-11). A resposta de Deus foi com fogo sobre um altar de sacrifício, sobre o qual foram colocados três animais: um novilho, uma cabra e um cordeiro (Gn 15.9), além de uma rola e um pombinho. Esses animais, depois de limpos, foram cortados ao meio, e as metades foram colocadas em ordem, com exceção das aves. Por algum tempo esses sacrifícios ficaram expostos e aves de rapina voavam sobre os sacrifícios, e Abràо as enxotava. Deus queria mostrar algo, de modo especial, na figura daqueles sacrifícios separados e defronte uns dos outros. Segundo o costume dos povos antigos, as alianças feitas e garantidas entre dois contratantes seriam feitas mediante um ritual, quando os contratantes que faziam aliança teriam de passar entre os pedaços dos animais sacrificados.

Desse modo, se um dos contratantes não cumprisse o pacto feito, seria ele mesmo cortado como aqueles animais. O pacto não podia ser infringido. Por outro lado, Deus estava mostrando a Abràо o futuro de sua posteridade. No episódio, Deus mesmo passaria pelo meio dos pedaços cortados dos animais sacrificados.

4. O significado das aves de rapina (Gn 15.11). As aves de rapina eram uma figura das forças malignas que tentariam se apoderar dos animais dividídosy mas Abràо as afugenta. Com a carne exposta dos animais sacrificados, as aves de

rapina foram atraídas para aquele lugar. De um modo especial. Deus estava transmitindo urria mensagem a Abràо sobre aquelas aves. Elas representavam forças antagônicas espirituais para tentar impedir e anular a vontade e o pacto de Deus na vida presente e futura de Abràо. Abràо, ao enxotar aquelas aves, defendia os interesses divinos na sua vida. Quando Deus tem um plano para conosco, Ele nos torna capazes de neutralizar a força do inimigo.

5. *A resposta de Deus ivio com fogo (Gn 1517).* Mais tarde. Deus faz valer essa aliança com fogo. Abràо pôde ver uma tocha de fogo que passava entre os pedaços dos animais expostos, uma demonstração do poder de Deus que é "fogo consumidor” Esse fogo foi uma confirmação de Deus à aliança feita. Era como se Abràо estivesse recebendo o AMÉM de Deus. Ainda hoje o fogo de Deus confirma as suas promessas.

Deus Vislumbrou o Futuro para Abràо (Gn 15.12-16)

lispanto e trevas antes da revelação (Gn 15.12). O versículo 12 declara que ainda "ao pôr-do-sol" Abràо continuava a enxotar as aves de rapina que sobrevoavam a carne exposta do sacrifício e, certamente, já estava cansado da importunação daquelas aves. Desceram trevas sobre aquele lugar e Abrão foi tomado de um profundo sono. Não nos parece que houvesse alguma coisa de natural naquelas trevas, mas era algo pesado e espiritual. Abrão entenderia, posteriormente, que a batalha contra a sua posteridade seria ferrenha, assim como fora com as aves de rapina. Muitas trevas e terror seriam experimentados por ele e sua posteridade. Em sua infinita sabedoria, Deus nos conduz

por caminhos de lutas, de trevas e espantos, para que aprendamos a confiar na sua Palavra.

Deus revelou a Abrão o futuro de sua posteridade (Cn 15.13-15)- Nessa revelação. Deus fazia valer sua presciência. Só Ele pode precisar o nosso futuro. Aprendemos neste episódio que Deus, quando faz suas promessas, torna-se fíador das mesmas. O apóstolo Paulo declara que “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11.29, ARA). Muito tempo antes do seu cumprimento. Deus revelava o futuro de seus filhos. Nenhum homem, nem anjo, conhece o amanhã, a não ser que Deus o revele. Ele tem o passado, o presente e futuro em suas mãos.

Deus revelou a Abrão o cativeiro de quatrocentos anos de sua gente (Gn 15.13-15). Há uma certa discussão sobre esse número, se 400 ou 430 anos. O autor de Gênesis se preocupou em dar um número arredondado, sem ferir a fidelidade histórica da escritura. Nos tempos bíblicos primitivos, havia distinções quanto ao tempo de uma geração, que podia durar 20, 25, 30, 35, 100 ou 110 anos. O autor preferiu arredondar o número de uma geração de

100 anos. Quatro gerações de 100 anos equivalem a 400 anos. uma vez que no tempo de Abràо vivia-se por mais tempo. Nào devemos nos preocupar com a exatidão de 430 anos do tempo que Israel esteve no Egito. O que devemos levar em conta é que Deus mostrou a Abràо o futuro de seu povo. Na realidade, foram apenas metade desses 430 anos o tempo do cativeiro literal de Israel no Egito. A lição principal desse cativeiro ensina que Deus havia estabelecido um tempo para o cumprimento de sua Palavra. Somente depois desse período de cativeiro Israel estaria preparado para entrar na terra prometida.

A história é o painel da vida que Deus se utiliza para mostrar como Ele trabalha. A fé é recompensada quando acreditamos no plano de Deus para nossas vidas.



Capítulo 8

O Pacto Abraâmico

Gênesis H 1-21

A palavra ‘pacto" define-se como aliança, concerto, acordo. contrato entre duas pessoas ou mais, como é feito em um casamento. Duas pessoas distintas, física, emocional e intelectualmente, acordam entre si acerca de algo de interesse comum aos dois. e firmam esse acordo na forma de um pacto. Deus e o homem sào pessoas distintas uma da outra, pois foi Deus mesmo quem criou o homem “à sua imagem e semelhança" moral e espiritualmente. Por isso, o Criador respeita o “livre-arbítrio" do homem que criou, e quando trata com ele, lhe dá o direito de escolher (aceitar) ou não alguma proposta especial. Deus fez uma proposta a Abràо e ambos fizeram um pacto de respeito mútuo. A história bíblica apresenta vários pactos entre Deus e o homem. ou com o seu povo. Hoje nós, cristãos, estamos debaixo de uma aliança especial da graça de Deus, feita por nosso Senhor Jesus Cristo. Além dos pactos mais conheci-dos e tradicionais da história bíblica apresentados neste capítulo, aparecem muitos outros pactos, identificados como concertos, feitos entre Deus e alguns personagens como Abraão, Isaque e Jacó. Esses três homens são os patriarcas principais de Israel (Gn 15; 17.21; 26.3-5) com os quais foram feitos os principais concertos. Posteriormente, vários concertos foram feitos com as gerações seguintes do povo de Israel (Dt 29.1) Neste capítulo o leitor poderá ter uma visão panorâmica cios principais pactos (ou alianças) feitos no Antigo Testamento e, por último, no Novo Testamento.

Nos versículos 1 ao 16, Deus fala a Abrão e reafirma suas promessas para com ele e sua posteridade. Nos versículos seguintes (w 17-21) o Senhor vislumbra na mente de Abrão uma visão futura e faz uma aliança com ele. Somente Deus é capaz de anteceder-se ao futuro, ao dia de amanhã; por isso, Ele podia revelar o tempo futuro a Abrão conforme está explícito nos versículos 13 ao 16. Ele cumpre sua palavra e suas promessas, e o tempo não interfere nos seus desígnios.

A Bíblia apresenta vários pactos (alianças) feitas entre Deus e o homem, entre os quais, os pactos abraâmicos. Neste capítulo, especialmente, destaca-se um pacto, também, denominado "concerto" ou “aliança", o qual indica e reafirma o território físico da “terra" que Deus daria a Abrão e à sua posteridade. Dois textos distintos indicam a promessa e a posse da promessa. Os textos de Gênesis 15 e Deuteronômio 7 comprovam este fato. Algumas lições de cunho moral e espiritual serão tiradas desse estudo, as quais nos ensinarão não apenas a fidelidade de Deus para com suas promessas, mas também a tipologia aplicada à vida cristã.

Vários Pactos Identificados na BíbUa

Quando Deus fez a promessa de uma terra a qual seria possuída por Abrão e sua descendência, no versículo 7.

que diz: "Disse-lhe mais: Eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para a herdares” Abrão nào descreu da palavra de Deus, mas pediu uma garantia da promessa quanto à terra prometida. Essa garantia foi demonstrada numa tipologia dos sacrifícios que Deus pediu a Abrão (v. 6). Essa garantia foi feita, também, na forma de um pacto entre ambos. Para

ilustrar esse assunto nada melhor que lembrar os vários pactos:

J O pacto edênico (Éden) - Gênesis 1.26-28. Esse pacto foi aquele que Deus fez com o homem em seu primeiro estado de vida, a incxrência. De fato, os dispensacionalistas o identificam como “dispensaçào da inocência” Foi o período em que c > homem nào conhecia o pecado. Quando conheceu o pecado, o pacto foi quebrado (Rm 3.23; 5.12). Com o "pacto da graça" foi possibilitado ao homem a sua restauração à comunhão através de Jesus Cristo (Hb 10.19-23; Rm 5.1).

2 O pacto adâmico (Adão) - Gênesis 3-14-19. Esse pacto é um dos mais ricos de todos os pactos bíblicos porque. a despeito da queda do homem, Deus nào o rejeitou para sempre nem o abandonou. Pelo contrário, deu-lhe a promessa de redenção e amaldiçoou “a antiga serpente" (Gn 315).

O pacto noaico (de Noé) - Gênesis 9-1. Com a degeneração humana (Gn 6.7,12). Deus resolveu recomeçar uma vida nova na terra. Anunciou o juízo contra a terra e o dilúvio foi inevitável (Gn 6.13). Deus ordenou a Noé que fizesse uma grande arca de madeira para flutuar sobre as águas, e Noé e sua família, com todos os animais que entraram na arca, se salvaram. Depois do dilúvio, quando arca se firmou sobre a terra seca, Deus fez um pacto com Noé estabelecendo o principio do *governo humano.*

4. O pacto abraâmico (Abraão) - Gênesis 1S. 1-4. Esse é o pacto através do qual Deus estabelece o futuro da posteridade de Abraão, formando a grande nação e a terra na qual habitaria.

5. O pacto mosaico (Moisés) - Êxodo 19.25; 20.1—24.11. Esse pacto é mais conhecido como ‘pacto da Lei. dada a Israel para nortear a sua vida física, moral e espiritual. Na verdade, tão logo Israel saiu do Egito, o Senhor quis que ele fosse o seu povo especial, totalmente consagrado a Deus. Portanto, esse pacto visava tornar Israel o seu povo separado e santo"

6. O pacto palestino - Deuteronômio 28 a 30. Esse pacto é também denominado "pacto israelita"; Deus prometeu a terra de "leite e mel" a Palestina, ao seu povo Israel.

7. O pacto davídico (Davi) - 2 Samuel 7.8-19. Esse é o pacto que estabeleceu a perpetuação da linhagem real de Davi com a promessa do futuro Messias que viria dessa linhagem. O cumprimento desse pacto existe atualmente em forma espiritual, (Mt 1.1; Lc 1.31,33; Rm 1,3) porém, o seu cumprimento cabal e definitivo se realizará com a Segunda Vinda de Cristo (2 Sm 7.8-17; Zc 12.8; At 15.14-17; 1 Co 15.24).

8. O pacto da graça (o novo pacto). Esse [jacto foi anunciado a Israel no Antigo Testamento. Os elementos espirituais desse pacto foram outorgados à Igreja de Cristo. O elemento essencial e principal desse pacto repousa sobre a obra expiatória de Cristo. Jesus, na última Ceia com seus discípulos, antes de ser entregue nas mãos dos homens para ser morto, distribuiu o “pão e o vinho" e 'declarou-lhes: "Este cálice é Novo Testamento [aliança] no meu sangue" (Lc 22.19,20). O apóstolo Paulo define o Antigo Pacto como o Pacto Mosaico, e o Novo Pacto como o pacto que o sacrifício de Cristo tornou efetivo (Gl 4.21-31). O escritor da Carta aos Hebreus identifica a Cristo como o "Mediador de um melhor pacto” (Hb 12.24).

Aspectos Distintos do Pacto Abraâmico

Ahràò teve vários encontras com Deus, que resultaram em alianças entre ambos. À medida que a relação entre Deus e Abrão ia crescendo e se aprofundando, as promessas divinas iam sendo dimensionadas na história desse “homem de fé" O pacto foi repetido e reafirmado por várias vezes, mas a cada encontro entre ambos, o pacto ia tomando proporções que tratavam de coisas presentes e futuras. A maior parte do pacto dizia respeito ao futuro da família de Abrão.

Dimensões do Pacto feito com Abraão

1) Abraão seria uma grande nação (Gn 12.2);

2) O nome de Abraão seria grande em toda a terra (Gn 12.2);

3) Todos os que abençoassem a Abraão seriam abençoados (Gn 12.3);

4) Possuiria uma terra que seria cheia da sua “semente genealógica da sua posteridade familiar (Gn 13-14-17);

5) Teria um filho e uma descendência inumerável (Gn 15.4,5);

6) Receberia uma terra que “ia desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates" (Gn 15.18);

7) Esta lenu esplendorosa era habitada por povos inamistosos e idólatras, que deveriam ser expulsos (Gn 15.19-21).

O Território Geográfico da Terra Prometida (Gn 15.17)

É interessante notar o aspecto geográfico dessa promessa divina. O texto diz literalmente: “desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates" Não se trata do rio Nilo como o interpretam alguns. O rio do Egito é, de fato, um rio denominado Sihor, que fazia fronteira com o Egito, e ficava próximo do istmo de Suez. conforme pode ser identificado em

Josué 13.3. Alguns estudiosos de Geografia Bíblica sugerem que esse rio se trata de um braço do rio Nilo, mas sem comprovação. Em Números 34.5 esse rio do Egito é chamado hoje *Vadi el-Arish,* que fica ao nordeste da península do Sinai. Essa extensão até o rio Eufrates só foi possível nos tempos de Davi e Salomão (1 Rs 8.65), mas Israel nunca conseguiu conquistar plenamente toda essa terra.

O Pacto Abraâmico Prevê a Desapropriação daquela Terra (Dt 7.1-8)

Até tomar posse da “terra jurada pelo Senhor” mais de quinhentos anos se passaram. O Senhor citara uma lista dos povos gentios estranhos à promessa feita a Abràо, os quais deveriam ser extirpados daquela terra Dos vários textos citados acerca desses povos, apenas dois são similares. Mesmo assim, nào há uma cronologia específica desses povos (Gn 15.19-21 e Dt 7.1). No primeiro texto aparecem dez nações: o queneu, o quenezeu, o cadmoneu, o heteu, o ferezeu, os refains, o amorreu, o cananeu, girgaseu e o jebuseu. No segundo texto (Dt 7.1), destacam-se sete nações, certamente mais fortes que aquelas nações

que nào foram citadas. Esses povos eram hostis, idólatras e violentos. A ordem divina era a sua total destruição. Com eles, Israel nào deveria aparentar-se, nem negociar, nem ter qualquer tipo de relação amistosa, pois eram povos que cometiam toda sorte de pecados. Na verdade, Deus usaria Israel para punir esses povos.

Relação do Primeiro Pacto Abraâmico e seu Cumprimento Posterior na Tipologia Especial dos Povos Hostis de Canaã (Gn 15.19-21; Dt 7.1-8)

Esses dois textos se relacionam no seu cumprimento numa diferença de mais de 600 anos. Desde quando Deus fez o primeiro concerto (ou pacto) em Gênesis 12 até chegar em Deuteronômio 7.1-8. a semente cie Abrão multiplicou-se grandemente. Porém, especialmente neste estudo. tomamos o *pacto* e a *promessa* da escritura de Gênesis 15.19 a 21. onde estão registrados os nomes de alguns povos que habitavam a "terra prometida” por Deus a Abrão. Esses povos tinham características típicas de gente pagã com hábitos e costumes que se chocavam frontalmente com os costumes do povo de Deus. Essas características sugerem uma tipologia especial, à qual daremos um sentido especial neste capítulo. Cada um desses povos representa um tipo espiritual que Israel enfrentaria na sua conquista da terra. São os povos hostis que habitavam na terra de Canaà e que Deus queria que o seu povo os expulsasse e os destruísse em nome do Senhor. A tipologia do espírito desses povos pode ser aplicada e contextualizada em nossos dias. Devemos identificá-los e desalojá-los do nosso meio. Há uma similaridade dos povos citados em Gênesis 15.19-21 e Deuteronômio 7.1.

Existe uma tentativa sem muito sucesso de alguns arqueólogos e historiadores de colocarem dúvidas quanto a

existência desses povos. Entretanto, existe um outro grande número de estudiosos do campo da arqueologia e da história antiga que tem levantado os argumentos e comprovações bem mais consistentes que os contrários. O importante é que cremos na Bíblia como a Palavra de Deus, e sua veracidade desafia todos os argumentos em contrário.

/ Os povos queneus, quenezeus e cadmoneus (Gn 15.19). Esses três povos tinham certa similaridade referentes às suas atividades. Segundo a historia dos povos antigos. o “queneu" e o “quenezeu" eram povos que trabalhavam com metais em peças de ornamentação e jóias de ouro, cobre e prata. Esses povos, por não serem violentos, gozavam da amizade dos israelitas. Reis como Saul e Davi cultivaram a amizade deles (1 Sm 15.6; 30.29). O povo *queneii* aparentou-se de tal modo com os israelitas que havia queneus entre os anciãos de Judá. A lição que aprendemos é que a mistura do povo de Deus com o peno do mundo trará prejuízos aos bons costumes e à fé cristã.

2. O povo heteu (Gn 15.20; Dt 7.1). Esse povo era descendente de Hete, segundo filho de Canaà, e Canaà foi o 4" filho de Cão, filho de Noé. Era um povo nômade, sem fixação na terra, que vivia em constante migração. Na listagem de Deuteronômio 7.1 o povo heteu é indicado como povo forte e perigoso. O nome Heteu" tipifica a amargura e rejeição. As duas mulheres que Esaú, filho de Isaque, tomou como esposas, eram hetéias e trouxeram amargura e tristeza para Isaque e Rebeca (Gn 26.3^.35). Pessoas com espírito de amargura no seio da Igreja produzem grandes males (Hb 12.15). São pessoas amargas que dividem, murmuram e são invejosas (1 Co

3.3.4; Ef 4.31; 1 Jo 1.7). A Igreja não pode conviver com esse espírito.

J. Os povos ferezeus e os refains (Gn 15.20). Eram povos inconstantes na terra e estavam em toda a parte da Palestina. Em Deuteronômio 2.21. os refains foram identificados como gigantes, como os filhos de Anaque. Tipologicamente, na Igreja temos os inconstantes que não se firmam em lugar algum. Sempre estão procurando alguma igreja diferente, porque estão sempre insatisfeitos.

4. O povo amorreu (Gn 15.21; Dt 7.1; Js 10.6). Era um povo montanhês e respeitado pelo seu domínio nas montanhas, que tinha como característica forte a destaiição e a pilhagem por onde andava. Diz a história que era um povo resistente e feroz. Esse povo simboliza a resistência ao Espírito Santo (2 Tm 3-1-9; 4.1-5,14). Os amorreus utilizavam o fogo como artifício de guerra; por isso eram temidos pelos outros povos. O espírito desse povo não pode encontrar espaço no seio da Igreja.

5. O povo cananeu (Gn 15.21; Dt 7.1). A palavra “cananeu" significa no hebraico “terra baixa" Os cananeus eram descendentes de Càо, o filho amaldiçoado de Noé (Gn **9.24-27).** Visto que habitavam nas “terras baixas" da Palestina, sua tipologia fala de degradação moral e fraqueza carnal. Muitos cristãos hoje vivem descendo às “terras baixas” da camalidade (G1 5.16,17). As características que se destacam dos cananeus é a dureza, a inflexibilidade, a intransigência, a falsa espiritualidade.

6. O povo girgaseu (Gn 15.21; Dt 7.1). O nome “girgaseu” no hebraico, significa "terreno argiloso ou arenoso” (3 sentido tipológico desse povo é a "apatia, a incredulidade e

a indiferença” O tipo do homem que entrou nas bodas despreparado conforme a parábola de Jesus. O senhor da Festa entendeu que aquela atitude era “pouco caso” indiferença, apatia com o convite feito (Mt 22.4,5). Na Parábola das Dez Virgens, cinco delas foram displicentes com suas vasilhas e lâmpadas (Mt 25.3). Corações argilosos são corações duros e impenetráveis para a Palavra de Deus. É preciso ter o coração quebrantado (SI 34.18).

7 O povo fereseu ou pereseu (Dt 7.1). Era um povo agrícola que vivia preocupado com a terra. O nome *fereseu* significa "coisas da terra” Esse povo representa a ansiedade e a conformidade com as coisas da terra, mas a Bíblia nos estimula a “não nos conformar com o mundo” (Rm 12.2). A escritura de Colossenses 3.2,3 é um antídoto contra o espírito conformista. Jesus alertou sobre a ansiedade com as coisas da terra (Mt 6.25-30).

Temos que aprender a confiar na fidelidade e na provisão de Deus (1 Pe 5.7; Cl 2.15).

8. O povo heveu (Dt 7 1; Jz 3-1-3) Esse povo era conhecido pelas armadilhas que preparava contra os seus inimigos. Os heveus entravam no meio dos seus inimigos sem serem percebidos (Js 9.4,5). É a tipificação do fingimento, da hipocrisia, da astúcia, da não transparência (Pv 11.9; Mt 6.5). O espírito desse povo tem estado no seio da Igreja em nossos tempos.

9 O povo jebuseu (Dt 7 1; Js 18.28; Jz 19.10,11: 1 Cr 11.4,5). Povo descendente do 3" filho de Canaà que habitava nas montanhas próximas de Jerusalém. Seu nome significa “lugar pisado" “terra batida" No sentido espiritual, a presença dos jebuseus produz secura espiritual, espiritualidade morta. Na Parábola do

Semeador, Jesus referiu-se á semente que cai em “terra batida" ou lugar pisado" pelos homens (Mt 13.4). Quem anda na terra de nosso coração? Quem influencia nossos sentimentos?

As lições que aprendemos com essa tipologia indicam que nós, cristãos, devemos cuidar com especial das nossas relações com os sistemas mundanos.



Capítulo 9

Vacilando na Fé

Gênesis 16.1-16 "*Fé e paciência são dois ingredientes inseparáveis para se tomar posse das promessas de Deus.*

A jornada pelos caminhos da vontade de Deus na vida de Abrâo foi sempre cheia de altos e baixos, a despeito de sua conhecida fé em Deus desde sua chamada, em Ur dos Caldeus. No capítulo 15, Abrâo se destaca como um homem de fé. Porém, no capítulo 16 a situação muda completamente. A incredulidade lança suas sombras escuras sobre o espírito de Abrâo, e ele afasta-se do caminho da confiança simples em Deus. Neste capítulo, Abrâo está registrado num terrível desvio da vontade de Deus, o qual lhe causou muitos danos, além dos conflitos dentro da sua própria casa. Quando não compreendemos os desafios de Deus em nossa vida, tendemos a afastar-nos da lógica da lé e nos apegamos à lógica meramente humana. Discutir os desígnios de Deus e querer arrazoá-los pode significar uni desvio da vontade de Deus. Foi o que aconteceu a Abràò! Ele tomou decisões precipitadas e erradas, produzindo conseqüências históricas à sua descendência, como acontece até hoje com os descendentes dos dois filhos de Abràò, Ismael e Isaque.

Interferência no Plano de Deus (Gn 16)

A Bíblia declara que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura’’ (1 Co 2.14). Imaginem, o pai da fé agora vacila e raciocina com uma mente natural. O poder da fé parece ter sido estancado, pois Abràò não conseguiu entender o plano miraculoso de Deus. Ele não descreu da promessa de

um filho seu, mas não pelo processo normal. Sua mulher Sarai era estéril e já havia passado o tempo de gerar em seu ventre um filho. Ambos saíram da dimensão da fé e racionalizaram a promessa divina de um filho.

Uma história familiar cheia de incidentes. É interessante ressaltar que o autor de Gênesis narrava com brevidade as conquistas militares de Abràо, mas menciona com clareza de detalhes aspectos da família de Abràо. Foi mais fácil para Abràо conquistar terras do que ter uma posteridade. Percebe-se que essa dificuldade acontece na vida dos patriarcas, Abràо e Sarai, Isaque e Reheca. Jacó e Raquel. Todas as três mulheres eram estéreis e só chegaram a gerar graças a intervenção de Deus. Porém, o capítulo 16 de Gênesis será melhor compreendido depois de sabermos que havia um artigo de numero 146 do antigo Código de Hamurabi, segundo o qual "uma mulher casada e sem filhos devia dar a seu marido uma escrava para que ela lhe ssegurasse um descendente varão. Se a concubina reivin-icasse, em conseqüência. um estatuto de igualdade com ua patroa, esta poderia reduzi-la novamente à escravidão, ias não podia mais vendê-la. Em Nuzi, na Alta lesopotãmia, uma tabuleta alargou o contexto histórico lo Gênesis; a mulher estéril tem o dever de dar a concubina seu marido, conservando, ao mesmo tempo, seu estatuto »rivilegiado e sua autoridade sobre sua escrava¨' *(No Prin-ipio,* André Chouraqui, editora Imago). Esse era o costu-ne legal nos tempos de Abrão e provê a nossa história um entido especial. Se Abrão e Sarai tivessem entendido ple-íamente o plano divino teriam evitado os dissabores de ua interferência.

Sarai tenta ajudar a Deus no cumprimento de suapro-nessa (tin 16 1-4). Pelo processo natural. Sarai não podia »erar

filhos, pois era estéril. Agora, na velhice, ela enten-leu que seria de fato impossível. Por isso, em seu raciocí-íio, convenceu o marido de que a melhor forma de ele ter im herdeiro legítimo seria tomar a escrava egípcia Agar, e om ela ter um filho. Este, por sua vez. pertenceria a Abrão

Sarai. Esse costume era aceitável nos tempos antigos. \brào, constrangido diante da esposa, ouviu Sarai sem .liiestionar sua atitude. Ele deveria ouvir a voz de Deus, :jue Lhe havia prometido um filho, e não precipitar-se em iceitar a voz da esposa em tal situação, quando a confiança em Deus deveria ser manifestada. Devemos estar aten-:os para as artimanhas de Satanás para induzir-nos a fugir Jo plano de Deus. Não podemos culpar apenas Sara por i*sse erro, porque Abrão também foi fraco e carnal. É um perigo quando deixamos de acreditar em Deus para ouvir :)s racionalistas que não crêem em milagres e maravilhas

que só Deus pode operar. Nào devemos tentar ajudar a Deus em seu plano. Ele sabe muito bem o que fazer. Nada será capaz de impedir a sua vontade. Mesmo que nào compreendamos completamente o plano de Deus, se temos convicção de que estamos no centro da sua vontade, nào devemos duvidar, nem acrescentar ou tirar, ou querer ajudá-Lo no cumprimento de sua Palavra.

A dificuldade entre o ler e o esperar (Gn 16.1,2). No versículo 2 está escrito: "E disse Sarai a Abràо: eis que o Senhor me tem impedido de gerar" Estas palavras revelam a incredulidade de Sarai e a sua impaciência em esperar o cumprimento da Palavra de Deus. Abràо. homem de fé, vacilou naquele momento. Nào soube convencer sua

esposa de que Deus era fiel e cumpridor de sua Palavra (SI 117.2; Dt 7.9; 1 Co 1.9; 10.13). O coração, naturalmente, prefere tudo a ter que esperar. Por isso, será capaz de lançar mào de qualquer coisa, qualquer recurso, em vez de apenas confiar na fidelidade de Deus. Uma coisa é crer numa promessa, outra é, pacientemente, esperar o seu cumprimento. No capítulo 15, Abràо demonstra fé, todavia, no capítulo 16, toma-se impaciente. Ora, o escritor da Carta aos Hebreus, no capítulo 6, nos mostra que fé e paciência sào ingredientes indispensáveis para se obter as promessas divinas. Deus faz uma promessa e, pela fé, cremos nela. A esperança antecipa a visão da promessa, e a paciência espera resignadamente por ela.

A metáfora da construção dentro da família (Gn 16.2). Outro destaque do versículo 2 é a forma hebraica como está composta a frase do texto, onde está escrito: "Sarai diz a Abràо: Eis então, Jeová me privou de dar à luz. Vem pois té minha doméstica [serva, escrava], Quem sabe ela me onstruirá. Abràо ouve a voz de Sarai" A expressão “me onstruirá" (v 2) aparece no original hebraico como o ver-•o *bana* (construir), e esse termo gera a palavra *ben* (Hb. filho"), ou seja, “o construído da mulher" A frase de Sarai lá a idéia de que “construir uma casa e ter um filho" são qüivalentes O ato de Sarai servirá à construção da casa le Abràо, dando-lhe um filho. Metaforicamente, a forma-ào de uma família eqüivale a uma construção.

Abràо e Sarai Afastam-se da Dependência de Deus

O julgamento equivocado de Sarai acerca de Deus (Gn '6.2). O texto diz: “Eis que o Senhor me tem impedido de »erar" (v. 2). Esta expressão indica o modo como Sarai via)eu.s e suas promessas. Qual era o valor presente das

pro-nessas de Deus para Sarai? Nos parece que sua apreciação iccrca de Deus era errada e equivocada. Havia uma névoa ■nlre Deus e Sarai. Ela não conseguia vê-Lo plenamente, àiltava-lhe uma experiência com Deus capaz de dar-lhe o onhecimento suficiente para apreciar o que Deus dizia a ‘la e seu marido. A idéia de suas palavras a Abràо, ao leclarar que "o Senhor me tem impedido de gerar" seria: O Senhor me faltou" ou “o Senhor falhou comigo em me ornar apta para gerar um filho O seu julgamento precipi-ado revela um coração carnal quanto ao que Deus pode azer. Ela desprezou a confiança e ainda induziu seu mari-Jo à mesma atitude equivocada. Afastar-se do lugar de íbsoluta dependência de Deus produz consequências desastrosas. Por seu equivocado julgamento para com Deus, oreleriu antecipar a promessa. Era como se quisesse facili-ar o trabalho de Deus. Ela preferiu apresentar sua serva \gar como instrumento do cumprimento da promessa de

Deus. Isto nos mostra que a incredulidade vê apenas o instrumento, e julga que esse modo aparente de resolver os problemas seja superior à graça de esperar em Deus.

Agar engravida e provoca o conflito familiar (Gn 16.4-6). A precipitação de Sarai e a conivência de Abrâo. respaldada com os argumentos de sua mulher, provocaram grandes mudanças na família e na sua posteridade. A pobre Agar, simples escrava, agora se torna vítima da precipitação de Abrão e Sarai. Entretanto, essa pobre egípcia não podia imaginar que, por essa circunstância imprevisível, ela se tornaria a màe de um grande povo. A grande verdade é que, depois que Agar engravidou. Sarai passou a oprimi-la. por causa do filho que esperava. A discórdia e a desarmonia suscitaram uma situação instável dentro de

casa, e Abrão não sabia como resolver o problema. Por causa das atenções especiais de Abrão para com Agar, sua esposa começou a hostilizar Agar porque se sentia relegada a um segundo plano na vida de Abrão. A atitude de Abrão não tinha um sentido de traição para com Sarai, porque o que lhe importava era o filho que Agar lhe daria. Apesar de tal proposta ter sido feita por Sarai, ela passou a culpar Abrão, e este revidava a acusação de sua mulher, lançando sobre ela a culpa pela desarmonia. Abrão, mais uma vez, foi fraco em agir e tomar uma atitude. Sem saber o que fazer, Abrão preferiu deixar o problema com sua mulher Sarai. Foi irresponsável na sua atitude, porque poderia discutir o problema com ela e chegar a uma solução mais racional. Uma vez que a decisão de ter um filho de seu senhor, independente de sua vontade, fora tomada, sendo uma escrava, Agar pouco podia fazer.

Quantos conflitos sào gerados nos lares por atitudes pre-dpitadas da parte dos cônjuges. As divergências fazem parte .la vida conjugal. Porém, quando as idéias e opiniões não são ajustadas no relacionamento e passam a prevalecer individualismo. orgulho e intransigência, as consequências sempre são drásticas. Abràò e Sarai tomaram uma decisão precipitada, e depois não souberam arcar com as conseqü-ências negativas de tal decisão. Quanto à escrava Agar. restou-lhe apenas a idéia de ir embora e tomar o caminho do deserto, talvez, o caminho de volta ao Egito.

Agar foge para o deserto (Gn 16.7-10). Sarai afligiu de tal modo a Agar. que esta, não suportando a pressão de sua senhora, fugiu para o deserto (Gn l6.6). Mas o Anjo do Senhor a achou junto à fonte no caminho de Sur (Gn 16.7). Ali, o anjo do Senhor instruiu Agar a voltar para sua

senhora e lhe fez uma promessa estupenda: "Multiplicarei sobremaneira a tua semente, que não será contada, por numerosa que será. Disse-lhe também o Anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho, e chamarás o seu nome Ismael, porquanto o Senhor ouviu a tua aflição" (Gn 16.10,11).

Quantas vezes as pressões da vida nos fazem buscar a solidão do deserto, dos lugares solitários, para encontrar um pouco de paz. Certa vez. o salmista Davi, profundamente angustiado, expressou: ‘Quem me dera asas como de pomba! Voaria e estaria em descanço. Eis que fugiria para longe e pernoitaria no deserto" (Sl 55.6,7). Entretanto, Agar estava agora alimentada pela presença do Anjo de Deus e pela promessa que lhe fora feita. O Anjo de Deus lhe disse que voltasse ao acampamento de Abràо, pois o filho que ela teria seria forte e seu nome seria "Ismael" cujo significado é “Deus ouve o aflito" Mesmo que Ismael

não viesse a ser o herdeiro de Abrão, conforme estava estabelecido no pacto, ele gozaria das bênçãos de Deus porque era filho do patriarca. Deus prometeu multiplicar a descendência de Ismael, e que este seria pai de muitos povos — hoje identificados como os povos árabes.

O texto de Gênesis 16.12 diz que Ismael seria "um homem bravo”, também, traduzido como ‘ homem de ferro” para denotar sua força e domínio no deserto e seria hábil com “arco e flecha” (Gn 21.20.21; Jó 24.5). Ismael se destacaria como homem combativo e de natureza independente, por isso chegaria a ser odiado, porque seria capaz de se levantar “contra todos e todos, contra ele” (Gn 16.12).

Esses traços fortes de personalidade de Ismael são marcantes em toda a sua descendência e, até hoje, constatamos a milenar hostilidade entre árabes e judeus, isto é, os filhos de Ismael e os de Isaque.

ElRoi(Hb. "o Deus que vê") (Gn 16.11-14). Na vastidão do deserto, Agar experimentou a dor da solidão. O seu estado de ânimo estava abaixo do mínimo de otimismo possível. Na solidão de nossa alma, tendemos a desistir de tudo. Achamos sempre que ninguém nos compreende, nem se interessa por nossos problemas. Mas foi nesta condição de tristeza e de solidão que Deus enviou o seu anjo para reerguer o seu espírito caído e mostrar-lhe que, a despeito de ter sido vítima de uma situação que ela não pediu nem provocou, Deus estava preocupado com ela. Seu menosprezo seria transformado em providência divina. O anjo a orientou a voltar, e que procurasse aceitar aquela situação diante de sua senhora, porque o Senhor abençoaria sua semente e a multiplicaria na terra. Parece que, por algum tempo, houve paz entre Sarai e sua serva Agar. Porém, depois que nasceu Isaque, Sarai voltou a hostilizar Agar e seu filho Ismael, a induzindo a tomar o caminho do deserto mais uma vez (Gn 21.9).

Agar dá à luz o seu filho Ismael (Gn 16.15,16). Abrão tinha oitenta e seis anos de idade quando Agar teve o filho Ismael, e foi-lhe de grande alegria. Abràо muito amou o menino. Os anos se passaram e Sara concebeu e teve um menino, o qual lhe chamou o nome de Isaque (Gn 21.1,2). Posteriormente, Sarai se sentiu humilhada por Agar e seu filho Ismael, e começou novamente a oprimi-la. Instou com Abràо para que a mandasse embora com o filho. Abràо não teve forças para impedir esta sua atitude, e despediu a Agar e o filho, indo ambos pelo caminho do

deserto de Berseba (Gn 21.14-21). Abrão estava colhendo os resultados negativos de uma decisão precipitada. Não podemos fugir à realidade. Sempre teremos de arcar com as consequências de nossos atos e decisões.

Nos erros e acertos da vida de Abràо, aprendemos que Deus trabalha através das circunstâncias *próprias* da vida do homem. Nào há um fator determinista ou fatalista nessa declaração. Pelo contrário. Deus, em sua infinita sabedoria e presciência, pode ensinar aos seus servos, através das circunstâncias materiais e humanas da vida, o caminho para conhecê-Lo plenamente e fazer a sua vontade.



CapítulaM

O Pacto da Circuncisão

Gênesis 17.23-27

A partir deste capítulo o nosso personagem será identificado pelo novo nome, Abraão, mudado por Deus com o novo "concerto" (pacto) feito entre ambos (Gn 17 5). Está incluído neste pacto o rito da "circuncisão" que foi estabelecido para ser um “selo diferencial" do povo de Abraão em relação aos demais povos. Até hoje, o rito da circuncisão é um sinal físico que faz diferença entre o judeu e o não judeu (“gentio" na linguagem bíblica). Esse é o selo que marca a família abraâmica em todas as gerações. Porém. ao estudarmos esse assunto devemos considerar os vários aspectos desse pacto relacionando-os ao sistema de vida do Antigo Testamento e ao significado da "circuncisão na ótica do Novo Testamento. Esse rito implicava um novo comportamento na t ida de Abraão e de toda a sua posteridade. Os aspectos a serem considerados acerca desse rito envolvem atos físicos e materiais, e também, postu-

ras morais e espirituais. Esse pacto tornou-se ultrapassado, pois um novo pacto foi feito, a saber a morte expiatória de Cristo Jesus. O rito físico da circuncisão ficou restrito apenas ao povo de Israel. A circuncisão no Novo Testamento passou a ter validade apenas metafórica, mediante a operação do novo nascimento feito pelo Espírito Santo no coração de todo aquele que recebe e reconhece Jesus Cristo como único Salvador e Senhor.

A Instituição da Circuncisão (Gn 17.23)

A circuncisão não é exclusividade do povo de Israel. Embora exista a variação quanto ao método, a idade e a realização do rito, a circuncisão era praticada pelos egípcios, polinésios, tribos primitivas da África e da Austrália, também, foi adotada pelas filhos de Abraão, Ismael e Isaque. Portanto, a circuncisão era uma prática que esses povos antigos faziam como um rito de iniciação ao grupo social, ou seja, ao clã de uma sociedade. Era, também, um rito de iniciação à puberdade, pelo qual os rapazes eram autorizados a assumirem responsabilidades de adultos. Juridicamente, deixavam de ser tratados como crianças e eram, então, reconhecidos como responsáveis por seus atos. A instituição da circuncisão no povo de Israel começou com Abraão, que a si mesmo circuncidou-se, e, logo a seguir, com seu filho Ismael; depois, circuncidou outros parentes e até mesmo os seus servos foram circuncidados (v. 23). A palavra “circuncisão” vem do latim *circumcisione* que significa "cortar ao redor” e a sua prática implicava, naqueles tempos, o uso de uma faca de pedra afiada, com a qual se cortava a carne do “prepúcio” do órgão sexual masculino. Era uma pequena cirurgia de forma muito rústica, mas que passou a ter um significado moral, étnico, físico e religioso. Com a instituição desse rito, Deus queria que a circuncisão ávesse primeiramente um sentido espiritual e, secundariamente. um sentido nacional. Era um selo de identificação de toda a.semente abraâmica. especialmente, os nascidos de Isaque, o filho da promessa.

O Sentido Primitivo da Circuncisão

Os historiadores da história antiga, entre os quais, Heródoto. apresentaram o rito da circuncisão como um costume higiênico e sanitário. Existem argumentações favoráveis à circuncisão como medida higiênica e sanitária até os dias de hoje. Entretanto, o mais verossímil acerca dessa prática é o sentido religioso, que remonta a tempos antiquíssimos. Para os tempos modernos, a medicina vê esse rito antigo com certa reserva, quando se trata de algo sanitário e higiênico, principalmente, porque os instrumentos de cirurgia eram rústicos, tais como facas de pedra afiada (Êx 4.25: Js 5.3). A prática da circuncisão era, também, utilizada pelos povos antigos para habilitar a função varonil (ou sexual) de um homem para o casamento. No Talmude dos judeus está prescrito o regulamento do rito da circuncisão. Oito dias depois de ter nascido o menino, este era levado ao sacerdote e a pequena cirurgia era feita no órgão sexual do menino. A cerimônia tem um caráter religioso, pois era feita e celebrada solenemente na sinagoga (ou no templo), na presença da comunidade. A celebração inclui uma liturgia especial com orações e cânticos, enquanto o pai do menino e o *mohel* (responsável pela execução do rito) procedem a circuncisão conforme determina a lei.

O Significado da Circuncisão na Vida do Povo de Israel

1 Significava a iniciação cic um homem à vida da comunidade Temos um relato histórico interessante no livro

de Josué 5.2-9, que explica muito bem esse ponto. Josué ordenou a todos os homens de Israel que fossem circuncidados antes de entrarem na terra de Canaà. Ele

havia entendido que a circuncisão, além do ato físico, tinha um sentido de purificação e santificação do povo. Gilgal foi o lugar onde os homens de Israel se submeteram ao rito da circuncisão. No versículo 3 é citado um lugar que era, de fato, uma colina, que tinha o nome de "Gibeate-Haralote” O nome "Gibeate” é uma forma aportuguesada do hebraico *Gibhe'ath* que significa “colina’'; e “Haralote” do hebraico *arâlôth* que significa “prepúcio” Esse lugar foi marcante na vida do povo de Israel. Aquela colina tinha ao seu redor uma aparência do prepúcio de um órgão sexual masculino. Era também um lugar de muitas pedras lisas e arredondadas. O povo foi orientado a fazer facas de pedras para o ritual da circuncisão (Js 5.2). Portanto, a idéia primária da circuncisão era a iniciação a uma função ou responsabilidade na vida da comunidade de Israel. Todo israelita comprometido com o seu povo também está comprometido com a sua fé e as responsabilidades de cidadão.

2, Significava a incorporação ã família e ao povo de Israel. Essa incorporação só era aceita e reconhecida mediante a aceitação do rito da aliança feita entre Deus e Abraão (Gn 17.9-14, 23-27). Portanto, essa aliança era firmada mediante a circuncisão de todo macho, fosse ele filho da casa ou fosse estrangeiro, desde que vivesse dentro daquela casa israelita. Ainda que outros povos praticassem a circuncisão, o povo de Israel faria dessa prática o selo que marcaria os verdadeiros israelitas. Por isso, os pagãos eram tratados de “incircuncisos” porque não estavam protegidos pela mesma aliança abraâmica. Na verdade, o pacto feito com Abraão ignificava o nascimento de uma raça especial que serviria a Deus exclusivamente e que seria uma nação santa, pela qual Deus manifestaria o seu Nome a todas as nações da terra. Na presciência divina e

no projeto de resgate do homem do pecado. a semente de Abraão produziria a semente especial laqueie que seria o Messias, o Ungido.

J. Significam, também, a união espiritual dentro da 'ãmilia. O pacto da circuncisão requeria do "cabeça" da amília a obediência à lei de Deus, porque por esse princípio seria mantido o elo de unidade espiritual. Deus estabe-eceu o pacto com Abraão e sua descendência (Gn 17 7). Portanto, Deus queria que o pacto tivesse um sentido espiritual na sua prática. Ao obedecer à lei de Deus. a prática Ja circuncisão tinha no rito um sentido espiritual. A circuncisão deveria demonstrar na sua prática uma forma de consagração a Deus. pois o sangue derramado no ato da circuncisão seria, não uma auto-consagração do circuncidado. mas um modo de marcar com o sinal físico (no corte ria glande do órgão) o selo da aliança com Deus.

O Significado da Circuncisão no Novo Testamento

0 Espírito Santo deu um significado especial e metafórico à questão da circuncisão. Os judeus convertidos ao Cristianismo quiseram trazer para dentro da vida cristã a prática de alguns costumes da tradição judaica como elementos indispensáveis para que um gentio convertido fosse reconhecido como cristão. Entre os costumes, os grupos judaizantes queriam impor o costume do rito da circuncisão. Os apóstolos tiveram que explicar e elucidar o assunto.

1 .4 *circuncisão não é um ingrediente para a salração.* Alguns judeus convertidos ao cristianismo nos primórdios da Igreja opinavam que a circuncisão era uma medida necessária para a salvação. Para esses judeus parecia impossível que um gentio convertido participasse

das bênçãos do Espírito Santo sem que fosse circuncidado (At 15.1-35). Na Epístola aos Gálatas, o apóstolo Paulo argumentou convincentemente que a salvação em Cristo não depende de méritos humanos, mas só é possível mediante a "graça de Deus” (Tt 2.11). Na Carta aos Romanos, Paulo esclareceu que o rito físico da circuncisão feita por Abraão nada tinha a ver com a sua salvação (Rm 4.9-12). Ele havia crido em Deus e isto lhe foi imputado como justiça, muito antes de ser circuncidado (Gn 15.6). A circuncisão não foi o meio de salvação de Abraão, mas era o selo de sua separação exclusiva para servir a Deus. O ingrediente para a salvação na nova aliança é a fé na obra expiatória de Cristo. O selo de nossa salvação não é um rito externo, mas é a presença do Espírito Santo como um testemunho interno da salvação (Ef 1.13; 4.30; Rm 8.9,10).

2. *A circuncisão tieotesta menta ria não é física, mas espiritual. O* texto de Colossenses 2.9-12 declara que temos experimentado uma circuncisão não feita por mão humana "no despojo do corpo da carne” Assim como a circuncisão física implicava corte de uma parte da carne do homem, no plano espiritual, a circuncisão implica cirurgia espiritual que remove os excessos da natureza carnal do crente. A obra regeneradora do Espírito Santo é uma obra de circuncisão espiritual. Quando somos balizados no corpo de Cristo, isto é, mergulhados nEle para viver a sua vida, o Espírito Santo vem para dentro de nós como "o selo" isto é, "marca de propriedade” Assim como o rito da circuncisão física significava a entrada para a família ahraâmica, o batismo

sico em águas significa a entrada para a família cristã. Há m elo entre o batismo e a circuncisão, porém, os aspectos xteriores de ambos não passam de meros

símbolos. O ue importa para nós não é a exterioridade física do batis-io, mas sim a importância do seu significado na nossa ida interior em Cristo. Por outro lado, não podemos con-andir o papel do batismo e da circuncisão, porque o batis-ao em águas não é o substituto da circuncisão. Cada qual em o seu valor. A circuncisão só serve para os judeus e o •atismo não salva ninguém. O batismo é apenas o teste-nunho exterior e físico da obra do Espírito Santo na vida lo pecador.

Abraão Alcançou a Promessa por Meio da Fé (Gn 15.6; Rm 4.9-14)

O apóstolo Paulo teve o cuidado de elucidar a questão da jbseivância da lei para obtenção da justificação diante de Deus, mostrando que Abrào, ainda incircunciso, creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça (Gn 15.6; Rm 4.1-<) O apóstolo refutou a idéia de que a guarda da lei mosaica, 'ssencialmente. pudesse justificar alguém nesta nova Jispensaçào, uma vez que a justificação de Abraão aconte-:eu antes da existência da lei de Moisés e antes mesmo do xicto da circuncisão. A declaração da “justiça imputada" a Çbraào foi feita em Gênesis 15.6 e o pacto da circuncisão foi Mn Gênesis 17 Na Escritura de Paulo aos Romanos 4.13-25, *)* argumento paulino era que Abraão recebeu a famosa pro-nessa de benção pela fé, não pela lei (Rm 4.1-3). A lei não oi anulada no seu valor, porém, foi incapaz de salvar o lomem. Jesus pagou a dívida exigida da lei e, pela fé no seu tome todo pecador pode ser justificado. Os grupos udaizantes criaram muitas dificuldades à composição das doutrinas básicas da fé cristã, porque queriam aliar as exigências da lei mosaica à fé cristã. Na escritura de Romanos 4.13-15, Paulo pergunta se o haver herdado a promessa se deveu à lei ou à fé. Naturalmente,

sua resposta mostrou que a promessa da salvação só é possível pela fé. Uma promessa que dependa do cumprimento de uma lei impossível de ser cumprida, seria um absurdo, uma vez que o que faz a lei é condenar o homem, não abençoá-lo. No versículo 16 podemos entender que o fato de que a promessa dependa da fé indica que Deus a destinou a todos os descendentes de Abraão, inclusive os gentios que tiveram fé como Abraão, do mesmo modo que os judeus possuidores da lei. Neste caso, descobrimos que Abraão, em conseqüência, é o antepassado espiritual de todos os que herdaram a promessa pela fé. Nos versículos 17 a 22 de Romanos 4. Paulo caracteriza a fé de Abraão como fé no Deus que dá vida aos mortos. Ora, esse tipo de fé produzida pelo Espírito Santo no coração do crente é algo novo, diferente, que se contrapõe aos sistemas religiosos. Neste sentido, a fé é a verdade da verdadeira religião (Rm 3 21,27-30), pois ela jamais se mescla, interfere, ou se confunde com mérito humano. A fé genuína vem de Deus e o seu exercício não afeta a Deus, uma vez que Deus permanece livre das exigências da lei. A “imputação” da fé como elemento de "justiça” indica que essa “imputação” não resultou de alguma peculiaridade visível em Abraão ou de algum ato seu ou de decisão sua, porém, a justificação deu-se por determinação de ordem inteiramente diversa, que nada teve a ver com a süa “circuncisão” Entendemos, pela ótica de Paulo, que a circuncisão não foi reconhecida por Deus como meritória de qualquer atribuição de justificação. Ora. a circuncisão não implica milagre algum, porque é apenas um elemento visível na

iparência cia religiosidade judaica. Porém, a fé é um ele-nento espiritual, invisível, capaz de introduzir o homem a Deus e ser justificado.

Na parte final do texto de Romanos 4.23-25. Paulo aplica seu entendimento acerca da fé de Abraão e a nossa fé. A história da aceitação do patriarca por Deus simboliza nossa experiência cristã. Nós somos justificados da mesma maneira. Como Abraão, colocamos nossa fé em um Deus que dá vida aos mortos e ressuscitou o Salvador que foi crucificado por nossos pecados.



CapítuloJ1

Abraão,

o Amigo de Deus

Gênesis 18.1-16

Amizade é um elemento só possível com outro ser semelhante. Abraão desenvolveu ao longo de sua vida sinuosa, de altos e baixos, uma relação indiscutível de amizade com Deus. lí. se é possível nutrir esse tipo de relacionamento com Deus é porque Ele é um .Ser Pessoal, não uma coisa, uma força ou um fluído energético, mas é o Espírito singular e pessoal, criador do universo e de todas as criaturas existentes. Abraão nutriu essa amizade de modo objetivo, ainda que num plano espiritual. Como ser pessoal, o nosso Deus criou o homem ã sua semelhança (Gn 1.26-28), e por isso. como seres pessoais, possuímos todas as características de personalidade, tais como inteligência, vontade e sentimento. Em vários textos bíblicos, Abraão é tratado como "o amigo de Deus (2 Cr 20.7; ls -11.8 e Tg 2.23).

Deus Visita seu Amigo Abraão (Gn 18)

Ao entrarmos no capítulo 18, temos um retrato dos frutos da obediência do capítulo 17 Abraão agradou a Deus, não apenas pela obediência à iniciação de um rito físico, a circuncisão, mas porque sua obediência tinha sua base na fé em Deus (Gn 15.ó). Certa feita, Jesus falou aos seus discípulos que aquele que o amasse guardaria a sua palavra e seria amado de seu Pai no Céu, e experimentaria uma comunhão íntima com o Pai e seu Filho Jesus. Literalmente, diz o texto: "Se alguém me ama,

guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (Jo 14.23). Jesus disse a João, na ilha de Patmos, em sua revelação, sobre esta comunhão: "Eis que estou ã porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Ap 3.20). Estas escrituras referenciam a comunhão entre Deus e Abraão, e indicam que a obediência a Deus produz uma relação de amizade e comunhão desconhecida na vida mundana.

Qualidades Essenciais à Amizade Genuína

Existem algumas qualidades de relação pessoal dentro de uma amizade que são elementos essenciais à existência de uma amizade profícua e firme.

1. Confiança. A despeito de algumas falhas de atitudes de Abraão desde que foi chamado por Deus, produziu-se em sua vida algumas correções de caráter até chegar ao ponto de nutrir entre eles uma confiança mútua. Em sua presciência, o Senhor conhecia a Abraão, seus pontos fracos e fortes. Por isso, o provou em várias circunstâncias vividas em sua peregrinação. Deus trabalha assim com aqueles com os quais Ele tem um projeto. Ele não desiste do seu projeto. por isso investe em suas vidas no caminho das experiências.

2 Cordialidade A palavra *cordialidade* tem o sentido de afetuosidade. O seu prefixo latino *cordis* significa *coração.* Portanto, cordialidade é assunto do coração, o que implica, metaforicamente, que coisas do coração têm relação com as nossas emoções. Os bons amigos desenvolvem uma relação afetuosa entre si demonstrada em atitudes de ternura, de afeto. Foi o que Deus demonstrou para com Abraão ao visitar-lhe, talvez ao meio-dia. porque o dia

eslava no horário quente, quando Abraão havia armado sua lenda junto aos carvalhais de Manre (Gn 18.1). A visita de Deus foi típica do seu modo de se manifestar, porque veio acompanhado de outros dois seres. Home. de fato, uma leofania naquela manifestação, ainda que a manifestação tenha sido materializada na forma humana de três viajantes. do tipo beduínos. I louve cordialidade demonstrada pela hospitalidade de Abraão, que quis lavar-lhes os pés e lhes ofereceu "vitela assada, manteiga, leite e bolos" (Gn

*Informação (Cti /<*S’ *1* "D Fntre amigos não existem segredos que não sejam compartilhados. O próprio Deus re\ elou esse sentimento ao declarar: "Ocultarei eu a Abraão o que faco. (Gn 18.17/ Os amigos compartilham suas vidas uns com os outros e não escondem qualquer novidade que saibam. Por isso. Deus confiava em Abraão e não quis esconder seu projeto dele. quando disse: "Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do Senhor, para agirem com justiça e juízo; para que o Senhor laca vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado" (Gn 18.19). A amizade com Deus nào é privilégio de uns poucos, porque todos quantos servimos a Ele podemos gozar de sua amizade, mas é necessário que desenvolvamos essa relação com fé e obediência.

4. Lealdade. Ser leal implica franqueza e honestidade entre as pessoas amigas. Uma amizade é construída na franqueza e na sinceridade. Nào pode haver atitudes mesquinhas e mascaradas. Abraão podia ter muitos defeitos, mas ele era, acima de qualquer defeito, um homem leal. Sua lealdade a Deus tem sido um exemplo para todos quantos querem comungar da amizade de Deus.

Deus Revelou-se Teofanicamente a Abraão (Gn 18.1,2)

Está escrito: depois, apareceu-lhe o Senhor nos

carvalhais de Manre, estando ele assentado à porta da tenda, quando tinha aquecido o dia" (Gn 18.1). O termo "apareceu-lhe" tem o mesmo sentido de "fez-se notar" "mostrou-se", "manifestou-se" "foi perceptível" Foi exatamente o que o Senhor (Yahveh) fez. Tornou-se perceptível aos sentidos físicos de Abraão, ao aparecer numa forma humana. Era, de fato, uma aparição teofânica, isto é, alguma manifestação visível de Deus, na forma que Ele quis. Teofania é um termo derivado da língua grega composta por dois vocábulos: *théos,* que significa "Deus", e *phainei,* que significa "aparecer" Define-se, então, como uma aparição visível do próprio Deus.

1. A distinção entre um anjo e o "anjo do Senhor" *ou* "*anjo de Jeová "* (Yahveh). O Antigo Testamento apresenta mais cinqüenta casos relacionados à aparição do "anjo do

Senhor" e, esta distinção é notada pelas características dessa aparição. Não podemos restringir uma aparição teofânica à manifestação angelical de Deus. Ele não está preso a nada absolutamente. A manifestação divina tomando uma forma angelical não implica numa incorporação angelical, porque Deus pode manifestar-se do modo que quiser. Quando se manifestou a Moisés no monte Horebe, fez-se perceptível no "fogo que ardia na sarça. Na maioria das vezes. Deus enviava um dos seus anjos ministradores para cumprir uma missão de mensageiro seu. Outras vezes, Ele mesmo tomava uma forma angelical perceptível aos sentidos físicos daquele a quem se manifestava. Daí, ser esta forma uma teofania. Os anjos de Deus são ministradores da parte de Deus; porém, "o anjo

de Jeová" ou “anjo do Senhor" tinha uma manifestação distinta dos demais anjos, porque só Ele recebia adoração e louvor, enquanto os demais anjos nunca aceitam qualquer tipo de adoração, a qual fa/em apenas para o Senhor que os criou. Algumas teofanias manifestas estão nas escrituras de Êxodo 2.3.20-23; .32.3'-»; 33-14.13; Isaías 6.3 9. Na aparição dos três homens viajantes que apareceram na tenda de Abraão (Gn 18.1-16). um deles falava como líder dos demais e destacava-se na h >rma de falar, repelindo a promessa anterior da geração de um filho, o filho da promessa.

2. Av *manifestações teofânicas boje* A maior quantidade de vezes das manifestações teofânicas da Divindade aconteceu no Antigo Testamento. As aparições teofânicas do Novo Testamento foram mais esporádicas porque na dispensação da nova aliança (Novo Testamento) não há a mesma necessidade que havia no Antigo Testamento, uma vez que agora, ainda que nào seja uma regra, o Espírito

Santo se manifesta dentro do crente. Deus veio para habitar no espírito do crente (Jo 14.12-17). Temos alguns casos especiais como o de Estêvão, o primeiro mártir cristão, que viu Jesus em pé à direita do Pai (At 7.55,56). Ainda que as igrejas tradicionais tenham dificuldade para aceitar as manifestações espirituais nos tempos atuais, é fato indiscutível que há manifestações teofânicas e, também, angelicais em nossos dias. Em Atos dos Apóstolos temos alguns casos de aparições teofânicas, como aconteceu com o discípulo Ananias, a quem o Senhor apareceu numa visão (At 9-10). É preciso que tenhamos cautela e sabedoria em discernir certas aparições no meio cristão em nossos dias.

Abraão Ministrou ao seu Amigo Divino (Gn 18.1-8)

A palavra “ministrar” tem o sentido de "servir" e foi o que Abraão fez com indubitável prazer quando recebeu em sua tenda os três viajantes celestiais. Aqueles que servem a Deus devem fazê-lo com prazer. A hospitalidade típica dos povos orientais foi demonstrada por Abraão e sua mulher quando chegaram aqueles homens. Havia um misto de curiosidade e cortesia da parte de Abraão para com aqueles viajantes, pois eles haviam chegado à sua tenda no ponto mais alto do calor daquele dia. Afirmam alguns teólogos que os três forasteiros eram o Senhor Jesus Cristo e dois de seus anjos. Diz o relato bíblico que depois da hospitalidade de Abraão para com aqueles forasteiros, um deles agiu como o Senhor, e diz a Escritura: "Disse mais o Senhor” (v. 20) e “então viraram aqueles varões o rosto dali e foram-se para Sodoma; mas Abraão ficou ainda em pé diante da face do Senhor" (v. 21).

1. A percepção espiritual de Abraão. É interessante que Abraão parece ter reconhecido o Senhor, seu amigo. Porém,

iao havia nada na aparência daqueles homens que revelasse quem eram. mas Ahraào percebeu que aqueles homens ■ram distintos e especiais. Havia neles algo que o levou a ratá-los com total dignidade Abraão, de fato. ministrou ao senhor e àqueles anjos manifestos em forma de homens. O sróprio Abraão fez questão de recebê-los e cuidar deles, ao nvés de entregar essa tarefa a seu mordomo, uma vez que ale era um chefe respeitado naquela região. A fé de Abraão o fez vislumbrar algo mais importante naqueles homens.

2. A questão daqueles anjos " *comerem e beberem (Cln IS.*,Sb Diz o texto "I' tomou manteiga e leite e a vitela que linha preparado e pôs tudo diante deles; e ele estava em pé junto a eles debaixo da árvore; e comeram" A despeito de haverem tomado uma forma física de homens inexistentes, não significa que os alimentos materiais pudessem afetar aqueles "homens" porque, na realidade, não eram meros homens, mas eram seres espirituais materializados. Por isso, as coisas materiais não fariam qualquer diferença. O poder espiritual era capaz de neutralizar os elementos materiais daqueles alimentos oferecidos por Abraão. A Bíblia fala em alimentos existentes no céu, tais como fruto da árvore da vida, o maná escondido, etc para tornar compreensível à nossa mente finita o fato de que o espírito não é afetado pela matéria, uma vez que a carne e o sangue não entram no Reino de Deus. Nosso espírito é alimentado com alimento espiritual, e na linguagem bíblica. esse alimento é apresentado metaforicamente.

Deus Reitera a Promessa de um Filho ao seu Amigo (Gn 8.9-15)

Nesta história, entendemos que Deus não apareceu a Abraão apenas para comer a comida oferecida. Deus tinha

um objetivo maior e mais sublime, mas sabia que Sara estava um tanto incrédula em relação ao assunto sobre gerar um filho. Por isso, "o anjo do Senhor" perguntou por ela (v. 9) e, Abraão apenas declarou que ela estava na tenda. Aquele homem (anjo do Senhor) resolveu falar em voz bem audível para que Sara ouvisse o que ele diria. Sara estava escondida na tenda e ouviu a declaração enfática daquele anjo: ‘'Certamente tornarei a ti por este

tempo da vida; e eis que Sara, tua mulher, terá um filho. E ouviu-o Sara à porta da tenda, que estava atrás dele" (v. 10). Esta declaração vinha de encontro a toda e qualquer lógica humana. O casal estava velho e Sara já não podia gerar um filho em seu ventre. No versículo 12, Sara riu-se do que ouvira, porque não acreditava que, depois de velhos e incapazes de procriarem, pudessem gerar aquele filho. Porém, que há de difícil para Deus? Nada! Se pensarmos nas coisas de Deus sob a ótica meramente humana e excluirmos o poder sobrenatural das coisas de Deus, nunca veremos milagres. Contra toda lógica, Deus pode realizar o inusitado. Ele tem o poder de intervir em qualquer coisa material. Mesmo que Sara não entendesse de imediato aquela situação e não aceitasse a idéia de um milagre operado em seu ventre para gerar um filho, Deus tinha em Sara um papel importante no seu projeto. Ela fazia parte do projeto divino para Abraão. Não somos muito diferentes de Sara nas atitudes para com as coisas de Deus. Agimos incredu-lamente e queremos bitolar as operações divinas à nossa lógica. Mas não demorou muito tempo para que Sara e Abraão entendessem e aceitassem o poder de Deus em suas vidas. No capítulo 21, o milagre acontece e nasce Isaque, o filho da promessa, trazendo grandes alegrias para seus pais, Abraão e Sara.



Capítulo 12

O Poder da Oração Intercessória

Gênesis 1H. 17-25.33

Ao nos deter no relato da visita dos peregrinos desconhe-
'idos — os quais não eram homens, mas anjos, e um destes
) próprio Senhor —, percebemos que Abraão experimen-ou
uma nova experiência. Fortalecido na fé e
acalentando >oas perspectivas quanto ao seu futuro, o
coração do patri-irca, porém, enterneceu-se de compaixão,
visto que os mensageiros executariam sentença de morte
contra Sodoma e Soinorra, cujos pecados revoltaram o
próprio Deus (Gn 18.16.20-22). A narrativa dá conta da
generosidade e senso Je misericórdia em Abraão (Gn
18.23). A sua fé, coragem, imor. desprendimento e
comunhão com Deus fazem-no nodelo para todos nós. Este
capítulo focaliza um coração . irtuoso e sensível às
necessidades material e espiritual do iróximo. Sensibilidade
demonstrada quando Abraão prati-

cou a oração intercessória, suficiente para mover o coração
do Todo-Poderoso para influenciar vidas, e abençoar.

A Intercessão Precedida Pela Visão Pessoal de Deus

Interceder significa interferir em favor de alguém. Abraão
sabia que Deus agiria com juízo contra Sodoma e
Gomorra, povos impenitentes. Mas ousou interferir naquele
processo de juízo divino, de modo a poupar os justos que lá
viviam. Aprendemos, neste episódio, que o Senhor não é
impassível. Quando executa seus desígnios (juízo), o justo
não perece com o pecador. Os anjos foram a Sodoma e
Gomorra para destruí-las completamente, mas Abraão

resolveu apelar para o seu amigo, o Deus Todo-Poderoso, para reivindicar-lhe a salvação das cidades impenitentes, caso lá houvesse justos. Reivindicação feita sob a forma de intercessão, antes do que, Abraão fortalecera-se com a visita amistosa do próprio Senhor em sua tenda. Hospitalidade reconhecida. O mais extraordinário é que Deus dispensa uma atenção particular, não obstante o patriarca ter praticado aquelas atitudes típicas de um caráter dúbio. Porém, Deus, ao julgar, não considerou simplesmente os erros de Abraão. Antes, levou em consideração corrigir seus erros.

Deus não oculta seus planos a Abraão (18.17). Depois daquela conversa agradável entre ambos, o Anjo do Senhor resolveu revelar sua identidade ao amigo de Deus e disse: 'Ocultarei eu, alguma coisa do que faço a Abraão?" Na presciência divina havia razões fortes para esta identificação pessoal com Abraão. Havia um plano a cumprir-se no futuro.

Deus revela um segredo a Abraão (18.19). No propósito de nada ocultar ao amigo, o Senhor deu-lhe ciência de

algo superior (para Abraão e sua posteridade) ã destruição de Sodoma e Gomorra. Dizia respeito ao tempo e ao tulwro. algo invisível aos olhos naturais, segredo que ultrapassava as fronteiras do tempo. Percebida somente com os olhos da fé. Kra a visão da posteridade — um povo numeroso, multiplicado na descendência de Isaque, sua semente (Hb ll.H-12).

Deus ainda revela segredos aos seus servos, conforme os seus desígnios e mediante a sua Palavra. Ele não se contradiz Por isso, é preciso ter cuidado com os falsos profetas que. alheios aos parâmetros da Palavra de Deus,

acabam atribuindo a Deus idéias e conjecturas não respaldadas nas Escrituras Sagradas. Na verdade, são profetas do embuste que assumem posturas de falsa espiritualidade, dizendo-se portadores de mensagens e "segredos" espirituais, algo que Deus jamais lhes revelou. A Igreja tem recebido da parte do Espírito dons espirituais para discernimento, de modo a não ser enganada. Cuidado com doutrinas falsas criadas a partir de pseudo-revelacòes! Tudo o que devemos aprender e praticar tem seu endereço nas Sagradas Escrituras; nada além (Compare Nm 12.6; 1 Sm 3.15; SI 25.12).

Dei is rei via a Abraão a destruição de Sodoma e Gomorra (Gn 18.20-22). Antes de qualquer outra pessoa, Abraão ficou conhecendo os pensamentos e desígnios de Deus quanto a Sodoma e Gomorra. Pequenas cidades e aldeias adjacentes subscritas como Aclama, Zehoim e Zoar. foram incluídas no juízo divino condenatório de Sodoma e Gomorra, por causa do pecado de seus moradores. Esses lugares eram, de fato, pocilgas cie iniquidade, e deviam ser eliminados da presença de Deus. O Senhor revelou a Abraão que “o c la mor dessas cidades" havia subido diante clEle, e por isso

visitaria estes lugares com um terrível juízo de destruição. Abraão estava em Hebrom (edificada sobre o monte), um pouco distante do vale sobre o qual viria a destruição.

Sodoma e Gomorra nào se limitam às páginas do passado: o estado moral e as condições espirituais de muitas “cidades” do mundo em que vivemos assinalam o desfecho profetizado por Jesus, em seu sermão escatológico (Mt 24). O fim está próximo.

Razões da Intercessão de Abraão

O *clamor de Sodoma e Gomorra (vv. 20.21).* O versículo 20 diz que "o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito” Ora, a palavra “clamor” no hebraico (*zeaga)* significa "lamentar-se, vociferar em alta voz" O termo sugere a falta de paz, o rumor, bem como a desordem de uma sociedade corrompida, e o caos que disso resulta. Portanto, "clamor" é definido, também, como grito de súplica ou protesto, queixa, brado, rogo, voz. O texto declara que “o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado tanto” ou tem subido à presença de Deus” Subtende-se, entre outras definições, como um “vapor” que subia à presença de Deus. provocado pelos abrasamentos carnal e sensual. Por outro lado, os argumentos da intercessão de Abraão sugeriam a crença de que alguns justos habitavam entre os impenitentes. Eis a razão por que respondeu o Senhor: “Descerei e verei de fato o que tem praticado" — uma demonstração da justiça aliada à misericórdia. Por outro modo, o juízo mostraria à humanidade a severidade de Deus contra o pecado e os que o praticam. No versículo 21: “descerei” o Senhor desceria para quê, e por quê? Desceria para executar seu intento, para agir “segundo o clamor daquelas cida-

des" para as aniquilar. A palavra hebraica *kala* indica “aniquilamento" A corrupção, em si, daria início ao aniquilamento; a destruição física, a sua manifestação visível ou sua concretizacáo. No mesmo versículo 21, o texto continua com a expressão: "e verei se, de fato, tem praticado segundo este clamor“ O vocábulo “se" assinala que os atos de justiça do Todo-Poderoso têm seus fundamentos no amor e são impregnados de perdão e graça (Jo 3.16). O “clamor" de nossas cidades, deterioradas moral e espiritual-mente, tem subido à presença de Deus. O

Salvador está disposto a salvar a todos da destruição. O vocábulo “se” pode ser aplicado no tempo presente.

Questionamentos de Abmào (vv 22,23). Pode um mortal questionar as ações do Eterno? Sem dúvida, se isto não fosse possível, tanto Abraão como tantas outras pessoas ao longo da história seriam eliminadas. Entretanto, Deus não é carrasco. O tratamento que Ele dispensa a todos nós tem seus fundamentos na justiça. Abraão consolidara seu relacionamento com o Senhor, de quem ganhara a confiança, por isso quando questionou o Eterno, não o fez com uma atitude desrespeitosa, senão para entender o que Ele iria fazer. O versículo 22 diz que Abraão ficou ainda em pé diante da face do Senhor" Abraão ousou ficar em pé diante do Senhor para, indiretamente, "opor-se" a sua vontade, tentando demovê-lo da decisão. Essa atitude do pai da fé — na visão de alguns escribas e rabinos judeus — é entendida como “um desvio" de atitude para com o Todo-Pode-roso. listaria Abraão insinuando erro nos propósitos divinos? Deveria o Senhor mudar os seus desígnios? Não! O patriarca, sim, insistia no argumento segundo o qual havia alguns justos entre os ímpios impenitentes, e que aqueles

precisariam livrar-se do fogo e da saraiva, com os quais Deus consumiria seus opositores. No decorrer do tempo os homens construíram a imagem do nosso Deus, como um ser carrancudo, que está sempre "mal-humorado'- Simplesmente, um engano. Pois o Todo-Poderoso, amigo de Abraão, deseja que estreitemos a comunhão com Ele. Que sejamos, pois, seus amigos!

Dificuldade de compreender o senso divino de justiça? (Gn 18.23-33)- Abraão não conseguia ‘ ver’' ou conceber a amplitude e a gravidade da degradação moral dos ímpios

de então. Como entender um Deus justo e misericordioso que decide destruir cidades, quando nestas moram pessoas justas estas, uma minoria? Para Abraão, a pequena quantidade deveria implicar a anulação do juízo, ou seja, o Senhor poupar tais cidades. Estaria Deus agindo injustamente com aqueles ímpios? Destruiria Deus os justos com os injustos? Abraão queria reverter o juízo divino; desconhecia, no entanto, os pecados daquele povo. Eis o versículo 25: “Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio", disse Abraão. Ora, sabemos que o justo Juiz age com equidade. Justiça, imparcialidade, verdade. Abraão poderia estar entendendo-a como rigorosa, estreita. Afinal, era o patriarca um ser criado, portanto, precisava conhecer um pouco mais o seu Criador, seus atributos, sua natureza. A justiça divina tem como elemento a misericórdia. Um dos atributos da natureza moral de Deus é a justiça. O apóstolo declarou que “Deus é luz" (1 Jo 1.5): Ele tem absoluta clareza e pureza de caráter. Assim, é livre de qualquer indício de mal. Ele riào só está livre do mal, mas se opõe ao mal. Quando Abraão expressou “não fará justiça o juiz de toda a terra?"(Gn 18.25), não questionava a justiça divina, porque sua convicção sempre

bi a de que o Eterno é justo em seu caráter. Todo homem ,'stá apto a saber discernir o certo e o errado, e, quando perde essa capacidade de discernimento e neutraliza sua consciência fica a mercê de sua natureza pecaminosa. Na Dispensação da Graça, o Senhor Jesus fez-se carne e recebeu em seu corpo os pecados de toda a humanidade. Ao receber esses pecados. Ele os cravou no calvário, mediante o grande e único sacrifício capaz de expiar a culpa do pecado (ls 53.4-6). A justiça divina que exigia o pagamento da transgressão satisfeita foi no

sacrifício expiatório de Cristo, quando consumou a nossa redenção.

O Poder da Intercessão

() intercessor clero ter consciência cie seu papel sacerdotal. A bíblia nos fala do ministério sacerdotal do povo de Deus no decorrer da história. No Antigo Testamento, a sua função era a de representar o povo diante de Deus. O ministério sacerdotal teve seu início com Arão. seus filhos e. a seguir, com a descendência de Levi. Somente os desta linhagem podiam exercê-lo. Com a Nova Aliança deixou de vigorar o exclusivismo sacerdotal. Todos os crentes em Cristo são sacerdotes para com Deus. O apóstolo Pedro escreveu em sua epístola: "Vós. porém, sois geração eleita, o sacerdócio real" (1 Pe 2.9). E disse mais: "Também vós mesmos... sois edificados... para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1 Pe 2.5). F sem dúvida um dos ministérios mais desafiadores do Novo Testamento. porque o Espírito Santo habilita a todo regenerado a que possa chegar diante do Altíssimo em favor dos outros. Ora. entendemos que ser intercessor é um sacerdócio, não algo opcional: é uma obrigação sagrada e, ao mesmo tem-

po, um privilégio chegar à presença de Deus em favor de outras pessoas. A lição que aprendemos com Abraào é que devemos ter um coração quebrantado, e ajudar e lembrar do nosso próximo, carente de nossa intercessão. A única certeza de Abraào acerca da população de Sodoma e Gomorra é que lá estavam pessoas justas, à despeito das imperfeições do sobrinho Ló, sua esposa e filhos.

O *ministério da intercessão no Novo Testamento.* No capítulo 17 do Evangelho de João, como exemplo, temos a célebre oração intercessória, quando Jesus orou por seus discípulos. Nossa redenção foi consumada no Calvário (Is 53.1-12). Porém, o Cristo intercessor, seu ofício continua. Na cruz, como sacerdote do Altíssimo, ofereceu-se a si mesmo, *para* expiar a nossa culpa com o seu próprio sangue, e retornou ao céu, para interceder por todos. O apóstolo Paulo afirma convicto que é “Cristo Jesus quem morreu, ou antes quem ressurgiu dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também *intercede* por nós" (grifo nosso; Rm 8.34). A Carta aos Hebreus intensifica essa verdade, declarando Jesus Sacerdote Eterno, segundo a ordem de Melquisedeque. Agora “vive para interceder por eles” (Hb 7.25).

1. Oração que implica esforço sacrificial. Naturalmente gostamos de orar considerando as necessidades pessoais — um tipo de oração exercitada sem maiores dificuldades. Porém, quando se trata de “esquecer-se” de si próprio e dedicar-se em favor do próximo, a oração adquire um caráter sacrificial. Ao longo da história do povo de Deus, homens e mulheres legaram-nos exemplo de desprendimento em benefício de outrem. Isto, além de ministério, move o coração de Deus. Não só é abençoada a pessoa

por quem oramos, nós. os intercessores, também. Interceder é engajar-se numa batalha espiritual, porque luta-se contra as hostes satânicas. Por isto, nada de orações forçadas, nem mecanizadas. Ela deve brotar do coração como uma nascente de água que jorra da terra com toda a força. Não devemos interceder sem fé. sem acreditar no poder, nos efeitos da oração intercessória.

2 [hw Jazâ-Io com integridade de coração. Não se trata, como alguns pensam, de se expressar palavras bonitas e poéticas, sem uma disposição consciente do coração. É o tipo de oração que revela a sensibilidade para com as necessidades das outras pessoas. É um derramar da alma perante o Senhor (SI 42.2-4; 62.8). Quando começamos a orar pelos outros não podemos desanimar ante os resultados que parecem frustrantes e demorados. Devemos continuar orando, confiantes A oração intercessória não pode ser "canalizada de forma robótica, mas esperar que Deus responda de acordo com sua perfeita vontade e conhecimento. Interceder não é orar sob qualquer manipulação ou controle Deus está livre de manipulações e respostas encomendadas. O caminho de Deus é perfeito. Isaías 55.8-11 diz-nos o seguinte: ' Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os NOSSOS pensamentos. Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, mas regam a terra e a fazem produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come. assim será a palavra que sair da minha boca, ela não voltará para mim

vazia; ante.s. fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a enviei" A disposição e a persistência são ingredientes indispensáveis ao intercessor.

Uma atitude afetuosa e misericordiosa em faix>r de outrem. Esta afetuosidade quando se ora é testemunho contra o egoísmo. Na verdade, quando nos dispomos a orar pelos outros, conquistamos o coração de Deus. Ao interceder pelos justos de Sodoma e Gomorra o

velho patriarca demonstrava um coração afetuoso e misericordioso. Abraão não conseguiu a resposta desejada; não que houvesse algo errado com a sua oração. A razão é que Deus não se deixa mover por mero sentimentalismo. Sua perfeita justiça não é manipulada por nada e por ninguém. Nem sempre o Todo-Poderoso responde as nossas orações da forma que concebemos, desejamos ou esperamos.

Que oremos em favor das nossas cidades, nossas famílias, nossos amigos. É a vontade do Senhor. Que a sede de interceder domine o coração da Igreja hodierna. A oração intercessória, organizada e coletiva, é um modo especial de preencher os anseios do coração de Deus.

Capítulo 13

A Destruição que Abraão não Conseguiu Evitar

Gênesis 18.20.21. 19.1.13.16,r,22.26.29;

Lucas P.29.30.32

Fsse tema sugere o estudo em dois ângulos: o históricc: e o escatológico. No capítulo anterior analisamos a oraçàc: intercessória de Abraão quando Deus lhe revelou que destruiria Socloma e Gomorra. Nos \ ersículos finais do capítulo 18 de Gênesis, Abraão resiste e questiona a Deus, esperando que houvesse de/ justos, pelo menos, em Sodoma Quão grande foi a decepcào quando descobriu que lá nàc: havia nem mesmo dez justos. Vencido por esta situação, ele não quis persistir em sua posição. Abraão retornou à sua casa na montanha, com o coracào decepcionado. Focalizaremos. especialmente, alguns aspectos morais e espirituais desse episódio, os quais podem ser contextualizados hoje As histórias bíblicas, independente do contexto da época em que aconteceram e foram registradas, podem ser contextualizadas, pois o seu autor é atemporal; Ele é o próprio Deus.

O Flagrante do Pecado de Sodoma e Gomorra

Quando usamos o termo “flagrante”, referimo-nos não a algum tipo de surpresa, mas à realidade comprovada do pecado daquele povo. A Bíblia diz que “o clamor” de Sodoma e Gomorra havia subido perante o Senhor como um vapor incontrolável.

Os Anjos de Deus em Sodoma (Gn 19.1)

Depois que Abraão recebeu a visita de três homens em sua tenda, descobriu posteriormente que não eram homens comuns, ainda que parecessem simples peregrinos. Dois deles eram anjos da parte de Deus e o outro, teofanicamente, era o próprio Deus (Gn 19.1). Interpreta-se erroneamente que estes visitantes sejam as três pessoas da Trindade. Na teologia bíblica, os anjos de Deus, que são desprovidos de materialidade, podem, como espíritos puros, tomar formas materiais inexistentes para revelar-se, sem contudo entrar ou incorporar nos homens. Algumas vezes, deparamo-nos com o próprio Deus tomando estas formas. A isto chamamos de “teofania”

No capítulo 19, esses anjos se identificam como “homens” pois quando chegaram a Sodoma, encontraram Ló à porta da cidade como um dos conselheiros acerca dos negócios e da administração da cidade. Ló era um dos administradores respeitados de Sodoma (Gn 19.9). Aqueles “homens visitantes” (anjos) foram recebidos gentilmente por Ló, que os levou a passar a noite em sua casa (Gn 19.2). Hospitaleiro, Ló recebeu aqueles homens com todo o respeito e honra. Quantas vezes temos a oportunidade de recebeF anjos em nossos lares e não sabemos identificá-los! Por isso é impor tante a hospitalidade. Porém, pela primeira vez aqueles ho mens são chamados “anjos isto é, "mensageiros" e cad; um cumpria uma missão. Dm deles tinha uma mensagen profética para Sara. a qual era anunciar o nascimento de un filho, o filho da promessa desejado e esperado. Aplicar r. juízo de destruição sobre Sodoma e Gomorra e salvar Ló t sua família (Gn 19.13*16) eram as duas missões dos outro? dois anjos (homens), respectivamente.

A Gravidade dos Pecados daquela Geração (Gn 19*4,5)

O relato histórico da visita daqueles "homens de Deus' nos mostra a gravidade do pecado naquelas cidades. G texto diz que os homens de Sodoma souberam que Lc havia recebido dois visitantes desconhecidos em sua casa. Esta foi, então, cercada pelos homens depravados, que exigiam que Ló os trouxesse para fora a fim de que pudessem conhecê-los. Alguns comentadores bíblicos mais radicais interpretam que estes homens buscavam novas experiências sexuais, e por isso queriam satisfazer seus instintos animalescos de abuso e violência sexual (Rm 1 19-32). Esta escritura de Paulo aos Romanos parece-nos um retrato fiel da história depravada de Sodoma e Gomorra. Aquela atitude de desrespeito à casa de Ló foi um flagrante da depravação total daquele povo. que havia perdido completamente qualquer senso de pudor e respeito. O texto bíblico usa a expressão "para que conheçamos" mas a tradução da Versão Revisada está mais próxima do sentido original quando usa a expressão "para que abusemos" Essa impudência maligna e possessiva, típica daquela geração corrompida, campeia sobre nossas gerações atuais. Naquela sociedade, o abuso sexual tornara-se normal e comum na vida daquele povo que se entregou "às mais infames paixões carnais" (Rm 1.24). Quando Ló reagiu e nào permitiu que aqueles varões invadissem sua casa, arremessaram-se contra ele para o ferir, mas os anjos o tomaram pela mão e o protegeram, cegando os homens enfurecidos (Gn 19.9,10). Os anjos anunciaram o juízo de Deus sobre aquele povo e ordenaram a Ló e sua família que saíssem do lugar, pois Deus haveria de destruir aquelas cidades (Gn 19.12-23).

A Descrição dos Pecados de Sodoma e Gomorra

Os pecados daquele povo nào se restringem aos pecados de ordem sexual. Poderíamos listar uma série de pecados típicos dos nossos tempos. A despeito da fraqueza espiritual de Ló, que deixou-se dominar pelo espírito da avareza e da cobiça, quando preferiu habitar naquela cidade pecadora, Deus ainda assim, por amor de Abraão, procurou salvá-lo. Quando os anjos de Deus anunciaram a destruição do lugar. Ló passou a mensagem aos seus genros, mas eles não quiseram acreditar na mensagem dos anjos. Pelo contrário, eles não foram salvos daquela destruição. O coração daquele povo estava tão incrédulo que não aceitava nenhuma mensagem. Dentre muitos pecados, alguns são destacados pela forma animalesca da sua prática, contrariando o comportamento normal de seres humanos.

Na categoria dos pecados sexuais destacava-se o *homossexualismo* como uma distorção moral e física praticada sem o menor escrúpulo por aqueles habitantes. O texto de Gênesis 19.5 destaca, principalmente, o homossexualismo. Os sodomitas eram verdadeiramente pervertidos, e nào se cansavam em buscar novas experiências para suas paixões desnaturadas. Em nossos dias, a Igreja de Cristo confronta-se com os poderes públicos, que começam a ceder às pressões políticas de grupos favoráveis à prática do homossexualismo, como direito de "opção sexual” Admite-se e luta-se por direitos de casamentos entre homossexuais. Nossa sociedade está corrompida e o mesmo espírito de perversão, em nome de "direitos de liberdade individual” e "direito de expressão influencia negativamente nossos parlamentos. Essas distorções morais avassalam nossos valores e estão

impregnadas no estilo de vida moderno. Somente a Igreja de Cristo poderá, como sal da teria (Mt 5. 13). evitar a deterioração moral e espiritual completa. Para tanto, precisamos conhecer alguns aspectos (.lesse assunto, a fim de sabermos como tratar com as vítimas desses pecados.

A Profunda Depravação Moral daquelas Cidades

A narrativa histórica dessas cidades descreve que "eram maus os varões de Sodoma, e grandes pecadores contra o Senhor" (Gn 13.13). O flagrante foi constatado por Deus e o juízo, inevitável (Gn 18.25; 19.25) Que pecados eram estes tão abomináveis diante de Deus? Várias formas de depravação moral relacionadas com práticas animalescas no campei da sexualidade aconteciam, entre as quais estava o homossexualismo. Destacado no texto bíblico, o homossexualismo é um pecado condenado fonemente pelo .Senhor, que proíbe "um homem deitar com outro homem como quem deita com uma mulher" (Lv 18.22 e 20.1.3). Os homens de Sodoma pareciam não ter mais qualquer restrição ou pudor O ímpeto inflamante da sensualidade que dominava aquelas pessoas as impelia na busca do prazer a qualquer preço. Nem mesmo os anjos recebidos na casa de

Ló seriam poupados se pudessem prendê-los. A palavra “sodomia" surgiu em função da história de depravação de Sodoma. Naturalmente, o pecado de Sodoma e Gomorra não se restringia unicamente à prática homossexual. A Epístola de Judas declara que uma das razões do juízo divino contra aquelas cidades era um comportamento sexual ilícito e antinatural Qd 7).

Sodomia, a Referência Atual do Homossexualismo

Para a prática do pecado não há desculpas. Antes de qualquer causa física ou psíquica, está a natureza pecaminosa herdada de Adão e Eva (Rm 5.12). Por isso, o padrão de vida do ser humano tem sofrido a perversidade do pecado sobre sua vida. Discutem-se como prováveis causas: falhas na educação, problemas congênitos ou influências externas que acabam influindo no “modus vivendi” das pessoas. Todas essas causas merecem estudo e avaliação, pois nos defrontamos diariamente com esse problema. Não podemos ignorar o que tem infelicitado tantas pessoas. Não há dúvidas de que esses desvios morais são causados por demônios que agem sobre suas vítimas, oprimindo-as e levando-as ao repugnante pecado. Nos dias atuais, essas práticas distorcidas da sexualidade normal têm tomado proporções assustadoras. Nossa sociedade já admite o homossexualismo e o lesbianismo como opções sexuais e como direito humano. O direito humano quanto à liberdade individual só é válida quando não fere nem ultrapassa a liberdade do outro. Quando essa anomalia da vida humana fere os princípios vitais de moralidade e coexistência pacífica na sociedade, entendemos que é necessário repudiá-la. Na sociedade moderna essas anomalias são tratadas com complacência. Vários textos no Novo Testamento conde-

nam essas práticas (1 Co 6.9.10; 1 Tm 1.9.10.11). As palavras "sodomitas" ou "efeminados" têm o mesmo sentido no original grego bíblico, e referem-se à prática homossexual. Só o Evangelho de Cristo é capaz de mudar e lilx.‘itar as pessoas escravas dessas práticas.

O Incesto das Filhas de Ló (Gn 19-30-38)

Que significa “incesto"? Trata-se da união sexual ilícita entre parentes consanguíneos, afins ou adotivos. Depois da destruição de Sodoma e Gomorra, Ló perdeu sua mulher, cujo coracão estava voltado para o mundo de Sodoma, e por isso, ao olhar para trás, aquela mulher transformou-se numa estátua de sal. As filhas de Ló, apesar de salvas do juí/.o divino, haviam adquirido alguns costumes da corrompida sociedade do lugar onde viveram. Não havendo homens por aquelas redondezas, uma vez que seus maridos estavam mortos, arrumaram uma desculpa para cometerem um incesto com o próprio pai. Ló, a despeito de toda a sua formação moral, era um homem carnal e havia perdido a capacidade de domínio sobre sua própria família Não tinha a menor persuasão moral sobre as filhas H lamentável percebermos nos dias atuais a perda da capacidade de influência moral dos pais sobre os filhos Aquelas mulheres alcoolizaram o próprio pai e o induziram ao ato sexual, desesperadas por não haver homens naquelas cercanias. A facilidade com que essas duas mulheres admitiram ler relações sexuais com o próprio pai revela a péssima influência decadente da vida que ti'eram em Sodoma. O qspírito sodomita que espalha-se em nossa sociedade precisa ser detido e banido de sua influência sobre nossos filhos.

Os Crentes Típicos daqueles Dias

A geração daqueles dias estava corrompida (Lc 17.28,29), e algumas atividades normais e próprias da vida urbana como “comer, beber, comprar, vender, plantar, edificar, casar e dar-se em casamento” foram afetadas pela corrupção dos bons costumes. Aquela sociedade de então havia adotado um estilo de vida baseado na ganância, na opulência, no egoísmo, a ponto de aquela geração

não saber distinguir o certo do errado, o sagrado do profano, o puro do impuro. No meio daquela geração depravada, onde predominavam a sensualidade, a glutonaria e a embriaguez, havia algumas pessoas tementes a Deus. São pessoas que nos ensinam algumas lições positivas e negativas para se viver nos dias atuais. Destacaremos, pelo menos, quatro tipos especiais: Abraão, Sara, Ló, a mulher de Ló.

1. Abraão (Cn 18.23-33)■ Abraão não vivia nem participava da vida urbana daquelas cidades. Por escolha própria preferiu viver nas montanhas. Evitava qualquer influência dos hábitos daquelas cidades, preferindo desenvolver um estilo próprio de vida baseado nas experiências que tivera com Deus. A única relação que mantinha naquela cidade era com o seu sobrinho Ló e sua família. Abraão tinha uma consciência muito aguda da razão de viver porque obedecia a um plano divino. A despeito de suas limitações, Abraão esforçava-se para obedecer a Deus. Ele aprendeu a viver em consonância com as exigências divinas. Por isso, quando provado em circunstâncias adversas, ele pôde vencer as provas. Nada daquela sociedade foi capaz de corromper, iludir ou envolver sua vida (Hb 11.8-12).

2. Sara (Hb 11.11). O texto de Hebreus coloca Sara juntamente com seu marido Abraão na galeria dos heróis da

fe Como esposa. Sara sempre foi fiel ao seu marido. Sempre acreditou nele e no chamado de Deus para ele Desenvolveu sua fé vendo Deus abençoar seu marido e a si mesma de modo es|xcial. Diz o texto que “pela fé Sara recebeu a virtude de concelx*r e deu à luz já fora da idade" Ela teve dificuldade ínicialmenle para aceitar o plano

divino, porque o via como realização impossível pelo modo natural Porém, quando chegou o tempo de Deus, Sara entendeu o plano divino: “leve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa Portanto, Sara viveu em meio àquela geração incrédula e corrompida, mas soube manter sua fe em Deus Vivemos em um mundo incrédulo e pervertido, onde as prioridades espirituais se tornaram secundárias na \ ida de muitos crentes. Entretanto, Sara soube manter-se hei ao Senhor junto com seu marido, sem deixar-se influenciar pelo mundo de então.

I.Õ ((iii 19 l.c 17.2S.29) Parece-nos que Ló e sua família eram cientes em Deus, porque o conheceram atra-\ cs da c< mvi\ ência com o lio Abraão. Podem representar o tipo de crentes nominais. Enquanto estiveram com Abraão aprenderam verdades e princípios acerca de Deus. A Bíblia declara que Ló era homem justo Seu senso de justiça fazia -o e\ itar práticas injustas e corrompidas da gente de Sodoma. mas Lo tinha o coração voltado para as coisas materiais. Ele é o tipo do cristã«) que não \ ive por fé. que não consegue desvencilhar o coracào das coisas materiais. E o tipo que e\itava as práticas pecaminosas, mas não conseguia frear os ímpetos carnais de sua mulher e suas filhas. O le\u> de Lucas P.26.2-’ fala que o povo daquelas cidades estava absorvido com o materialismo e a luxúria. Por isso nao podia perceber as diferenças entre o espiritual e o

material. Era um povo indiferente, incrédulo e luxurioso. Era um povo voltado apenas para os interesses materiais, sem nenhuma preocupação com a necessidade espiritual de suas almas. Não pensavam no futuro, e por isso seus valores tinham importância só para o presente. Imaginavam que a vida consistia apenas em satisfazer as

coisas físicas e materiais. Perderam o bom senso e se tornaram carnais. Ló persistia em viver naquela cidade por causa do seu comodismo e sedução material. Há cristãos hoje que vivem tão absorvidos pelas coisas da vida material que ficam alheios aos juízos preditos na Palavra de Deus.

4. A mulher de Ló (Gn 19.26; Lc 1732). Não há nenhum texto no livro de Gênesis que negue a idéia de que a mulher de Ló não fosse crente. É possível que ela nunca tenha tido uma conversão genuína, e apenas por respeito e submissão ao marido ela o acompanhasse e aceitasse a crença no Deus de Abraão e de Ló. Ela tinha a aparência de crente, porque era esposa de um homem justo. Entretanto seu coração estava voltado para Sodoma, e quando recebeu a ordem do anjo para escapar com vida da destruição anunciada, ela não acreditou na mensagem angelical e preferiu desobedecer à ordem de saída, perdendo sua salvação. A história da salvação da família de Ló nos mostra que houve relutância dessa família em escapar do juízo anunciado pelos anjos. Tanto Ló como sua mulher e as duas filhas, inclusive os genros, relutaram em sair. Não acreditavam na mensagem angelical. Quando os dois anjos tomaram pelas mãos a mulher e as filhas, os genros incrédulos entenderam essa saída como uma zombaria da parte dos anjos. Ló chegou mesmo a dizer para os anjos: "Assim não, Sephor" (Gn 1918). Quando saíram, deixando todos os bens materiais

para irás, a mulher de Ló tinha o coração voltado para as coisas materiais da vida urbana de Sodoma. Ela neutralizou sua consciência e. mesmo sendo tomada pela mão para sair da cidade, não obedeceu à ordem de "não olhar para trás () problema maior não foi o simples olhar para trás, mas sim deixar o coração em Sodoma. Em nossos

dias. lemos muitos cristãos do tipo da mulher de Ló. Estão dentro da família de Deus. mas o coração está no mundo (Jo 12.25; 1 Jo 2.15). No dia da volta do Senhor, os cristãos desse tipo revelarão suas preferências e se saberá quem são os verdadeiros cristãos.

Quando Jesus abordou a história dos dias de Sodoma e (íomorra. era para lembrar que haverá um juízo futuro, á semelhança do juízo com fogo e enxofre sobre estas cidades (I.c P 27-32). Neste estudo aprenderemos algumas lições praticas para a nossa vida cristã.

1 Deus não julga nada e ninguém sem fatos comprobatórios. Foi isto o que Ele fez com Sodoma e Gomorra, flagrando o povo nos seus próprios pecados.

2. Deus não condena o justo com o injusto.

.3. A prática do homossexualismo é totalmente condenada por Deus, mas I-'le ama e deseja salvar o homossexual, mudando e transformando sua vida.

■t. O amor ao mundo presente é típico do amor que a mulher de Ló tinha para com a vida de Sodoma.

5. E impossível o pecado passar impune diante dos olhos de Deus. Fie está pronto a perdoar o pecador, mas condena o seu pecado.

6. O juízo divino será inevitável e quando ninguém estiver esperando.

1 r



Capitulo H

O Pecado da Mentira

Gênesis 20.1-18

Pode um crente mentir? Naturalmente, a Bíblia recomenda a que não mintamos. O apóstolo Paulo exortou os colossenses: "Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do vellio homem com os seus feitos” (Cl 3.9). Porém. ine\ itavelmente. todos mentimos alguma vez, objetiva ou subjelivamente A mentira é uma manifestação de nossa natureza carnal em várias circunstâncias da nossa vida cotidiana Mesmo um crente de vida consagrada e de caráter ilibado sofre a tentação de mentir, especialmente quando seu ego é atingido. Para defender o ego, criamos desculpas que disfarçam ou dissimulam a reação ao nosso ego. Alguns. se não mentem intencional e maliciosamente, mentem induzidos por forca do ego. Abraão, um homem de tantas \ norias e derrotas, mais uma vez. permite que seu coração o

engane e o induza à mentira para justificar interesses materiais. A Bíblia declara que o coração do homem é enganoso (Jr 17.9). Neste episódio do capítulo 20 de Gênesis, repete-se uma situação em que Abraão mente intencionalmente e induz sua mulher a cometer o mesmo pecado (Gn 12.10-20). Abraão e Sara maquinam uma situação para poderem tirar proveito numa terra que estava fora dos planos de Deus. Diz a Bíblia, literalmente: “E partiu Abraão dali para a terra do Sul e habitou entre Cades e Sur-, e peregrinou em Gerar” (20.1). Gerar era uma cidade dos filisteus, portanto, uma terra de inimigos. Mais uma vez, à semelhança do que aconteceu no Egito,

esse casal toma uma decisão própria e deixa de andar por fé para andar por vista.

Abraão Teve uma Recaída na sua Fé

Essa recaída revela como somos vulneráveis como criaturas humanas. Mesmo tendo experimentado as maiores bênçãos divinas ao longo de nossa vida, como Abraão, às vezes, nos permitimos resvalar na fé. Abraão estava bem! Ele havia experimentado o cuidado de Deus em Hebrom. Prosperou materialmente e adquiriu muita riqueza. Tinha muitos empregados, muito gado, e não lhe faltava saúde. Enquanto vivia por fé, todas as coisas aconteciam de modo especial. Porém, quando resolveu atender seus ímpetos pessoais, deixou de lado a fé, e saiu do plano de Deus.

1. Abraão estava movido por uma insatisfação atípica. Por que atípica? Porque não havia razões para esse sentimento gerado em sua mente, quando desfrutava das bênçãos como nenhum outro homem pudesse experimentar. Abraão havia feito grandes façanhas de fé enquanto dependia totalmente de Deus. De repente, nos deparamos com um homem que parecia insatisfeito consigo e buscava novas conquistas. O que estava vivendo e experimentando parecia não ser o suficiente para satisfazer sua ansiedade. Talvez ele avaliasse sua vida como monótona, tediosa. Talvez considerasse sua vida muito comum, muito certa e rotineira, e desejasse alguma nova experiência. Como era um negociante. Abraão não poupava esforços para angariar mais rendas e riquezas.

Hem peno de Hebrom estava um vizinho rico e negociante como ele Por que não mudar para mais perto desse vizinho e negociar com ele?! Sua visão agora era totalmente material. A questão da fé foi deixada de lado. Em

nossos dias, nos deparamos, especialmente, com obreiros que nunca estão satisfeitos com o que Deus lhes tem dado. Estão sempre buscando novas experiências, novas emoções e acabam tendo frustrações e decepções. Esse afã de novas experiências produz insegurança e induz essas pessoas a atitudes dúbias em relação ã vontade de Deus. Existem crentes que nunca se estabilizam numa determinada igreja, listão sempre insatisfeitos. Estão sempre buscando nov idades em outras paragens. E. sem dúvida, uma vida cristã arriscada e vulnerável

Quando Abraão saiu do caminho da vontade de Deus, começou a mentir. Sua integridade moral e espiritual foi afetada. Abraão não soube guardar-se de pecar contra Deus e contra as pessoas para as quais mentiu. Abraão se comportou de forma egoísta, porém, Abimeleque respondeu com generosidade Para que não tenhamos conclusões injustificadas, devemos fazer uma avaliação dos latos expostos neste incidente Sem dúvida, os fracassos de Abraão foram o fruto de sua recaída da lé Aprendemos nesta história algumas lições preciosas que podem nos ajudar a trilhar no caminho da lê

2. Abraão buscou novas experiências em detrimento da fé. O texto diz que "Abraão partiu dali” (Gn 20.1). Ele abandonou o lugar onde tinha um altar ao Senhor, onde confirmava sua fé a *El Shadday* para aventurar-se, mais uma vez, em nova peregrinação noutra terra. Em nossos tempos atuais, tem havido muito pecado neste sentido por obreiros que não ficam onde Deus quer que fiquem. Estão sempre se aventurando em novas experiências que satisfazem apenas suas ambições pessoais, em detrimento da vontade de Deus. Abraão relegou a fé a um segundo plano em sua vida. Por isso, ele pecou, mesmo sendo um crente.

J. Abraão usou a mentira intencionalmente (Gn 20.2,9). Define-se *mentira* como um engano ou falsidade sempre intencional. O termo *mentira* pode ser relacionado a atitudes comportamentais, como “olhos mentirosos”; “viver uma mentira”; “coração mentiroso” e outros mais. Abraão não teve escrúpulos para alcançar o que queria. Parece-nos que ele preferiu adotar a falsa idéia de que “os meios justificam os fins” Os fins desejados por Abraão o cegaram espiritualmente, e ele entendeu que a mentira era "um meio” que justificava relegar a fé e seguir o engano do seu coração. Não nos deteremos no campo filosófico que discute o que pode ou não ser mentira. Por exemplo: a retenção da verdade não é necessariamente uma mentira, porque “mentir significa transmitir de modo ativo e intencional uma falsidade”

Nos vários campos das relações humanas: na política, no comércio, na vida conjugal, nas relações familiares, nas atividades eclesiásticas, a mentira está presente. A palavra que melhor corresponde à *mentira,* no grego bíblico, é o termo *hypokrisis,* que significa “hipocrisia" A hipocrisia é a antítese do contar a verdade (Gr. *alethéia).* O termo grego clt) \ovi> Testamento que melhor traduz, a palavra "menti ra e ***psciulomcii*** Desta palavra derivam outros termos comi */rendes,* tjue significa enganoso inveridico. No hehraieo *kttbàs* significa negar ' repudiar'' "agir seeretamenle enganar "mentir ' Portanto, ***psviulns*** é o ec|iiivalente de hehraieo ***sct/cr*** c|ue significa "fraude "engano e "falsidade A rai/, grega ***psciicl-*** significa "falso Por causa da mentira. o homem se alasta de Deus e nao deixa que Pie seja c Senhor que é veraz, que nao mente Pode-se confiar niile e na sua Palavra (\m **23.19: 1** Sm **15.29).** Quando o homem deixa a le fica exposto às paixões da carne, que conspiram contra o espírito (Gl 5 I-). Abraão

despiu-se da vida de fé e da verdade, e vestiu-se de hipocrisia e mentira para ter algum ganho temporal.

/ /‘mie mu cristão nwnlircpecar' Nada justifica o pecar e o mentir Mas. indiscutivelmente, os crentes pecam e mentem Ksta declaracào pode ser dura. mas não podemos masc arar a verdade Quando nos tornamos crentes, salvos e remidos pulo sangue de Jesus, nào ficamos liv res de pecar Sena uma hipocrisia acreditar que um ciente nào peca e nao mente porque enquanto estamos neste corpo mortal. somos propensos a pecar 1' por que um cristão mente'' l'orciue quando se descuida da lé e da santidade de sua mente, fica enfraquecido e vulnerável às fraquezas da c arne

\ escritura de Paulo aos gálatax diz o seguinte: Digo, porém \nclai em Espírito e nào cumprireis a concupiscência da carne l’orque a carne cobica contra o Espírito, e o Pspíriio. contra a carne e estes opòcm-se um ao outro; para que nao laçais o que quereis Kîl 5 l(i.l~> O conflito entre a carne e o Espirito é um conflito interior no crente, que dele requer a c apac idade de aceitar a vontade de um ou do outro. Durante toda a vida terrena o crente enfrentará esta batalha espiritual dentro de si. Por isso, dependerá dele a entrega, a um ou ao outro. Ou ele se deixará dominar pela carne e fará todas as obras da carne; ou se submeterá ao Espírito e fará a vontade do Espírito. Ora, precisamos saber que existem três tempos em relação à obra salvadora na vida do crente. Primeiro, fomos salvos da pena do pecado (passado); em segundo lugar, somos salvos do poder do pecado que opera ao nosso redor e na nossa natureza pecaminosa (presente); e em terceiro lugar, seremos salvos do corpo do pecado (futuro), na ressurreição dos mortos em Cristo ou no arrebatamento dos vivos na sua vinda.

Quando perguntamos se o crente peca nos referimos ao segundo tempo da nossa salvação, que é o do "poder do pecado” que age entranhado em nosso corpo mortal; e se o crente estiver fraco na fé, a carne opera e o induz ao pecado.

A Nobreza de Abimeieque e a Fraqueza de Caráter de Abraão (Gn 20.2-6)

Nos versículos 3 a 6, Abraão encontra em Abimeieque um homem nobre, respeitador do direito alheio, que não tinha nada a ver com toda a armação mentirosa que ele fez com sua mulher para não sofrer qualquer dano naquela terra. Era direito dos reis ter várias esposas, e quando viu Sara, atraído por sua beleza, a convidou para fazer parte da casa real como uma de suas esposas. A mentira de Abraão e Sara deu ao rei de Gerar esse direito, uma vez que havia entendido que Sara era solteira e irmã de Abraão.

O perigo das meias-mentiras (Gn 20.2). Abraão mentiu intencionalmente porque foi para a terra de Abimeieque

(Gorar) com a mentira pronta, ao afirmar: "É minha irmã A mesma mentira pregada no Egito. Existe um fato já tratado anteriormente em que Sara e identificada como *meia-irmã* de Abraão (Gn 20 12), isto é. sugere-se que ela fosse filha apenas do pai Terá. mas não há prova real de que isto seja verdade Portanto, esse faut é uma meia-verdade. Talvez, baseado neste fato. Abraão e Sara tenham entendido que poderiam dizer uma *meia-mentira,* e que não seria tão grave Porém, para Deus. entre uma 'mentira inteira” e uma "meia-mentira não há diferença. A insinuação de transformar uma "meia-mentira numa ‘meia-verdade" parece a mesma coisa perante o Deus Santo. Toda mentira é pecado e abominação perante o Senhor. Abraão e Sara se

haviam convencido de que o que estavam fazendo não se constituía uma mentira Era só uma "meia-verdade" e as “meias-verdades" pareciam não ser tão más como as mentiras diretas. Na realidade, as meias-verdades são piores, porque, como disse o famoso teólogo F. B. Meyer: "Uma mentira consiste tanto no motivo como nas palavras com que se expressa Ora. uma meia-verdade contém o suficiente dos latos para fazê-la crível e o suficiente de engano para fazê-la perigosa.

/I *sensibilidade de Abimekyne (Gn 20* Diz a Bíblia que Deus veio a Abimeleque em sonhos" e falou com esse rei que se ele locasse naquela mulher seria morto, porque ela era casada. Abimeleque percebeu que. de algum modo, Abraão e Sara. estacam protegidos por uma graça especial da parte de Deus, a ponto de correr o risco de sur morto se locasse em Sara. Ele não foi insensível á \o/ de Deus. mas se sentiu ofendido com a mentira de Abraão e Sara. Os dois consentiram na mesma mentira. Vias Abimeleque era homem íntegro, e quando Deus lhe falou em sonhos, ele obedeceu prontamente. A despeito do cuidado de Deus para com Abraão, nada justificava seu enorme pecado, porque um crente não deveria fazer o que fez Abraão. A despeito de Abimeleque ser um rei que não conhecia o Deus de Abraão, deu uma demonstração de maior sensibilidade para com esse Deus que o próprio Abraão. Quando um crente sai da vontade de Deus em sua vida, torna-se ridículo e vergonhoso. Apesar de tudo, Deus não havia desistido de Abraão quanto aos planos que tinha com ele, porque Deus vela pela sua palavra. Às vezes, um crente em fraqueza espiritual se defronta com um ímpio para aprender que Deus usa o ímpio para tocar em sua consciência. Foi o que Deus fez com Abraão. Usou a Abimeleque, que foi muito mais sensível à voz de

Deus que Abraão, que seguia apenas a direção do seu coração.

Desculpas inconsistentes (Gn 20.11-13)- Abraão procurou dar respostas a interrogação de Abimeleque, quando inquirido acerca da atitude que quase matou o rei e sua casa. Não há nada que justifique o pecado da mentira. As desculpas levantadas por Abraão não tinham consistência porque se baseavam em especulações, tais como: “certamente não há temor de Deus neste lugar” (Gn 20.11). Ora, o crente deve ser crente em qualquer lugar. Onde há mentira e engano o crente mantém a sua fé com a verdade. São muitos os lugares onde não há temor de Deus, e nem por isso procederemos incorreta mente nas nossas relações. “Eles me matarão por causa da minha mulher" (v. 11); foi outra desculpa que Abraão levantou. Por outro lado, se tinha tanto medo de que pudesse ser morto naquela terra é porque sabia que estava fora do plano original de Deus para sua vida. Naquele tempo, o papel da mulher na sociedade não era o mesmo de nossos dias. Se uma bela mulher chegava a qualquer outro país, os chefes cie tribos e reis as tomavam para si, porque elas eram apenas vistas como objeto sexual e serv içal Abraão, sabendo que a beleza de sua mulher chamava a atenção, mesmo sendo já idosa, procurou formas mentirosas para preservar sua própria vida. Porém, havia um plano divino especial na vida de Sara, e Deus nao permitiria que alguém a tocasse. Ele a preservaria de toda ameaça Por isso. Abimeleque foi avisado do perigo de tocar em Sara. e não a tocou, mas a devolveu ao seu marido.

Os Prejuízos Causados pela Mentira de Abraão

Quanto custou a Abraão a sua mentira? Qual é o preço que um crente paga. moral e espiritualmente. pelo pecado via mentira?

Primeiro, o custo maior da mentira para Abraão foi o prejuízo causado ao seu caráter como um seno de Deus. () mentiroso perde o respeito dos demais e se torna alguém nà< i-confiáv el l 'm certo escritor cristão disse que "o propósito da vida é edificar o caráter por meio da verdade Xbraào premeditou a mentira que iria pregar ao povo de Gerar. inclusive ao seu rei. Sem dúvida, seu caráter ficou arranhado perante aquele povo. l[!]m crente deve viver pela verdade (1 Jo l.h). ou 'praticar a verdade" Pm Cristo Jesus, o crente aprende a superar os efeitos do mundo, da carne e do Diabo crucificando o velho homem a "velha natureza com todas as suas armadilhas. A mentira está assoeiada á iniquidade e é v ista no paradigma do pecado na queda de nossos primeiros pais. Ali a verdade de Deus foi colocada em jogo. porque a "antiga Serpente, o diabo" se opôs à verdade, ao insinuar a Pva, dizendo: Cerlamen-te nao morrereis (Gn 3. i >. C) pior desse falo é que Adão e

Eva acreditaram na mentira do Diabo. A mentira é do Diabo e Jesus declarou que ele, o Diabo, é o pai da mentira (Jo 8.44).

Segundo, a mentira de Abraão custou a perda do seu testemunho. Como falaria aos seus vizinhos acerca do seu Deus quando ele mesmo havia pecado contra esse Deus? Ele mentiu, e sua mentira trouxe-lhe descrédito perante a sociedade de então. O sobrinho de Abraão, Ló, perdeu seu testemunho em Sodoma, mas Abraão perdeu seu testemunho em Gerar. O cristão autêntico procura manter seu testemunho incólume perante os outros.

Quando manchamos nosso testemunho pessoal, que significa o nosso retrato íntimo exposto, é difícil não lembrar o passado.

Capítulo 15

O Conflito dos Séculos

Gênesis 21 1-13

Ao longo da história da humanidade, nenhum conflito obteve a repereu.ssào dac|uele desenvolvido pelos descendentes de Ismael e lsac|ue E a história da família de Abraão, mais especificamente de seus filhos. Ismael e Isaque. que habitam na região do Oriente Médio. Ismael, filho da escrava egípcia Agar. e Isaque, filho de Sara, foram gerados por Abraão A descendência de Ismael é constituída pelo po\o arabe, e a de Isaque, pelo povo israelita. As tensões entre ambos os povos são antigas, pois começaram com uma disputa de família. Quando Abraão deserdou seu filho mais velho. Ismael, deixando todos os seus bens para o mais novo. Isaque. travou-se o conflito entre os dois irmãos. Essa disputa transformou-se em fonte de ódio e rancor através da história dos árabes e israelitas. Faremos uma retrospectiva histórica e ao mesmo tempo mostraremos a perspectiva futura e profética desses povos.

Os Dois Filhos de Abraão

Os capítulos 16 e 21 de Gênesis retratam a história de Agar, serva de Sara, e do seu filho Ismael. Nos capítulos 18 e 21 lemos a história de Isaque, o filho da promessa. No capítulo 16, Sara planeja o filho prometido por Deus de forma errada. Usa da sua lógica humana e dispensa qualquer possibilidade de milagre, porque entendia que jamais geraria esse filho em seu ventre. Disse ela: "terei filhos dela” (Gn 16.2). De quem e como? Através da sua serviçal Agar. Esse foi o plano carnal e incrédulo de Sara, e

apoiado por seu marido Abraão. Por isso vamos começar com Ismael, o filho da escrava Agar.

Ismael, o Pai dos Árabes (Gn 16.1-5,15,16; 21.14-21)

Para entender melhor a questão do conflito racial e familiar entre os árabes e israelitas, e a mistura entre esses povos, é necessário saber que isto teve seu início nos dias de Abraão. Quando Deus fez a promessa de um filho a Abraão e sua mulher, eles não tiveram paciência para esperar o tempo de Deus, nem entenderam plenamente o poder de Deus para operar um milagre na esterilidade de Sara. Deus havia prometido a Abraão transformá-lo num grande povo. Mas Abraão ficava cada vez mais velho e sua mulher, também. Em vez da fé, preferiram a lógica feminina. Sara propôs ajudar o plano de Deus entregando sua serva pessoal chamada Agar, que era egípcia, para que tivesse um filho por meio dela. Assim, entendia ela que Abraão nào ficaria sem descendente (Gn 16.1,2). Abraão fraquejou na confiança da promessa de Deus e aceitou o

plano cie Sara. Da união de Abraão com Agar nasceu Ismael, que é o pai cias árabes. Abraão alegrou-se com esse filho e agradeceu a Deus com as palavras: “Quem dera que viva Ismael diante do teu rosto (Gn 17.18). Abraão deixa transparecer que estava preocupado com o futuro desse filho, mas não tinha plena certeza de que esse arranjo de sua mulher era. de faio. o filho da promessa. Deus responde à oração do patriarca e lhe diz que esse filho seria abençoado. mas não era o filho da promessa, porque a promessa se cumpriria literalmente em Sara. O Senhor lhe fala de modo incisivo: "Na verdade. Sara, tua mulher, te dará um filho, e chamarás o seu nome Isaque, e com ele estabelecerei a minha aliança, por aliança perpétua para a sua descendência depois dele” (Gn 17.19).

Parece-nos que Abraão não sabia dizer “não” a sua mulher, e por isso consentiu nesta situação proposta por Sara. Porém, o erro já havia sido cometido por ambos, e o que restava fazer era aceitar esse filho e amá-lo com todo amor. Era o seu primogênito e isto se constituía uma grande honra para um homem naqueles tempos. Mas, apesar da precipitação de Abraão, o Senhor fez uma promessa acerca de Ismael e sua descendência. Ele prometeu a Abraão que abençoaria Ismael e o faria frutificar sobre a terra. Lembrou-lhe, porém, o fato de que a sua aliança seria com o filho que nasceria de Sara (Gn 17.20.21).

Isaque, o Pai dos Judeus (Gn 18.9*14; 21.1-3)

Aos cem anos de idade, Abraão vê o milagre acontecer. Sua mulher, estéril e tendo passado a idade de ser mãe, é agraciada pelo Senhor e concebe um filho. Sara ficou tào pasmada com o milagre que entendeu que o Senhor estava zombando e rindo-se dela, fazendo-a alvo de riso. Quando

Abraão ouviu pela primeira vez a promessa de um filho, riu-se porque achava isto impossível a um homem velho. Pela segunda vez que o Senhor falou a Abraão, sua mulher ouviu e riu-se, de dentro de sua tenda. O anjo, porém, ouviu o seu riso, e por isso lhe disse que o nome do menino seria *Isaque,* que quer dizer “riso” (Gn 17.17; 18.12).

Quando nasceu Isaque, a alegria do casal foi imensa. Aos oito dias circuncidou o menino de acordo com o pacto feito com Deus (Gn 17.10). Esse pacto era o selo da união da família abraâmica com Deus. A circuncisão é ainda um rito mantido e praticado pelos israelitas. O menino Isaque cresceu, porém seu irmão Ismael, filho da egípcia, zombava dele porque nascera de uma mãe idosa. A partir

daí, Sara, sentindo-se humilhada pela escrava Agar e seu filho Ismael, mandou-os embora. Diz a Bíblia que Sara maltratou a Agar e a expulsou de sua presença. Abraão, pai das duas crianças, as amava e queria vê-las unidas, pois apesar de mães diferentes, pertenciam à mesma família. O incidente agravou-se e a separação foi inevitável, causando os danos históricos dos conflitos permanentes entre os descendentes de Ismael (os árabes) e os descendentes de Isaque (os israelitas).

O Surgimento do Conflito entre os Dois Irmãos

O primeiro conflito começou literalmente depois que Isaque nasceu (Gn 21.1-5). Sara, percebendo a zombaria de Ismael, o filho da escrava, encheu-se de ira e pediu a Abraão que despedisse Agar e seu filho. A partir de então, Ismael e sua mãe tomaram o caminho do deserto e nunca mais voltaram à comunhão plena (Gn 21.14,20,21). Do incidente que levou à separação entre Ismael e Isaque resultou esse conflito através dos séculos da história desses dois povos .St.* Abraão não tivesse atropelado o plano original de Deus, possivelmente a situação seria outra. A pressa e a Ialia de té fizeram com que agissem carnalmente Por isso

0 tilho de Agar é o filho cia carne, e o filho de Sara é o filho da promessa.

O *Comcço do Conflito (Cn 1*6 *-t-6)* I)o ponto de vista da bíblia, Ismael não é o filho da fé, e sim da incredulidade Quando nasceu o filho da lé. começou então o conflito. O Oriente Médio e a região mais conflitante da terra.

1 labilam naquela região exatamente os descendentes desses dois filhos de Abraão Pelos costumes próprios dos

povos antigos, o filho primogênito tinha herança duplicada e o restante era para os demais filhos. Mas não foi assim com os (ilhós de Abraão. A ordem foi inv ertida quanto ã herança. pois quem recebeu a herança maior, de falo, foi o segundo filho. Isaque. e não o primogênito Ismael.

.•1 *do Conflito (Cn 21 9-121* 1rs,se texto bíblico

não deixa dúvidas O deserdamento de Ismael, o primogênito, tem sido a razão principal do conflito entre Ismael e Isaque. ou seja. entre os árabes e os israelitas até o dia de hoje A rivalidade entre os dois povos nunca foi lotalmente amenizada. A historia nos mostra os vários confrontos políticos entre esses povos. Tentativas tem hav ido para amenizar a rivalidade, no entanto existe uma permanente e constante guerra Iria que mantém de pé o conflito. A luta entre Israel e os povos árabes é o reflexo do conflito entre Ismael e Isaque. e depois entre Jaco e Iisaú. li uma luta que nunca cessou e que um dia terá, profeticamente, a sua culminação histórica com a vinda do Messias, lile ira aclarar todas as coisas e dcslara todas as diferenças As terras que compreendem a Palestina sào a herança que Deus deu a descendência de Abraão. Na linha da promessa divina, podemos destacar Abraão, Isaque e Jacó, os quais foram escolhidos e eleitos por Deus para cumprir o plano divino. Com esses três homens, Deus estabeleceu o seu plano de ter um povo especial na terra para o servir e representar perante as nações do mundo. Nesse pacto divino, Deus estabeleceu a perpetuidade da possessão das terras da Palestina. Os filhos de Jacó (Israel) mantêm a promessa e o direito de posse dessa herança, e por ela vêm lutando através dos séculos (Gn 12.1,7; 13.1-4,15; 17.8). Diante dos textos comprobatórios da promessa da herança feita pelo Senhor a Abraão, Isaque e Jacó,

temos de reconhecer que a Palestina é “a possessão inalienável de Israel"

A Justiça Imparcial de Deus

A despeito de todo bom senso que Abraão sempre demonstrou em várias situações de conflito, não agiu assim com Agar e seu filho. Sara encheu-se de ciúmes contra a escrava, e exigiu a expulsão daquela que lhe servira para dar o filho que antes não podia dar ao seu marido Abraão. Este, foi incapaz de reagir à atitude precipitada e rancorosa de sua mulher e ordenou que Agar e Ismael fossem embora de sua casa (Gn 21.14).

1. Deus não abandonou a Ismael no deserto (Gn 21.14,15). Agar e seu filho saíram sem ter para onde ir, mas a Bíblia diz que ela tomou o caminho do deserto de Berseba. Apesar de Agar e Ismael terem sido o fruto de uma precipitação de Abraão e Sara, e não fazerem parte da promessa divina, Deus os abençoou copiosamente porque prometera assim (Gn 21.12,13). No caminho do deserto faltou-lhes água no odre e começaram a desfalecer. Agar, desesperada, murmura contra aquela situação porque via

que Ismael eslava chorando e desfalecendo de sede l)e repente, ela ouve a vo/ de um anjo da parle de Deus que a consola e lhe la/, promessas (Gn 21 P.J8) Km pleno deserto causticanle e seco. Deus "abriu os olhos de Agar e ela viu perto de si um “poço de água (v 19). do qual tirou água e a deu para seu filho. Deus não o abandonou, mas fez dele uma grande nacào <\ 18).

2 Deus fez da semente de Ismael uma grande nação. Diz .i bíblia que Ismael cresceu no deserto, tornou-se arqueiro e teve mulheres egípcias. A semelhança de

Jaeó. Ismael leve 12 filhos (Gn 25.13-15). que se tornaram nações naquelas cercanias que formam parte do grande povo arabe O anjo prometera a Agar que a semente de Ismael seria numerosa, e ele seria "entre os homens como um lumcnto selvagem" (Gn 16.2; Jó 39.5-8). Antes do nascimento de Isaque, que era o filho da promessa. Abraão havia centralizado suas esperanças em Ismael (Gn P.tt). mas este era o "filho precipitado da escrava" Kntretanto. Deus lhe assegurou que Ismael geraria doze príncipes, e linalmente uma grande nação (Gn 16.20: 1^{T}.20: 26.13-16).

,-I injustiça humana não anula a justiça divina

Aprendemos na bíblia que a lustiça divina tem sua base na misericórdia. Mesmo permitindo que Abraão despedisse \gar e Ismael. Deus garantiu a Abraão que abençoaria a Ismael e a sua semente (Dt 5 10; I Cr 21 13; SI 100.5). Deus nao destruiu a semente da escrava. mas a preservou por i uusu do seu amor e misericórdia para com Abraão e Sara. A atitude injusta de Sara e Abraão não anularia a perfeita justiça de Deus. Através da historia dos descendentes de Ismael e Isaque está mais que comprovado que Deus cumpre sua Palavra. Para cada um desses povos Deus tem um plano distinto, difícil de ser entendido pela nossa mente

Mas na mente de Deus tudo é claro e perfeito, porque só Ele tem conhecimento do futuro de cada criatura da terra.

O Conflito Árabe-israelense Hoje

A realidade do conflito hoje. A herança de Abraão deixada para Isaque, o segundo depois de Ismael, tem sido a polêmica e a disputa através dos séculos. O começo do conflito deu-se há quase quatro mil anos. Segundo os

historiadores, esse ódio vem sendo alimentado pelos descendentes dos dois irmãos de modo persistente e contundente. Os árabes (ismaelitas) reivindicam não só o direito de posse daquela terra que o Senhor deu aos descendentes de Isaque, mas também o direito do primogênito de Abraão. É um povo que não esquece seu progenitor como o primogênito da casa de Abraão. Através dos séculos os árabes se esforçam para tomar a terra de Israel. A fé islâmica tem forte expressão através do Corão e da capital religiosa dos árabes, Meca. Para rejeitar o judaísmo, os árabes declaram que Abraão nunca foi um judeu. Os maometanos chegam a declarar que foi Ismael quem Abraão ofereceu em sacrifício no monte Moriá, e não Isaque, como declara a Bíblia dos hebreus.

A contenção do conflito. Por causa do pecado, os filhos de Israel se dispersaram por todo o mundo. Israel foi espalhado pelas nações da terra, sem nenhuma identidade política, nem religiosa, por quase 2.500 anos. Sua herança foi invadida e maltratada pelas guerras (Lv 26.33,36,37). Apesar de tudo isto, Deus não esqueceu de seu povo nem de suas promessas, porque Ele é fiel (Dt 7.9; 32.9-11; SI 89.1). O que impede a destruição de Israel? É a fidelidade de Deus para com sua palavra dada a Abraão (Gn 12.1,2,7; 17.8). O ressurgimento do Israel moderno aconteceu pelo

poder miraculoso do Senhor. Dentre os milagres operados na vida desse povo, o maior e mais importante foi a sua preservação quando disperso entre as nações. Embora espalhados. sem uma terra própria e qualquer tipo de governo. esse povo tem sobrevivido. Enquanto os antigos vizinhos se perderam no tempo com a mistura de raças, Israel está vivo pelo poder de Deus. Um grande pensador

do século XVII escreveu sobre os judeus: “Este povo não é somente exclusivo por sua antiguidade, mas é, também, singular por sua duração, que tem sempre continuado de sua origem até agora" Deus falou através dos profetas israelitas que o povo judeu teria um longo exílio fora de sua terra, mas que, a seu tempo, sobreviveria e voltaria para a sua terra (Os 3 4,5; Jr 31-35,36).

Disputa de primazia entre irmãos. Hoje, os árabes e judeus disputam a primazia da revelação de Deus sobre Ismael e Isaque, por não entenderem que, na mente de Deus. prevalece a promessa com o primeiro pacto feito com Abraão. A primazia da benção é, antes de tudo, espiritual, e não material. O filho da promessa, de quem descende Jesus Cristo, o Salvador do mundo, é o que foi gerado por Sara, não por Agar. Há um elemento que prevalece nesta disputa, que é o espiritual sobre o físico. Ismael é filho da escrava, filho da vontade da carne, mas Isaque é filho da promessa, nascido da vontade do Espírito. A linguagem metafórica que Paulo usa ilustra dois tipos de pessoas no mundo. Os “nascidos da carne" referem-se ao “filho da escrava" e os “nascidos do Espirito referem-se ao “filho da livre" "da promessa” (Jo 3.6). Havia nas primeiras igrejas do Cristianismo muitas conversões e muitas das pessoas que entravam para a igreja eram advindas do judaísmo e de outros povos. Destacavam-se na vida comunitária da igreja dois tipos de cristãos: os legalistas e os judaizantes. Esses cristãos, legalistas e judaizantes, queriam manter os costumes da lei de Moisés dentro da Igreja, mas Paulo mostrou que, os que vivem em Cristo são libertos do legalismo mosaico, e vivem segundo o “novo pacto da graça” (Rm 14.13,15,19).

O Conflito de Jerusalém, uma Disputa entre Israelenses e Palestinos

Dentro do contexto do conflito entre os descendentes de Ismael e de Isaque, trago uma reflexão sobre o assunto, resultante de um de meus artigos para o *Mensageiro da Paz.* E começo com as palavras proféticas de Jesus, dizendo: “...e até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles" (Lc 21.24). O capítulo 21 de Lucas narra o discurso de Jesus no monte das Oliveiras, o qual declara com profundo significado o futuro de Jerusalém. Inevitavelmente, a menos que haja uma reversão dos últimos acontecimentos, parece que tudo concorre para o cumprimento profético das palavras de Jesus. O texto de Lucas 21.24 diz o seguinte: “E cairão ao fio da espada e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem" Este texto precisa ser interpretado à luz da profecia em três tempos distintos: O primeiro período refere-se à destruição de Jerusalém sob o comando de Tito, de Roma, que ocorreu 40 anos depois de Jesus ter proferido estas palavras: “e serão levados cativos para todas as nações” O segundo período tem uma extensão muito maior, e provavelmente vá até o fim da atual dispensaçâo (Graça), até o fim dos “tempos dos gentios” O terceiro período, conforme a perspectiva escatológica de Israel, entra na 70ª semana profetizada por Daniel (Dn 9.24-26), identificada na linguagem neotestamentária como o período da “grande tribulação" Porém, a razão maior des.se conflito hoje é o domínio da cidade de Jerusalém. O fato de Israel, a 1-» de maio de 19*8. ter sido leito listado na ONl nunca foi aceito pelos povos árabes existentes na Palestina e pelos po-\os limítrofes, que juraram a sua destruição. Daí por diante.

Israel não mais teve paz. Quando os países árabes resolveram unir-se e destruir Israel, os judeus (israelenses) espetacularmente os derrotaram na famosa guerra dos 6 dias e ocupou, a partir de então, a parte oriental de Jerusalem e a Cisjordânia. declarando Jerusalém como sua capital eterna e indivisível. Neste conflito atual, os palestinos residentes nas terras de Israel reivindicam a parte oriental da cidade de Jerusalém para ser capital do novo Estado que desejam criar. Mais de três milhões de refugiados palestinos vivem em países da região, aguardando o momento do reconhecimento do Estado palestino, mas Israel rechaca totalmente essa idéia Nos últimos dias. o conflito tem provocado o derramamento tie muito sangue inocente tie ambas as partes, e o ódio tem tomado proporções alarmantes. Israel é militarmente superior e a OLP totalmente inferior, mas dependente dos grupos terroristas para ataques tie surpresa contra Israel O processo de paz está deteriorado porque as autoridades tie ambas as partes não conseguem evitar o conflito. A cidade de Jerusalém está sitiada, vazia de turistas, dominada pelo medo. Lamentavelmente. Jerusalém é uma cidade de guerra, a despeito de ser identificada como “cidade tie paz O conflito tem sido acirrado. O ódio racial aumenta como fermento, e os atos tie \ iolência têm ferido e matado muita gente Até quando Jerusalém será assolada? Segundo a Palavra tie Deus. está

profetizado um tempo em que, no auge do maior conflito ainda por vir, a batalha do Annagedom. o Senhor descerá dos céus para intervir, destruirá os inimigos do povo de Deus e instalará o seu governo messiânico, tão sonhado e desejado pelos judeus.

HO



Capítulo 16

Experiências Marcantes de um Homem de Fé

Abraão tornou-se o exemplo maior de fé, apesar dos deslizes ao longo do caminho proposto por Deus. Home altos e baixos em sua experiência de fé, mas a obediência a Deus foi o ponto forte em toda a sua vida. Abraão desenvolveu uma intimidade com Deus que o tornou modelo de acào e reação diante dos desafios invisíveis e imprevisíveis em sua vida. Fie está entre os heróis da fé listados na Bíblia, porque foi capaz de romper com o passado para experimentar algo totalmente novo e desconhecido. Foi capaz, em todo o seu caminho de fé, de amar ao Senhor neutralizando sua própria vontade diante da vontade soberana dnie. Algumas experiências produziram marcas indeléveis na vida desse homem. Experiências que nos ensinam, hoje, como lidar com as várias circunstâncias da vida cotidiana.

A Experiência de Agar e Ismael (Gn 21.14-21)

Neste capítulo temos a comovente história de Agar e seu filho ao serem despedidas da casa de Abraão. Mais uma vez, demonstrando fraqueza e falta de autoridade no lar, Abraão não soube administrar a crise provocada pelo ciúme de sua mulher. Tão-somente consentiu com a atitude de Sara, ainda que não concordasse plenamente com ela, pois não podia mudar a situação existente. O filho fora gerado por iniciativa de Sara. Ela consentiu que seu marido se relacionasse sexualmente com Agar e tivesse aquele filho. Nasceu o menino, cresceu e foi de grande alegria para seu pai. Mas Sara parecia ser uma mulher emocionalmente perturbada. Exigiu a saída de Agar de sua

casa, e esta tomou o caminho do deserto com o seu filho Ismael. Nesta peregrinação pelo deserto teve muita sede. Quando o filho começou a desfalecer, Agar clamou ao Senhor e um milagre aconteceu: Deus abriu uma fonte de água próximo de onde estavam. Ainda mais: Ele lhe fez promessas de que abençoaria seu filho e sua descendência seria uma grande nação (Gn 21.18).

Abraão Fez um Pacto com Abimeleque (21.22-34)

É interessante que a primeira experiência que esses dois homens tiveram não tenha sido nada agradável.
Abraão havia mentido para salvar a própria vida e quase provocou a morte de Abimeleque. Contudo, Abimeleque reconheceu que havia algo especial entre Abraão e o seu Deus. Abimeleque era um pagão, mas tinha um senso de justiça e integridade que o tornava superior a sua própria gente na torra dos filisteus. Esse homem percebeu que Deus estava tom Abraão em tudo o que ele fazia, e por isso propôs-lhe um pacto e um juramento (Gn 21,22-24) Abraão reclamou de um poco que havia sido tomado ã forca pelos homens de Abimeleque. mas ambos fizeram um concerto para que pudessem vi\er em paz. Como uma lembrança do pacto entre ambos. Abraão plantou árvores e formou um bosque naquele lugar, o qual chamou de Berseba A experiência maior de Abraão, porém, foi o grande desafio de sua vida. a grande prova

O Grande Desafio da Fé (Gn 22.1,2)

A />mra no limite da capacidade humana (l Co 10 IA)
Abraao chegou ao máximo de sua capacidade emocional e intelectual para aceitar o desafio que Deus lhe fizera. Foi-lhe pedido algo impossível mediante a lógica do propósito divino para sua vida. Deus lhe pediu em

holocausto “o filho tia promessa Além da relação espiritual da existência tlesse filho, com a relação emocional familiar entre Abraão e Isaque e sua mãe. o velho Abraão não podia entender as razões de Deus. Fra como se Deus estivesse pedindo devolução tle algo que havia dado a Abraão. Isto se tornou um desafio a sua lógica, a sua racionalidade. Era. tle fato. uma prova que superava todas as demais experimentadas pelo velho patriarca. Abraão pareceu chegar ao limiar tia prova, do desânimo, tia desistência. Na infinita sabedoria divina, somos conduzidos, às vezes, ao limite de nossa resistência para aprendermos a confiar no exaurível poder tle sustentação tle Deus. Quantas vezes confessamos nossas limitações e dizemos: ”\ào posso mais!" “Não aguento mais!" “Estou sem forcas para reagir!" Então Deus entra em ação e suaviza o nosso sacrifício. Ele não deixa que nossas resistências estourem sem que saibamos que Ele nos prova para que o conheçamos melhor.

O sentido da prova (Gn 22.1). A expressão do texto (cf. ARC): “tentou Deus a Abraão” é melhor traduzida por: “Pôs Deus Abraão à prova” Essa segunda tradução dá a idéia mais especifica de “provar, testar, experimentar" Sem dúvida, foi o mais severo teste a que Abraão foi submetido em sua vida. Isaque nasceu por uma ação miraculosa de Deus e sob a promessa de tornar-se uma grande nação. Então Deus o pede em holocausto, como oferta de amor da parte de Abraão. Era, de fato, difícil entender os pensamentos de Deus. Mas por que Deus ainda o provava tão fortemente? O que havia de oculto que Abrào não tivesse revelado a Deus? O plano divino era grande demais para que o mesmo fosse rompido repentinamente. Deus queria a garantia de que o plano chegaria ao ponto final na história. Esse plano ia muito além da compreensão

de Abraão, e Deus não queria arriscá-lo; por isso o colocou na mais dura prova de sua vida. Quando Deus tem um plano com alguém, Ele investe na pessoa e prova-a plenamente.

As dimensões da prova. O que Deus queria provar na vida de Abraão? Destacam-se, pelo menos, três virtudes pelas quais Abraão seria provado, a) *Amor.* O apóstolo Paulo declarou aos gálatas que "a fé opera pelo amor" (G1 5.6). Deus queria provar se havia alguma coisa mais do que Deus, se Abraão o amava acima de tudo nesta vida. O amor pelo filho Isaque não podia ser maior que o amor a Deus. b) *Obediência,* "e levantou-se, e foi ao lugar que Deus lhe dissera" (Gn 22.3). Obediência e fé precisam andar entrelaçadas na vida do crente (Rm 1.5; At 5.32). Deus queria provar se Abraão estaria disposto a obedecer-lhe em quaisquer circunstâncias. Em experiências anteriores,

Ahraào chegou a vacilai na sua fé. Mas agora eslava amadurecido em sua experiência com Deus o suficiente para passar no teste, c) *Fé* Quanto Ahraào seria capaz de ceder para ohedecer a Deus? Deus lhe pediu seu filho em holocausto (Gn 22.3). e Ahraào seria capaz disso? Ele não compreendia a mente de Deus acerca daquele pedido, porque parecia-lhe que Deus queria inviabilizar a concretização da promessa. Mas a fé de Abraão foi capaz de superar a incógnita de Deus.

Qiuil é a prova máxima de nossa fé boje? Nào é fazer proezas em nome do Senhor, nem operar milagres, nem expulsar demônios das pessoas cativas. A prova máxima de nossa fé é quando somos confrontados por Deus nos nossos interesses pessoais. É quando superamos os nossos próprios limites para acreditar no plano de Deus. É

quando estamos prontos a ohedecer a Deus mesmo que nào compreendamos seus desígnios de imediato. Ahraào, embora tenha lido dificuldades para entender os desígnios de Deus para sua vida. nào questionou, nem duvidou, nem contra-argumentou com Deus, apenas *creu* e *obedeceu*. Quando Deus nos prova, quer nos tornar aptos para fazer a sua \onlade, para corrigir nossos excessos, para endireitar nossas veredas.

A Crise da Fé

O crente, por mais fiel que seja a Deus, tem em sua estrutura humana a vulnerabilidade diante das circunstâncias da vida. Ahraào leve em toda a sua vida "altos e baixos no exercício da fé Essa vulnerabilidade e típica de nossa estrutura humana limitada para entender as coisas espirituais. O Senhor conhece a nossa estrutura e, diz o salmista Davi. "lembra-se de que somos pó" (Sl 103.14).

A crise do ser e do fazer. Não foi difícil aceitar o desafio da fé quando Deus lhe pediu o seu filho em holocausto. Havia no coração de Abraão uma predisposição para obedecer a Deus, que o guiara até aquele momento. Entretanto, a partir do momento em que Abraão começou a pensar sobre o pedido de Deus, seus pensamentos parecem ter entrado em conflito: “E agora, como vou explicar esse pedido a Sara e ao meu filho? Será que não estou delirando? Será que devo fazer isto mesmo?" Era a crise do ser e do fazer. A sua fé modelar parecia perder sua singularidade. Depois do “sim” para Deus, ele teria de enfrentar uma verdade que não podia esconder de sua família. É num momento desses que se tem vontade de parar tudo e a nossa fé parece entrar em colapso. Sempre Abraão esteve pronto para dizer a Deus: ‘Eis-me aqui!”, e agora tinha vontade de desistir

porque não conseguia entender os pensamentos de Deus. Se esse Deus propiciou a ele e a sua mulher o filho desejado, e se esse filho era o filho da promessa de uma grande posteridade, por que agora parecia que Deus ia contra a lógica e o bom senso? A grande verdade dessa experiência é que, às vezes, Deus permite certas crises para que descubramos a sua grandeza e a vulnerabilidade de nosso caráter. Porém, Deus não nos desilude, nem nos decepciona, mas revela através dessas crises do “ser e do fazer” a sua superioridade.

Abraão venceu a crise e preferiu obedecer a Deus (Gn 22.4-8). Ao chegar próximo do lugar que Deus lhe dissera, Abraão teve de enfrentar a dificuldade maior: ir ao lugar do sacrifício, somente ele e seu filho Isaque. Segundo o relato histórico, Abraão só revelou ao filho o pedido de Deus ao chegar ao local do sacrifício. Não deve ter sido fácil para Isaque, um jovem adolescente cheio de vida e sonhos, ouvir

do propno pai que Deus lhe pedira em holocausto. De-du/.-se da historia que o velho pai contou a Isaque e lhe dissera tio seu amor e da dor do seu coração pelo filho, mas nao podia evitar nem desobedecer a Deus. Conclui-se que Isaque entendeu o coracào do pai e não questionou, nem relutou entregar-se para o sacrifício. Esse fato nos ensina a confiar na provisão de Deus. Até onde estaríamos em condições de obedecer a Deus em detrimento de nossos próprios sonhos e das coisas que mais amamos: nossos negocios. nossos filhos, nossos sonhos e ambições;'

A Prova e a Compensação da Fé

I *sublimidade da fé manifesta-se na obediência Uln 22* 0- |*/)* Obedecer a Deus contraria a natureza rebelde de nossa

pccaminosidade Abraão venceu a si mesmo, e entendeu que obedecer a Deus tinha a garantia da provisão tle Deus (Cín 22.8) O juiz e sacerdote Samuel teve de cle-tlarar ao desobediente rei Saul que "obedecer é melhor que satrilicar (1 Sm 1A22) O caminho da obediência e sempre mais difícil, mas não impossível. Nossa fé alcançará êxito pleno se deixarmos que ela atue sobre nossa própria \onlade Na verdade. Abraão chegou ao máximo de sua resistência. Juntamente t om seu filho preparou o altar, pedra sobre pedra. Dispuseram a lenha sobre o altar, e \braao não pôde mais esconder o segredo tio seu coracào ao filho Contou-lhe o pedido tle Deus e Isaque confiou sua \ ida ao \ elho pai

<) d/iice da resistência humana de Abraão. Conforme o ritual sacerdotal, Abraão tomou o filho e o amarrou lorte. maos e pés. colocando-o sobre o altar C) ponto linal da capai idade emocional tle Abraao chegara ao ápice Abraao chegou ao ponto máximo tle sua capacidade tle le e emo-

ção. Parece ter extrapolado seus próprios limites, porque podia confiar apenas na fidelidade de Deus (Gn 22.9.10). Abraão entendeu que “Deus não é homem para que minta’’ (Nm 23.19), por isso arriscou no futuro e vislumbrou em sua mente a certeza de que “aquele que tira a vida, também a dá" (1 Sm 2.6). Na verdade, no campo espiritual, às vezes fazemos coisas muito além da nossa capacidade de entendimento. Abraão preparou tudo conforme o ritual de sacrifícios. Até então nunca Deus pedira algum sacrifício humano e isto parecia contrariar princípios estabelecidos pelo próprio Deus. Sacrificavam-se animais, nunca pessoas. Por que Deus pedira algo tão ilógico segundo os seus princípios? Na verdade, Deus

conduziu as atitudes de Abraão até o limiar de sua resistência.

Outras experiências do tratamento de Deus. Quem não se lembra da história dos três jovens hebreus que seriam lançados na fornalha ardente se não adorassem a imagem de um rei pagão na Babilônia? Deus não impediu que fossem lançados na fornalha, mas os guardou dentro da fornalha (Dn 3.11-26). Há provas que não conseguimos evitar, mas certamente Deus as permite para que possamos glorificar o seu nome e tirar o maior proveito da sua fidelidade.

O altar de sacrifício tipifica o Calvário. Abraão levantou o cutelo para imolar o filho, mas o anjo do Senhor bradou dos céus e não deixou que o fizesse. Um carneiro preso pelos chifres num mato perto dali foi a provisão de Deus para Abraão provar-lhe que acreditava nEle. Há uma tipologia que vislumbra o que Deus fez por toda a humanidade. O monte Moriá tipifica o Calvário; o altar de sacrifícios tipifica a Cruz; Abraão tipifica a Deus Pai, que nos deu seu Filho unigénito para ser o Cordeiro de nossa expiação (Jo 3.16; Rm 5.8).

\ ;aiandc lu ,io que aprendemos e que a v erdadeira lé na< lem misiura o se manilesu em alilude elesprenelida tias oi- -,is desia \ itla \prendemos. lambem, que Peus potlc] K - ri m ₁11 ».erlas provas de nossa k para que saibamos que I U ai mu de ludo e dt lotlas as e ireunst ancias. e fiel e V ei dadein).

ABRAÃO

Experiências Marcantes de um Homem de Fé

ELIENAI CABRAL

*A*braao e um Dos personagens mais marcantes da história bíblica. Convidado por Deus para uma vida de fé, esse patriarca obteve pela fé não só a amizade com Deus mas também a prerrogativa de ser o pai dos judeus, povo de onde viria o Messias. Com honestidade, a Bíblia mostra as dificuldades que teve de enfrentar até ver de Deus as promessas feitas a si cumpridas, e os êxitos advindos de uma vida depositada, pela fé, nas mãos do Senhor. Acompanhe essa história e veja como uma vida de fé pode agradar a Deus.

Elienai Cabral e ministro do Evangelho, comentarista de Lições Bíblicas e autor dos liv ros *Comentário Bíblico - Efésios* e *Romanos*, O *pregador Eficaz* e ,4 *Síndrome do Canto do Guio*, editados pela CPAD.